

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (MESTRADO)

GUSTAVO MOREIRA ROCHA

**DO 'EU' PARA O 'OUTRO': O ABJETO COMO FORMA NORMALIZADORA NO  
ROMANCE *QUEER LEMBRA AQUELA VEZ*, DE ADAM SILVERA**

MARINGÁ, PR

2024

GUSTAVO MOREIRA ROCHA

**DO 'EU' PARA O 'OUTRO': O ABJETO COMO FORMA NORMALIZADORA NO  
ROMANCE *QUEER LEMBRA AQUELA VEZ*, DE ADAM SILVERA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Estudos Literários. Linha de pesquisa: Literatura e Construção de Identidades.

Orientadora: Érica Fernandes Alves

MARINGÁ, PR

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

R672d

Rocha, Gustavo Moreira

Do "eu" para o "outro" : o abjeto como forma normalizadora no romance *Queer Lembra aquela vez*, de Adam Silvera / Gustavo Moreira Rocha. -- Maringá, PR, 2024.  
90 f. : il. color., figs.

Orientadora: Profa. Dra. Érica Fernandes Alves.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.

1. Silvera, Adam, 1990- - Lembra aquela vez - Crítica literária - *Queer*. 2. *Queer* - Literatura infantojuvenil - Análise literária. 3. Literatura brasileira - Romance - *Queer*. 4. Preconceito - *Queer* - Literatura brasileira. I. Alves, Érica Fernandes, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras Modernas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDD 23.ed. 809.93353

Elaine Cristina Soares Lira - CRB-9/1202

Ao Nego, meu amigo  
de quatro patas, pelos  
melhores sete anos da  
minha vida. Sinto sua  
falta.

GUSTAVO MOREIRA ROCHA

**DO "EU" PARA O "OUTRO": O OBJETO COMO FORMA  
NORAMALIZADORA NO ROMANCE QUEER LEMBRA AQUELA  
VEZ, DE ADAM SILVERA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado), da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras, área de concentração: **Estudos Literários.**

Aprovado em Maringá, **21 de junho de 2024.**

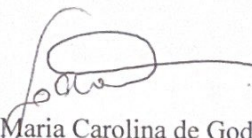
BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Érica Fernandes Alves  
Presidente da Banca (UEM/PLE)



Prof.ª Dr.ª Geniane Diamante Ferreira  
Membro Titular (UEM/PLE)



Prof. Dr. Maria Carolina de Godoy  
Membro Titular Externo (UEL - Londrina/PR)

## AGRADECIMENTOS

Com o risco de soar prepotente, gostaria de agradecer, primeiramente, a mim, pelo meu esforço, pela minha vontade de aprender e por sonhar com um mundo melhor. Não sou isso tudo, mas sou o suficiente.

À minha família que, de uma forma estranhamente funcional, me ajudou a chegar aqui.

À professora Érica, minha orientadora, pela amizade, pelos ensinamentos, pelas respostas aos fins de semana e por motivar-me a ser um professor melhor. Sem você, essa experiência não teria sido tão prazerosa.

À professora Geniane, minha inspiração desde a graduação. Obrigado pelo compartilhamento, pela amizade e por uma leitura extremamente afetuosa e crítica da dissertação.

À professora Carolina Maria de Godoy, por ser uma pesquisadora exemplar, por participar da minha banca e por tecer comentários pertinentes, que ajudaram a enriquecer ainda mais esta dissertação. Sou muito grato.

Às professoras que, na graduação, me motivaram e me fizeram persistir: Eliane Batista, Marisa Corrêa, Aline Kiminami, Aline Uchida, Nara Ribeiro, Ana Góis, Érica Danielle, Alba Feldman e Evely Libanori. Obrigado.

À Bruna Cruz e Fernanda Garcia, minhas amigas desde quando eu não entendia o que era ser gente – se é que sei –. Obrigado por tanto, desde sempre.

À Naddia Rocha e Dayane Lopes, que fizeram da graduação um espaço seguro e acolhedor para mim. Não tenho palavras para agradecer.

À Gabriela Col, por ser minha parceira de morada e, do mais importante, de Literatura. Obrigado por me aguentar.

Aos amigos que me acompanharam durante o percurso e escutaram, incansavelmente, minhas reclamações: Júlia Nicolodi, David, Priscila, Isabella dos Anjos, Isabella Schneider, Luís

Gustavo, Lucas, Gabriele, Júlia Bataglia, Lorena, Amanda, Andréia, e tantos outros que, de alguma forma, me ajudaram.

Às parceiras que a pós-graduação me deu, Gabrieli Peron e Alexia Godói. Obrigado por compartilharem comigo as aflições de estar onde estamos. Com vocês, este processo foi mais leve e divertido.

Ao meu amor, Júnior Valente, por acreditar quando eu não acreditei. De sempre para sempre.

À minha psicóloga, Loruama Machado, por cuidar dessa cabeça não tão boa assim.

À Priscila, Gabriela, Antônia, Cecília, Nego e Kingo, meus amigos pets que me ajudaram e ainda ajudam a lidar com esse mundo tão doido. Os amo mais do que tudo.

Ao GEMUP, por me acolher e me permitir conhecer pessoas incríveis e que também querem um mundo mais diverso e justo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por financiar o desenvolvimento desta pesquisa.

**DO ‘EU’ PARA O ‘OUTRO’: O ABJETO COMO FORMA  
NORMALIZADORA NO ROMANCE *QUEER LEMBRA AQUELA VEZ*, DE  
ADAM SILVERA**

A abjeção como forma normalizadora é utilizada para oprimir, excluir, desumanizar e controlar os sujeitos que fogem do padrão hegemônico estabelecido, isto é, o indivíduo branco, cisgênero, heterossexual e masculino. A comunidade *queer*, organizada após uma série de barbáries contra os sujeitos desviantes, busca, por meio de sua vivência e luta, abraçar e ressignificar o que é ser abjeto. A partir do romance *queer Lembra aquela vez* (2017), do autor estadunidense com ascendência porto-riquenha, Adam Silvera, objetivamos, nesta pesquisa, identificar as marcas recorrentes de preconceito contra os indivíduos *queer*, além da compreensão das resistências e suas complexidades no contexto do romance. No livro, o autor cria um mundo em que um procedimento fruto de uma pseudociência é capaz de suprimir memórias. Aaron, protagonista da história, é um adolescente latino e pobre morador do Bronx, em Nova Iorque, que é surpreendido com o suicídio do seu pai. Com a ajuda de seus amigos e sua namorada, o garoto tenta seguir em frente, mas Thomas, seu novo amigo, o faz questionar toda sua vida, incluindo sua sexualidade, o que é um problema. A partir desse momento, o mundo de Aaron se desestabiliza, principalmente quando descobre que já foi submetido, por escolha própria, ao procedimento de supressão de memórias para esquecer que é homossexual, pela Leteo, empresa que promove o procedimento que é metáfora da cura gay. Adicionalmente, buscou-se verificar se as práticas de homofobia são internalizadas e de que maneira os sujeitos marginalizados procuram se conformar com a sociedade. Por último, foi imperativo investigar o papel da literatura juvenil na abordagem desse tema e como o preconceito influencia na formação dos adolescentes. Para tal, a pesquisa é de cunho bibliográfico, com base em três grandes pilares: os estudos do sujeito, de Hall (2003), Butler (2003, 2019), Louro (2004) e Salih (2012); os estudos de gênero e sexualidade, de Butler (2003; 2019), Salih (2012), Miskolci (2012), Louro (2004; 2012; 2014) e; os estudos da literatura infantojuvenil, de Zilberman (2015), Hunt (2010) e Garcia (2013). Os resultados, alcançados cumpriram com os objetivos propostos na pesquisa, portanto, constatamos as marcas de preconceito contra os indivíduos *queer* e as consequências geradas; compreendemos as resistências e suas complexidades, ou seja, o indivíduo, por meio da opressão, pode também se colocar como abjeto; a forma que Aaron, como homossexual, utiliza da ‘cura gay’ para se adequar à sociedade e; como a literatura juvenil *queer* possui o poder de identificação com aqueles que buscam se enxergar nas histórias que devem ser contadas.

Palavras-chave: *Lembra aquela vez*. Cura gay. Literatura infantojuvenil. *Queer*.



**FROM ‘ME’ TO THE ‘OTHER’: THE ABJECTION AS A NORMALIZING  
FORM IN THE QUEER NOVEL *MORE HAPPY THAN NOT*, BY ADAM  
SILVERA**

Abjection as a normalizing form is used to oppress, exclude, dehumanize and control those who deviate from the established hegemonic standard, that is, the white, cisgender, heterosexual and male individual. The queer community, organized after a series of barbarities against deviants, seeks, through its experience and battles, to embrace and reframe what it means to be abject. Based on the queer novel *More Happy Than Not* (2017), by the American author of Puerto Rican heritage, Adam Silvera, we aim, in this research, to identify the recurring marks of prejudice against queer individuals, in addition to understanding resistance and its complexities in the context of the novel. In the book, the author creates a world in which a procedure resulting from pseudoscience is capable of suppressing memories. Aaron, the protagonist, is a poor Latino teenager living in the Bronx, New York, who is surprised by his father's suicide. With the help of his friends and his girlfriend, the boy tries to move on, but Thomas, his new friend, makes him question his entire life, including his sexuality, which is a problem. From that moment on, Aaron's world destabilizes, especially when he learns that he has already been subjected, by his own choice, to the memory suppression procedure – as a way to forget that he is homosexual – by Leteo, a company that promotes the procedure, which is a metaphor for the conversion therapy. Additionally, we sought to verify whether homophobic practises are internalized and how marginalized individuals seek to conform to society. Finally, it was necessary to investigate the role of young adult literature in addressing this topic and how prejudice influences the adolescents' identities. To this end, the research has a bibliographic nature, based on three main pillars: studies on the subject, by Hall (2003), Butler (2003, 2019), Louro (2004) and Salih (2012); studies on gender and sexuality, by Butler (2003; 2019), Salih (2012), Miskolci (2012), Louro (2004; 2012; 2014) and; studies on children's and young adult literature, by Zilberman (2015), Hunt (2010) and Garcia (2013). The results achieved met the objectives proposed in the research; therefore, we noted the signs of prejudice against queer individuals and the consequences generated by this; we understand resistance and its complexities, which means that the individual, through oppression, can also position themselves as abject; the way that Aaron, as a homosexual, uses the 'conversion therapy' to fit into society; and how queer young adult literature has the power to identify with those who seek to see themselves in the stories that must be told.

Keywords: *More happy than not*. Conversion therapy. Children's and young adult literature. Queer.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Imagem da página inicial do site da Livraria Cultura.....	p. 27
<b>Figura 2:</b> Forma como os livros são vendidos no site da livraria Leitura.....	p. 27
<b>Figura 3:</b> Capa do livro <i>Os dois morrem no final</i> (2021) .....	p. 31
<b>Figura 4:</b> Capa do livro <i>O primeiro a morrer no final</i> (2023) .....	p. 31
<b>Figura 5:</b> Capa da versão brasileira de <i>A história é tudo que me deixou</i> (2021) .....	p. 32
<b>Figura 6:</b> Capa da versão estadunidense de <i>A história é tudo que me deixou</i> (2021) .....	p. 32
<b>Figura 7:</b> Capas dos livros <i>E se fosse a gente?</i> (2019) e <i>E se a gente tentasse?</i> (2022) .....	p. 33
<b>Figura 8:</b> Capa do livro <i>Infinity son</i> (2020) .....	p. 33
<b>Figura 9:</b> Capa do livro <i>Infinity reaper</i> (2021) .....	p. 34
<b>Figura 10:</b> Capa do livro <i>Infinity kings</i> (2023) .....	p. 34
<b>Figura 11:</b> Capa brasileira do livro <i>Lembra aquela vez</i> (2017) .....	p. 35
<b>Figura 12:</b> Capa estadunidense de <i>Lembra aquela vez</i> (2015) .....	p. 35
<b>Figura 13:</b> Capa do livro <i>Because you love to hate me</i> (2017) .....	p. 36
<b>Figura 14:</b> Capa de <i>(Don't) Call me crazy</i> (2018) .....	p. 36
<b>Figura 15:</b> Resultado da busca “brinquedo para meninas.....	p. 66
<b>Figura 16:</b> Resultado da busca “brinquedo para meninos.....	p. 66

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**IJ** - Infantojuvenil

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1: A LITERATURA INFANTOJUVENIL, ADAM SILVERA E SUA TESSITURA .....</b>	<b>19</b>
1.1 ADAM SILVERA E A INCLUSÃO DAS VOZES QUEER NA LITERATURA JUVENIL	30
<b>CAPÍTULO 2: A HOMOSSEXUALIDADE E SEU TRAJETO HISTÓRICO NÃO TÃO ENTUSIASMANTE .....</b>	<b>39</b>
2.1. GÊNERO E SEXUALIDADE.....	41
2.2. O SUJEITO .....	43
2.3. O GÊNERO.....	45
2.4. O SEXO E A SEXUALIDADE .....	49
2.5. O QUARE.....	51
2.6. A ABJEÇÃO E SEU DESENROLAR .....	54
<b>CAPÍTULO 3: O ‘EU’ COMO O ‘OUTRO’ EM LEMBRA AQUELA VEZ .....</b>	<b>57</b>
3.1. A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA.....	62
3.1.2 O Antes do Leteo .....	64
3.1.3 O primeiro procedimento do Leteo, a metáfora da cura gay e a patologização da homossexualidade .....	78
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>82</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>

## INTRODUÇÃO

*“Se os cegos são capazes de encontrar a alegria na música, e os surdos podem descobri-las nas cores, eu vou me esforçar ao máximo para sempre encontrar o sol em meio à escuridão, porque minha vida não é um final triste, mas uma série interminável de começos felizes.”*

(Silvera, 2017, p. 330).

Nas últimas duas décadas, a literatura infantojuvenil, doravante denominada IJ, tomou grandes proporções no que diz respeito ao mundo editorial. A partir dos anos 2000, diversos filmes *blockbusters*, por exemplo, foram adaptações de livros IJ, como a saga *Harry Potter* (2001-2011), *Crepúsculo* (2008-2012), *Jogos Vorazes* (2012-2015) etc. Todos com arrecadações bilionárias. A influência desses livros no mundo alcançou diversos segmentos, tornando-os clássicos do entretenimento, queiram ou não. Entretanto, não só o sucesso é um ponto em comum entre esses clássicos, mas também a cor da pele de suas autoras (J.K Rowling, Stephenie Meyer e Suzanne Collins), mulheres brancas, que escrevem personagens protagonistas também brancos (Harry, Bella e Katniss). Por isso, a pergunta que deve ser feita é: onde estão os livros IJ escritos e protagonizados por maiorias minorizadas<sup>1</sup>?

Apesar de acharmos que tais livros não existam, eles estão dispersos nas livrarias e bibliotecas, mas só ganharam esse pequeno espaço a partir de movimentos civis e sociais manifestados por sujeitos advindos das minorias, como as mulheres, negros, indígenas e a comunidade *queer*. No início do século XX, surge o movimento sufragista, considerado como a primeira onda feminista, em que as mulheres brancas se uniram em busca de seus direitos políticos, como a escolha de trabalhar e votar. Contudo, as mulheres negras não se sentiram representadas, uma vez que já trabalhavam há muito tempo, em sua grande maioria, nas casas da elite branca. Portanto, se uniram em busca de seus direitos, como mulheres afro-americanas, pelo movimento conhecido como a segunda onda feminista. Ao mesmo tempo, iniciavam-se, também, o movimento homossexual e a campanha pelos direitos civis e igualdade dos indivíduos afro-americanos.

---

<sup>1</sup> O termo maiorias minorizadas é utilizado para nomear os sujeitos que, embora sejam maioria em quantidade, são marginalizados pelo discurso dominante normatizador, como os negros, os indígenas, as mulheres, a comunidade LGBTQIAPN+, as pessoas com deficiência etc.

Em 1960, esses três grupos, unidos pela luta de classes, raça e gênero, deram o pontapé inicial ao *queer*, "[...] um impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea" (Miskolci, 2012, p. 12). A luta se tornou mais forte quando, em 1969, liderados por Marsha P. Johnson, mulher negra e transexual, houve a revolta de Stonewall em Nova York, quando um grupo composto por esses sujeitos se posicionou contra a repressão policial e a favor da liberdade sexual. 11 anos depois, no início dos anos 80, uma nova luta se inicia quando a epidemia de aids aterroriza os Estados Unidos e, de forma truculenta, é erroneamente atrelada aos indivíduos homossexuais. A AIDS ficou conhecida como a ‘doença gay’, o que gerou uma onda de opressão contra uma comunidade que já era marginalizada.

A partir desses fatos, a comunidade *queer* passa a ter mais visibilidade, principalmente, na literatura, na qual foram capazes de se colocarem e se verem em suas histórias. A literatura *queer* vem demonstrando um levante nos últimos anos, com livros que retratam as identidades desviantes, como: *Crush* (1981), de Jane Fitcher, que aborda a história de Jinx, uma estudante de internato descobrindo sua sexualidade; *Annie on My Mind* (1982), de Nancy Garden, que mostra de perto o início do romance entre Liza e Annie, duas jovens de 17 anos que possuem vidas diferentes, mas que as ligam de alguma forma; *From the Notebooks of Melanin Sun* (1997), de Jacqueline Woodson, que trata sobre a realidade de um garoto negro e pobre descobrindo que sua mãe é lésbica; *Name me Nobody* (1999), de Lois Ann Yamanaka, que nos apresenta Emi-Lou, uma garota de 13 anos, acima do peso e alienada pela família, lutando para entender a paixão que sua melhor amiga sente por outra garota; *Keeping you a Secret* (2003), de Julie Anne Peters, que conta a história de Holland, uma jovem de 17 anos questionando seus próprios sentimentos e lidando com a homofobia; *15 dias* (2017), de Vitor Martins, em que o jovem personagem lida com o florescimento de sua sexualidade, bem como com questões de autoaceitação e autoestima; *Vermelho, branco e sangue azul* (2019), de Casey McQuiston, que traz um romance impossível entre o filho da presidente dos Estados Unidos e o príncipe da Inglaterra e; *Heartstopper* (2016), de Alice Oseman, que mostra Nick e Charlie, dois adolescentes, vivendo um romance enquanto frequentam a escola.

Temáticas que abordam indivíduos LGBTQIAPN+, PcDs, mulheres, negros e indígenas tornaram-se mais comuns a partir da década de 1960, mas ainda muito aquém de serem o suficiente. Essas literaturas escritas e protagonizadas pelas maiorias minorizadas são formas de resistência, principalmente frente à onda reacionária que afeta a política mundial atualmente. No Brasil, por exemplo, em 2017, o então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, proibiu a venda de uma HQ de super-heróis, na Bienal do Livro, que trazia um beijo gay em uma de

suas páginas. A Bienal se negou a retirar os livros de seus estandes, e o público se prontificou a esgotar os exemplares.

Em âmbito internacional, em março de 2023, na África, o parlamento de Uganda sancionou a lei que criminaliza os cidadãos do país de se identificarem como LGBTQIAPN+, sendo as punições pena de morte ou prisão perpétua. No estado da Flórida, nos Estados Unidos, o governador de extrema direita, Ron de Santis, sancionou, em 2023, no dia internacional contra a LGBTQIAPN+fobia, cinco leis que restringem direitos às pessoas pertencentes a essa comunidade, são elas: projeto de lei 254, que impõe restrições aos tratamentos de afirmação de gênero; lei 1069, que proíbe estudantes trans de usarem os pronomes pelos quais se identificam; lei 1438, que proíbe crianças de assistirem apresentações de *Drag Queens*; lei 1521, que determina que banheiros públicos devem ser separados de acordo com o sexo biológico, impossibilitando pessoas trans de usarem o que desejarem e lei 225, que passa o controle da *Florida High School Athletic Association* para o governo da Florida, que visa excluir pessoas trans dos esportes.

Durante o mandato reacionário de Trump (2017-2021), quando políticas de opressão foram fortemente discutidas e executadas, movimentos identitários da oposição tiveram papel importante na luta contra o retrocesso, vide o *Black Lives Matter*, fundado em 2013, que tomou mais força para se opor ao governo do ex-presidente americano, marcado por cenas de violência policial e passeatas neonazistas. Já no Brasil, segundo a Secretaria de Segurança Pública de São Paulo, em 2022, a polícia paulista matou uma pessoa por dia, resultando em 414 casos. Dessas pessoas, 62,5% eram negras<sup>2</sup>.

As maiorias minorizadas vêm, de forma explícita, sendo perseguidas, seja por políticas reacionárias e extremistas ou por violência policial. Do mesmo modo, as literaturas de maiorias minorizadas existem, mas não chegam perto da divulgação massiva de livros com protagonistas heterossexuais, cisgêneros e brancos. Não podemos, de fato, afirmar que personagens marginalizados não são representados em livros II, mas, quando aparecem, são, em geral, coadjuvantes rasos com o único intuito de dar apoio aos protagonistas. Thomas (2016) relata que esses personagens são estereotipados e caricatos, o que se constitui como um problema que dura décadas no que diz respeito à literatura.

É a partir dos anos 2000 que as maiorias minorizadas, de fato, começam a adentrar espaços de protagonismo com o crescimento das publicações II. Nos últimos anos, diversos

---

<sup>2</sup> Violência policial é expressão de racismo em diversas partes do mundo. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/violencia-policial-e-expressao-do-racismo-em-diversas-partes-do-mundo>>. Acesso em: 2 de julho, 2023.

livros com temáticas que englobam identidades marginalizadas foram vencedores de conceituados prêmios, como *The Poet X* (2018), de Elizabeth Acevedo, que retrata a história de Xiomara Batista, uma garota negra do Harlem que, por meio da poesia, expõe sua raiva e sua forma de lidar com o mundo; *King and the Dragonflies* (2020), de Kacen Callender, que aborda gênero, sexualidade e raça na visão de King, um jovem que acredita que seu irmão reencarnou em uma libélula; *Last Night at the Telegraph Club* (2021), de Malinda Lo, que segue Lily Hu, uma garota filha de imigrantes chineses descobrindo sua sexualidade e *All My Rage*, (2022), de Sabaa Tahir, que versa sobre um casal de imigrantes paquistaneses nos Estados Unidos comandando um hotel de beira de estrada. Todos os ganhadores do *National Book Award for Young People's Literature*, prêmio máximo da literatura infantil e juvenil dos Estados Unidos. No Brasil, o prêmio *Jabuti* também teve a literatura de maiorias minorizadas como destaque: *Da minha janela* (2020), de Otávio Júnior e Vanina Starkoff, que traz a vida de um narrador observando tudo e todos pela sua janela, em uma favela no Rio de Janeiro e; *Obax* (2011), de André Neves, que nos apresenta Obax, uma garotinha, de origem africana, contando suas aventuras para o seu povo, mesmo que eles não acreditem. A tendência, ao que parece, é que esses livros estão, finalmente, ocupando espaços de destaque e sendo, cada vez mais, agraciados por premiações ao redor do mundo. Nesse contexto, a ascensão das representações literárias que abordam as identidades *queer* é um passo fundamental para desafiar a narrativa que ainda é perpetuada na literatura.

Portanto, diante do preconceito ainda arraigado em várias sociedades, como a literatura *queer* juvenil tem retratado os sujeitos que são discriminados?

Para debater tal questão, o objetivo geral deste trabalho é mostrar como as identidades *queer*, ainda hoje, são tidas como abjetas. O corpus literário da análise desta pesquisa é o romance *Lembra Aquela Vez* (2017), do autor estadunidense, mas com ascendência porto-riquenha, Adam Sivera. Na obra, é retratada a história de Aaron Soto, um adolescente latino, pobre e gay, do Bronx, em busca de sua identidade, uma vez que, após a rejeição de seu pai, decide passar por um procedimento médico que suprime memórias. O *leitmotiv* da obra é a conhecida cura gay, que tem, como princípio, a patologização da homossexualidade. Diante disso, nos questionamos: como o protagonista resiste à pressão da sociedade normalizadora ao seu redor?

Os objetivos específicos são identificar as marcas comuns de preconceito contra os sujeitos *queer*, assim como compreender as resistências e suas nuances no romance; também espera-se identificar se as práticas de homofobia são naturalizadas e como os indivíduos



marginalizados tendem a agir para tentarem se adequar à sociedade – por exemplo, Collins, ex-namorado de Aaron, que se obriga a namorar uma garota e a engravidar. Por fim, há a necessidade de investigar como a literatura juvenil contribui para a discussão da temática e como o preconceito afeta a formação do sujeito adolescente. Portanto, várias justificativas são levantadas.

Em primeiro lugar, é necessário salientar que o tema a ser explorado nesta pesquisa, o da cura gay, não é novidade em nossa sociedade. As terapias de conversão, como são oficialmente nomeadas, são datadas desde meados do século XIX e diversos psiquiatras a performaram. Lobotomização, castração e tratamentos hormonais eram alguns dos métodos utilizados. Torna-se desafiador lidar com temáticas que abordam indivíduos que estão à margem, pois, no Brasil, por exemplo, o progressismo anda a passos curtos e, com a polarização política dos últimos anos, é preciso redobrar os esforços para ocupar espaços que são nossos por direito. A censura e o silenciamento fazem parte do cotidiano e do dia a dia, por isso crescemos sem compreender, de fato, o que somos. Parte de nossas vidas são tomadas em prol de uma conduta heteronormativa que não nos serve, assim, somos, constantemente, sequestrados de nós mesmos.

Coloco-me como uma das principais justificativas para o surgimento desta pesquisa, pois a Universidade Pública, em sua diversidade, me refugiou. Foi a Universidade que me deu a oportunidade de entender minha identidade homossexual. Foi a Universidade que me mostrou as diferentes facetas em que o ser humano pode se encontrar. Foi a Universidade que, por fim, mostrou-me que família nem sempre é sinônimo de acolhimento e segurança. Alcançar esses espaços de prestígio, como a academia, que, por muito tempo, eram exclusivos para as elites hegemônicas e propagadores de suas teorias, me fez perceber que os tempos estão mudando. Por mais que sejamos constantemente apagados, conquistamos o que tanto tentam nos tirar. Portanto, estar onde estou, em um programa de pós-graduação de excelência, e pesquisador nos estudos que tangem à diversidade sexual é, no mínimo, esperançoso. Há muito a ser conquistado ainda, as lutas pela equidade estão só no começo, mas, de pouco em pouco, estamos reivindicando as estruturas que fundamentam nossa sociedade.

Junto com as identidades minorizadas, surgiu o interesse em estudar a Literatura Infantojuvenil que, por muito tempo, foi marginalizada e usada como educador moral pelas elites hegemônicas, como aponta Zilberman (2015). As literaturas JJ, principalmente escritas por grupos minoritários, possuem o poder de fomentar questões importantes para a formação crítica, uma vez que o autor, com suas éticas e valores, escreve o texto que dialoga com a

criança. Essa literatura não deve mais ser vista como menos importante, mas como uma literatura carregada de discussões significativas que moldam crianças e adolescentes, ajudando-os a pensar e a refletir sobre si e sobre o mundo.

Entende-se que a LI pode ser um fator crucial na dissolução do reacionário, mas pode, também, servir como fator principal para a manutenção da hegemonia, por isso o interesse na temática. Em uma busca no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil, ao pesquisarmos o termo ‘Literatura Infantojuvenil’, apenas nove resultados são mostrados, porém somente dois deles são, de fato, focados em LI; já com o termo Literatura Infantojuvenil *queer* não houve resultados. Assim, vemos que há um espaço a ser conquistado por essa literatura na academia brasileira. Também há a necessidade de estudarmos a literatura IJ, do ponto de vista do profissional de Letras que, formado em uma licenciatura, será professor de crianças e jovens e, portanto, deve dominar métodos, formas e possibilidades de trabalhar esses livros. Por fim, o interesse também se dá pela validação da existência *queer*, uma vez que a sociedade quer negá-la nas mais diversas estruturas, inclusive a literária.

No que tange à academia brasileira, não há estudos sobre a obra escolhida para fundamentar essa dissertação, portanto, as reflexões acerca dos estudos *queer* presentes em *Lembra aquela vez* (2017), de Adam Silvera, são inéditas no Brasil. Por outro lado, há pesquisas internacionais que abordam essa obra e possuem, como temas, a violência contra a comunidade *queer*, vista em *Victimization of Queer Individual as Portrayed in Adam Silvera’s More Happy Than Not Novel* (2023), de Ira Alifia Yunita, Singgih Daru Kuncara, Setya Ariani; a heteronormatividade e os níveis de homofobia (repulsa-aceitação), como em *When Love Dares (not) say its name; homophobia and (homo)sexual identity portrayed in Silvera’s More Happy than Not*, de Fitria Zahrina Putri.

A complexidade dos estudos de gênero se fundamenta em critérios inerentes à existência humana, visto que somos seres sociais e construímos nossas identidades com base em nossas experiências. Entretanto, há questões centradas da biologia que limitam as discussões e são tomadas, unicamente, como principal regente da humanidade. Dessa forma, decorre a necessidade de rompermos os valores bioessencialistas que, unicamente, mobilizam toda uma estrutura referente a um gênero binário, como homem ou mulher. Butler, em sua pesquisa, desbrava os papéis de gênero ao destacar que ser mulher não é ser feminina, da mesma forma que nem sempre ser homem é ser masculino.

Embora a unidade indiscutida da noção de “mulheres” seja freqüentemente invocada para construir uma solidariedade da identidade, uma divisão se

introduz no sujeito feminista por meio da distinção entre sexo e gênero. Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo (Butler, 2003, p. 13).

Assim, devemos nos questionar como a heterossexualidade compulsória deve ser problematizada e como os padrões performativos devem ser desvinculados de um gênero, uma vez que, para a autora, gênero provém do discurso<sup>3</sup> e o sexo provém do gênero, ou seja, é culturalmente e hierarquicamente construído:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos (Butler, 2003, p. 13).

Butler, portanto, desvincula a heterossexualidade como algo natural, assim, entende-se que um determinado sexo, referente a um gênero, não possui desejo inerente ao sexo e gênero distinto e, neste sentido, o ‘ser heterossexual’ também é fruto de construção. Louro (2004, p. 15) afirma que “O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe sexo como um ‘dado’ anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse ‘dado’ sexo vai determinar o gênero e seu desejo”. Esses princípios, que partem do reacionário, denominam pessoas *queer* como seres abjetos, estranhos e incapazes de amar ou serem amados. “Vemos isso de forma mais clara nos exemplos desses seres abjetos que não parecem estar apropriadamente generificados; a própria humanidade deles é

---

<sup>3</sup> “Quando utiliza essa palavra, Butler está não apenas se referindo à “fala” ou à “conversação”, mas especificamente às formulações de Foucault sobre o discurso como “grandes grupos de enunciados” que governam o modo como falamos e percebemos um momento ou momentos históricos específicos. Foucault compreende os enunciados como eventos reiteráveis que estão ligados por seus contextos históricos. A sua obra busca as continuidades entre enunciados que, juntos, constituem a formações discursivas, tais como “medicina”, “criminalidade”, “loucura”. Foucault está interessado particularmente nas posições de sujeito pressupostas pelos enunciados e no modo como os sujeitos são discursivamente constituídos. Assim, em *A história da loucura* (1961), Foucault argumenta que o conceito de doença mental foi construído no século XIX, enquanto em *A história da sexualidade v. I* (1976), ele afirma que o sexo e a sexualidade foram controlados e, ao mesmo tempo, produzidos num surto discursivo que teve lugar no século XIX. Em outras palavras, conceitos tais como “loucura”, “criminalidade” e “sexualidade” são construtos discursivos que deveriam ser analisados no âmbito do contexto ou da mudança histórica específica em que ocorrem.” (Salih, 2012, p. 69).

questionada” (Butler, 2019, p. 28). Por isso, essa pesquisa se faz necessária para desmistificamos a visão heteronormativa e reacionária que envolve o *queer*.

No que diz respeito à estrutura da dissertação, além da introdução, das considerações finais e da bibliografia teórica, o texto está fundamentado em 3 seções que serão descritas a seguir.

O primeiro capítulo expande o *corpus* utilizado nesta pesquisa, esmiúça a biografia de Adam Silvera, sua fortuna crítica, e aborda a história da Literatura Infantil e Juvenil, explorando temáticas como a marginalização literária. O aporte teórico utilizado foi de Zilberman (2015), Claudin (2003), Cândido (2011), Garcia (2013) e Hunt (2005).

O segundo capítulo trata sobre a Teoria *Queer*, sua história e as identidades construídas a partir desse grupo de resistência e as relaciona com o *corpus* da pesquisa. Butler (2003; 2019), Miskolci (2012) e Louro (2004) fazem parte das teorias utilizadas.

O terceiro capítulo versa sobre a essência do sujeito homossexual e o modo pelo qual a sociedade rejeita essas identidades tendo, como corpus de análise, o romance em questão. Trataremos sobre corpos abjetos, silenciamento, resistência e uma crítica à tão difundida “cura gay”, que nos assombra até os dias atuais. Miskolci (2012) e Butler (2003) são utilizados como bibliografia obrigatória.

Em conclusão, traçamos aspectos que envolvem o cerne da identidade homossexual em *Lembra Aquela Vez* (2017), de Silvera, uma vez que são corpos constantemente apagados e sistematicamente silenciados, e constatamos a importância das Literaturas IJ de maiorias minorizadas no que diz respeito à representatividade, o que relaciona todos os tópicos anteriormente discutidos no sentido da historização e identificação dos sujeitos e da representação tanto da teoria quanto da narrativa *Queer*.

## CAPÍTULO 1

### A LITERATURA INFANTOJUVENIL, ADAM SILVERA E SUA TESSITURA

A literatura voltada para a infância surge no final do século XVII e ganha força durante o século XVIII. Antes disso, não se encontrava, no Ocidente, qualquer tipo de política para crianças (quando abastadas e/ou trabalhadoras), já que não eram vistas como seres sociais, mas como seres incapazes de agir no mundo. Como se sabe, a classe trabalhadora servia apenas para a mão de obra, abdicando de sua humanidade. Portanto, não existia a noção do termo que conhecemos, atualmente, como infância.

Zilberman, em seu livro *A Literatura Infantil na Escola* (2015), relata que o nicho literário infantil só surge quando a família, durante a idade moderna, toma um novo significado: “A mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular [...]” (Zilberman, 2015, p. 3). Em uma época em que o mundo, tecnicamente, evoluía e se industrializava, a mão de obra infantil se fez necessária e, com crueldade, milhares de crianças morreram, de forma trágica, sem ao menos chegarem à adolescência.

Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam do mesmo evento, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções (Zilberman, 2015, p. 3).

Isto posto, a literatura infantil e, logo após, a escola, surgem para fazer o papel controlador do intelecto desse público, ou seja, ganham teor moralizante. Zilberman (2015) relembra que a literatura (fábulas, contos de fadas etc.) voltada para as crianças é criada e, por muito tempo, escrita por pedagogos e professores com o intuito de educar essa faixa etária. Entretanto, até os dias atuais, essa prática continua forte no ensino brasileiro, o que a torna algo problemático: “não é aceita como arte, por ter uma finalidade pragmática; e a presença do objetivo didático faz com que ela participe de uma atividade comprometida com a dominação da criança” (Zilberman, 2015, p. 4). Ao passar a literatura do âmbito artístico para o âmbito educacional, corremos o risco de fazer com que as crianças percam o gosto pelos livros, uma vez que associem a prática de ler a uma obrigação ou aprendizado. Por isso, devemos

reestruturar a forma como criamos e tratamos a literatura infantil, para que, assim, ampliemos o diálogo entre o leitor e o livro.

Coelho (2000) afirma que a literatura IJ estava pautada em 10 valores sociais. O primeiro é o *individualismo*, que, com suas verdades absolutas, moldam o sistema, ou seja, a sociedade cristã, rica, patriarcal etc., é vista como reflexo. Portanto, os personagens dessas literaturas são “seres de exceção, modelos de qualidades e virtudes consagradas pela Sociedade, como padrões ideais a serem imitados.” (Coelho, 2000, p. 20). O segundo valor é a *obediência absoluta*, que especifica à literatura IJ a sua obrigação em obedecer aos padrões e ideais estabelecidos pela “igreja, governo, patrão, pai, esposo.” (Coelho, 2000, p. 20). Assim, os personagens literários possuem os bons costumes como algo intrínseco ao ser. O terceiro valor é o *sistema social*, que “valoriza as minorias privilegiadas pela fortuna; respeita o saber dos que ascenderam socialmente pelo estudo (profissões liberais) e incentiva o paternalismo (como compensação ao desequilíbrio social)” (Coelho, 2000, p. 21). Nesse valor, o homem sempre será o chefe, tomando decisões supremas e sendo autoridade máxima, enquanto as mulheres são responsáveis pela educação dos filhos e pelo bem-estar da família. Na literatura, Coelho (2000, p. 21) afirma que as características citadas são vistas de forma evidente, caricata, “reforçando os limites entre o que é próprio da mulher e do homem”.

O quarto valor é a *moral dogmática*, que possui, como norma padrão, a religião. Na literatura, aparece “na rigidez da *conduta certa* ou *errada*, que se condensa na *moral da história* ou no prêmio ou castigo recebidos pelas personagens” (Coelho, 2000, p. 21). Como resultado dessa prática religiosa, o quinto valor é a *Sociedade sexófoba*, que estigmatiza o sexo e o transforma em pecado. A igreja transforma um ato natural em um ato moral, porém apenas as mulheres sofrem verdadeiramente com essa norma moralizante, ou seja, é mais um ato sexista perpetuado pela igreja. Já o sexto valor é a *reverência pelo passado* como norma a ser seguida, prestigiada e perpassada. Coelho (2000) diz que os grandes mestres da literatura são cultuados devido a esse valor literário.

O sétimo valor é a *concepção da vida*, que possui, como objetivo principal resgatar a culpa, ou seja, com as boas ações praticadas, poderão adentrar ao paraíso cristão novamente. O oitavo valor é o *racionalismo*, em que tudo tem como explicação a razão, apoiada pela fé e pela ciência.

Já o nono valor é o *racismo*, que marca a sociedade desde os primórdios com a escravização de uma raça. Coelho (2000, p. 23) reitera que “A literatura tradicional procurou denunciar essa aviltante injustiça contra as raças consideradas “inferiores” pela raça vencedora,

mas se limitou aos aspectos sentimentais e puramente humanos, deixando de lado suas profundas raízes político-econômicas”. Por fim, o décimo valor é a *criança* vista como um pequeno adulto. A infância deve ser o mais curta possível, para que a educação normativa e rígida possa levar esse indivíduo ao patamar de adulto. Daí a utilidade da literatura IJ para uma sociedade tradicionalista, ou, melhor dizendo, reacionária.

Essa literatura, com todo seu valor, foi propagada por grandes nomes literários, como Louisa May Alcott (1832-1888), escritora, contista e poeta norte-americana, que teve a literatura infantil como foco de sua narrativa. Suas principais obras, por ordem cronológica, são: *Flowers Fables* (1855), *Hospital Sketches* (1863), *The Rose Family* (1864), *Moods* (1865), *Morning-Glories and Other Stories* (1867), *The Mysterious Key and What it Opened* (1867), *Little Women* (1868), *Good Wives* (1869), *An Old Fashioned Girl* (1870), *Little Men* (1871), *Aunt Jo’s Scrap-Bag* (1872-1882), *Work: A Story of Experience* (1873), *Beginning Again* (1875), *Eight Cousins* (1875), *Rose in Bloom* (1876), *A Modern Mephistopheles* (1877), *Under the Lilacs* (1877), *Jack and Jill* (1880), *Jo’s boys* (1886), *Lulu’s Library* (1886-1889), *A Garland for Girls* (1888) e *Comic Tragedies Written by Jo and Meg* (1893).

Outro autor também conhecido pela sua contribuição para com a literatura infantil foi Lewis Carrol (1832-1898), um importante romancista, contista, fabulista, poeta, desenhista, fotógrafo e matemático britânico. Sua obra mais conhecida é *Alice no País das Maravilhas* (1865), que foi um marco na literatura infantil por conta do seu estilo *nonsense* e não moralista, encantando milhares de leitores ao redor do mundo.

No Brasil, o primeiro nome de peso para a literatura infantil foi Monteiro Lobato (1882-1948), que tem metade de sua obra literária dedicada à literatura infantil. Lobato era contista, ensaísta, tradutor e advogado brasileiro. Suas obras mais famosas são *Reinações de Narizinho* (1931), *Caçadas de Pedrinho* (1933) e *O Picapau Amarelo* (1939). Hoje, teóricos, principalmente aqueles voltados para os estudos culturais e da diversidade, veem a obra de Lobato como discriminatória. Em seu artigo *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica* (2005), Maria Cristina Soares de Gouvêa afirma que Lobato apresentava uma herança racial africana de modo pejorativo, um fardo, e situa a posição que a literatura infantil, como um todo, se encontrava: “A literatura infantil espelhava a representação social das relações interraciais no Brasil, representação em que uma visão racista e etnocêntrica fazia-se presente, escapando à idealização pretendida pelos autores das obras infantis” (Gouvea, 2005, p. 89). Portanto, há debates sobre utilizar ou não suas obras como forma de ensino, devido ao teor racista, entretanto, é inegável sua pavimentação para a literatura infantil brasileira. Outra

autora de suma importância é Ruth Rocha (1931-), escritora que se dedica à escrita de livros infantis e membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 2007. Suas principais obras são *Marcelo, Martelo, Marmelo* (1976), *Quem Tem Medo de Que?* (2003), *Ninguém Gosta de Mim* (2009) e *As Coisas Que a Gente Fala* (2012). Também importante para a Literatura Infantil, Ana Maria Machado (1941-) é uma professora, jornalista e autora brasileira de livros infantis. Suas obras mais notáveis são *Raul da Ferrugem Azul* (1979), *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981), *Menina Bonita do Laço de Fita* (1986) e *Tudo ao Mesmo Tempo Agora* (2001). Por fim, outro grande exímio autor brasileiro é Pedro Bandeira (1942-), que, além de ser professor, foi ator, produtor, cenógrafo e diretor de teatro. Seus livros infantis de destaque são *O Dinossauro Que Fazia Au-Au* (1983), *É Proibido Miar* (1983), *A Onça e o Saci* (1996), *Cavalgando o Arco-Íris* (2002) e *Mais Respeito, Eu Sou Criança* (2009). No que diz respeito aos livros juvenis, seus destaques são *A Droga da Obediência* (1984), *Pântano de Sangue* (1987), *Anjo da Morte* (1988), *A Droga do Amor* (1994), *Droga de Americana!* (2001) e *A Droga da Amizade* (2014).

No que concerne à produção literária infantil mundial não clássica, temos diversos autores que estão dominando o espaço literário destinado às crianças e adolescentes, como Chris Van Allsburg (1949-), escritor e ilustrador estadunidense, conhecido pelos livros *Jumanji* (1981), *O Expresso Polar* (1985) e *Zathura* (2002). Outro autor de imenso sucesso é R.L Stine (1943-), estadunidense, conhecido por seus livros de terror. É chamado de o “Stephen King da literatura infantil”, e suas obras já venderam mais de 400 milhões de exemplares ao redor do mundo. Seus maiores sucessos são as séries literárias *Rua do Medo* (1989-1997) e *Goosebumps* (1992-1997). Também destaque na literatura infantil, Judy Blume (1938-), estadunidense, é uma autora que escreveu mais de 30 livros e vendeu mais de 80 milhões de cópias. Seus destaques ficam para *The One in the Middle is The Green Kangaroo* (1969), *Iggie's House* (1970), *The Pain and The Great One* (1974), *Fudge-a-Mania* (1990), *Double Fudge* (2002), *Soupy Saturdays With the Pain and the Great One* (2008) e *Going, Going, Gone! With the Pain and the Great One* (2008). Também com um vasto legado na literatura IJ, Beverly Cleary (1916-2021), estadunidense, vendeu mais de 91 milhões de cópias ao redor do mundo desde o lançamento de seu primeiro livro. Suas obras de maior destaque são a série de livros *Henry Huggins* (1950-1964), *Ramona* (1955-1999), *Sister of the Bride* (1963) e *The Mouse and the Motorcycle* (1965). Outro célebre autor IJ é Roald Dahl (1916-1990) que, apesar das polêmicas envolvendo antisemitismo e racismo, foi um dos escritores britânicos mais aclamados de todos os tempos. Seus destaques são *Charlie and the Chocolate Factory* (1964) e *Matilda* (1988). Por



último, Maurice Sendek (1928-2012) foi um autor galês conhecido pela sua obra *Where the Wild Things Are* (1963), que vendeu cerca de 18 milhões de cópias pelo globo.

Todos esses autores, através da influência de suas obras, conquistaram o público infantil e juvenil de alguma forma, seja pela leitura de identificação, pela leitura *nonsense*, ou pela leitura de fuga. O valor de suas obras é imensurável e seu impacto reverbera nas obras infantis contemporâneas, uma vez que foram fundadores, por assim dizer, da literatura infantil e juvenil contemporânea. De certa forma, impuseram seus valores, de um modo construtivista, em que o leitor constrói e transforma suas representações de sujeito pelo diálogo com a obra.

Clarice Fortkamp Claudin (2003, p. 3), professora do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, afirma que, “induzido pelo autor, pode o leitor-criança ser ingenuamente levado no rol das ideologias dominantes, visto que é o adulto (com seus valores) que escreve o texto literário infantil”, visão que também é compartilhada por Regina Zilberman, quando afirma que “a literatura infantil, por sua vez, é outro dos instrumentos que tem servido à multiplicação da norma em vigor. Transmitindo, em geral, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo [...]” (2015, p. 8). Portanto, compreende-se que livros infantis podem ser utilizados para questionar as instituições hegemônicas, assim como, também, para a manutenção desses padrões essencialistas. À vista disso, a literatura infantil demonstra seu valor e importância na busca pela diversidade. Antonio Candido (2011) enuncia que o ser-humano não consegue passar mais de 24h sem entrar em contato com qualquer tipo de fabulação, independentemente de cor, raça, gênero e classe. E, neste sentido, se faz essencial pensar que o aprendizado acompanha esses movimentos de criação; assim, a literatura, de modo geral, é um grande instrumento de instrução e de educação.

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (Candido, 2011, p. 177-178).

Entende-se que a literatura não faz distinção de seu locutor, portanto quando nos propomos a falar sobre a literatura pela diversidade, corroboramos com as ideias de Candido (2011). A literatura deve caminhar lado a lado com os direitos humanos e “[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura” (Candido, 2011, p. 193). O crítico literário defende que todos os indivíduos tenham acesso à literatura e desaprova, vigorosamente, a elitização e a exclusão de

certos grupos sociais da literatura. Para ele, a literatura não deve ser um privilégio de poucos, mas uma ferramenta que enriqueça culturalmente todas as camadas da sociedade.

Concomitante ao que Candido (2011) pensa de literatura, Peter Hunt (2010) cita os aspectos de definição da literatura infantil e o que seria "bom" em diversas visões, por exemplo.

Tal como a maioria das perguntas sugere suas respostas, assim também as definições são controladas por seu propósito. Dessa maneira não pode haver uma definição única de "Literatura Infantil". O que se considera um "bom" livro pode sê-lo no sentido prescrito pela corrente literária/acadêmica dominante; "bom" em termos de eficácia para a educação, aquisição de linguagem, socialização/aculturação ou para o entretenimento de uma determinada criança ou grupo de crianças em circunstâncias específicas, ou "bom" em algum sentido moral, religioso ou político; ou ainda em um sentido terapêutico. "Bom", como uma aplicação abstrata, e "bom para", com uma aplicação prática, estão em constante conflito nas resenhas sobre literatura infantil (Hunt, 2010, p. 75).

Hunt (2010) disserta que a LI é um gênero distinto, com suas próprias características e convenções, e enfatiza a importância do prazer nas literaturas infantis. Ele argumenta que as crianças devem desfrutar da leitura e que essa literatura não deve ser vista, apenas, como educacional, mas também como entretenimento e satisfação. O autor também discute o papel moralizante da LI: há a necessidade de reconhecer que existem mensagens morais, mas que isso não deve ser algo imposto, ou seja, a criança deve interpretar as histórias de acordo com suas perspectivas. Em suma, Hunt ressalta que a LI ajuda as crianças a desenvolverem a imaginação e a compreensão de mundo ao seu redor, uma vez que, por meio da literatura, conseguem explorar diversas realidades e perspectivas.

Hunt (2010) também traz um estudo de como a literatura juvenil cresceu nos Estados Unidos, durante o aumento nas vendas dos livros desde a década de 60. O autor revela que, por mais que os livros influenciassem a cultura, nessa época, ainda não eram consumidos, principalmente, pela classe média e classe trabalhadora. É a partir dos anos 70 e anos 80 que os livros passam a ser consumidos pelas massas, juntamente com o início das livrarias de bairro, que tiveram grande parte de destaque no aumento de vendas dos livros. Já nos anos 90, o aumento dessas vendas se dá pela criação das grandes livrarias, como a *Barnes and Nobles* e *Bordes*: “Em vez de serem utilizados, apenas, como lugares de passeios, também passaram a ser locais de descanso e de engajamento. Essas livrarias possuíam cadeiras confortáveis e, algumas, até mesmo um *Starbucks*” (Hunt, 2010, p. 6. Tradução nossa<sup>4</sup>).

---

<sup>4</sup> Instead of merely wandering, these spaces encouraged lounging and engaging in these spaces. The local big bookstore had comfortable seats and maybe even a Starbucks (Hunt, 2010, p. 6).



Atualmente, a literatura IJ se tornou amplamente divulgada Ise colocarmos em perspectiva o fim do século XX e início do século XXI. O *boom* da saga *Harry Potter* (1998-2007), que, apesar das polêmicas envolvendo a autora, abriu portas para novas sagas de sucesso, como *Percy Jackson* (2005-2009), de Rick Riordan, que vendeu mais de 50 milhões de cópias no mundo, *Crepúsculo* (2005-2020), de Stephenie Meyer, com mais de 160 milhões de cópias vendidas, *Os Instrumentos Mortais* (2007-2014), de Cassandra Clare, com cerca de 30 milhões de cópias vendidas, *Hush Hush* (2009-2012), de Becca Fitzpatrick, com 13 milhões de cópias, *A Seleção* (2012-2016), de Kiera Cass, com vendas estimadas em mais de 11 milhões de cópias ao redor mundo etc. De acordo com o *Publishnews*, site que contabiliza as vendas de livros no Brasil<sup>9</sup>, em 2022, os livros mais vendidos do Brasil foram de literatura IJ, com um aumento de 33% em relação ao ano anterior. O top três de livros mais vendidos possui protagonistas gays e bissexuais, são eles: *Heartstopper* (2019-2023), de Alice Oseman, *Vermelho, Branco e Sangue Azul* (2019), de Casey McQuiston e *Os Dois Morrem no Final* (2017), de Adam Silvera. No top 20, ainda se encontram alguns volumes de *Heartstopper*, *Harry Potter*, *Percy Jackson* e *A Seleção*, mesmo após anos de seus respectivos lançamentos.

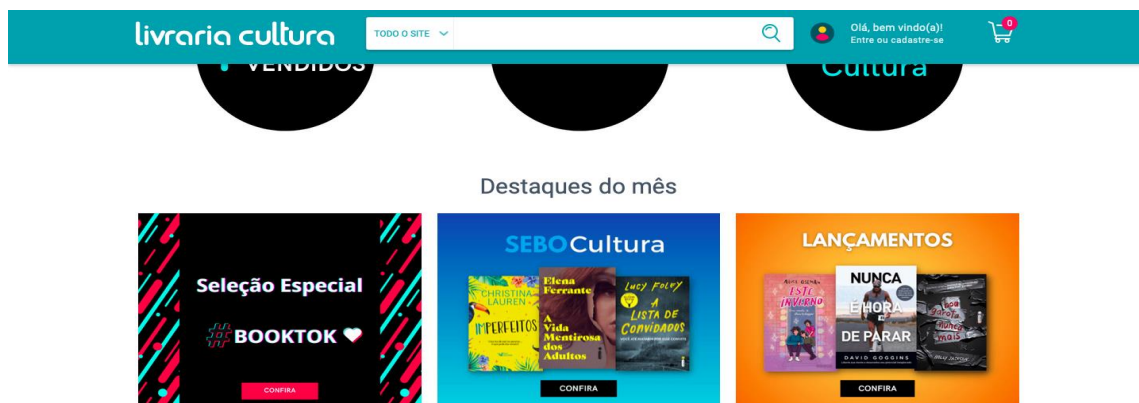
Podemos pensar que, ainda hoje, a literatura estrangeira, principalmente a estadunidense, possui grande influência em nosso mercado, moldando a forma que as editoras e, conseqüentemente, os leitores, vendem e consomem os livros. Isso tem um impacto considerável na literatura brasileira, uma vez que essa influência, ou melhor, a fórmula estrangeira precisa estar inserida em nossos livros para vender, principalmente, as obras IJ que, nos últimos anos, passaram por fases provenientes do estrangeiro, como a da literatura fantástica (anos 2000), a literatura distópica (anos 2010) e, agora, a literatura romântica.

Hoje, podemos atribuir uma parcela dessas vendas e, conseqüentemente, seu marketing e divulgação, ao aplicativo de vídeos rápidos, *Tik Tok*. Nessa plataforma, há um movimento chamado *booktokers*, no qual os criadores de conteúdo divulgam e fazem *reviews* de livros (muitas vezes, há conteúdo patrocinado sinalizado das editoras). Esse movimento se tornou tão grande que, nas livrarias físicas e virtuais, podemos encontrar estandes com os títulos: "viralizou no *Tik Tok*" ou "sucesso no *Tik Tok*", e abas referentes ao *BookTok*, como nas imagens a seguir:

---

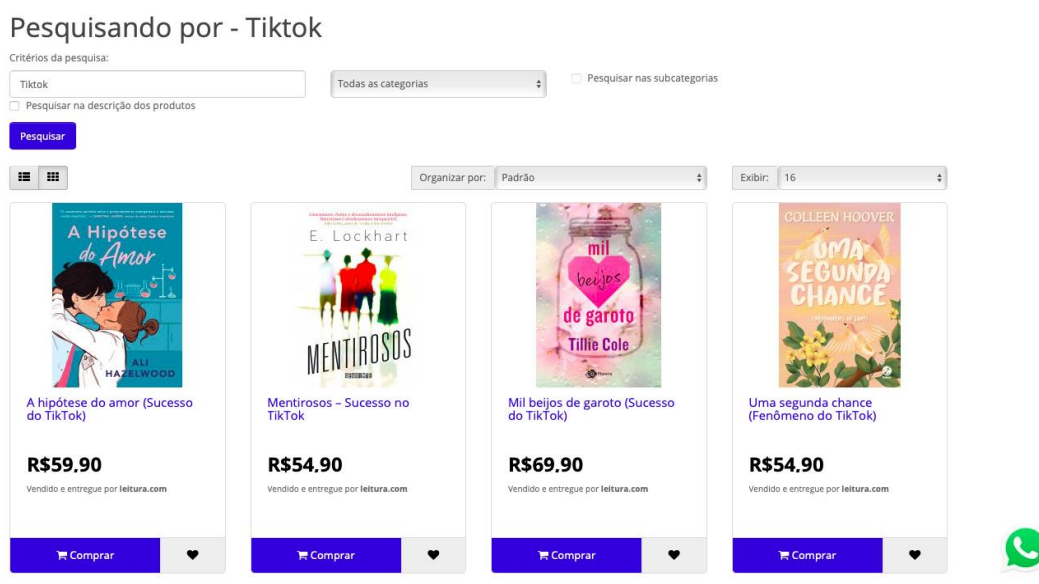
<sup>9</sup> Lista de mais vendidos de Infantojuvenil de 2022. Disponível em: <<https://www.publishnews.com.br/ranking/anual/11/2022/0/0>>. Acesso em: 22 de julho, 2023.

Figura 1: Imagem da página inicial do site da Livraria Cultura<sup>10</sup>



Fonte: Print Screen do autor.

Figura 2: Forma como os livros são vendidos no site da livraria Leitura<sup>11</sup>



Fonte: Print Screen do autor.

O Tik Tok substitui o que, antes, pertencia à plataforma de vídeos Youtube. Os *booktokers* de hoje são os *booktubers* do passado que, também, faziam vídeos de *reviews*. Anterior a isso, existiam os blogs escritos, que possuíam o mesmo intuito dos vídeos: resenhas e conteúdo pago.

Portanto, é inegável o papel inestimável que a internet tem com a literatura II, já que sua divulgação é, de certa forma, gratuita. O acesso a esses livros está se ampliando, mas, ainda

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://www.livrariacultura.com.br/>>. Acesso em: 25 de julho, 2023.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://leitura.com.br/index.php?route=product/search&search=Tiktok>>. Acesso em: 25 de julho, 2023.

hoje, a Literatura não é democrática. Há, também, de se problematizar a questão financeira atrelada às resenhas dos *booktokers*, uma vez que as opiniões podem ser compradas pelas editoras. De acordo com Marchetto (2019 apud Bressane 2018, p. 14),

[...] a figura do *digital influencer* é prejudicial para o ambiente literário. Segundo ele, essas pessoas constroem uma reputação a partir do aporte financeiro, não do talento. No caso da literatura, essa construção faz com que os likes, comentários positivos e negativos e seus seguidores - uma reputação digital - seja vendida, valorizando o fetiche literário e a mercadoria ao invés da própria literatura.

Antero Garcia (2013) debate sobre como o capitalismo ‘sequestrou’ a literatura JJ em prol do lucro. Dessa forma, assim como os *digital influencers* são uma chave para as grandes editoras, todo o investimento financeiro é utilizado para ditar o que vai ser consumido, tanto na literatura, quanto no cinema proveniente dessa literatura:

[...] Como tal, a razão pela qual a literatura para jovens adultos é tão amplamente reconhecida nas salas de aula, nos cinemas e nas livrarias dos aeroportos é, em grande parte, devido ao seu domínio nos mercados ocidentais. Ou seja, o grande número de livros JJ vendidos em todo o mundo desperta o interesse e a consciencialização nas salas de aula, orienta as decisões cinematográficas e altera os títulos dos livros que são apresentados aos transeuntes para atrair as vendas (Garcia, 2013, p. 14'. Tradução nossa).<sup>12</sup>

Com todo o grande investimento, essa literatura considerada de massa multiplicou-se e criou subgêneros, como o romance romântico, aventura, ficção científica etc. O problema em questão é que esses subgêneros são parte de uma medida – que envolve muito dinheiro – que intenciona deixar poucas opções literárias para o público JJ, ou melhor, introduzi-los à literatura que diz respeito à fase que o mercado literário está passando. Assim, como explicitado por Garcia (2013) fica cada vez mais limitador para as crianças e jovens acharem livros que realmente falem com eles.

Dito isso, é a partir dos anos 2000, principalmente depois de 2010, que os livros JJ incluem vozes subalternas: negros, como *Amoras* (2018), de Emicida, que prega sobre a importância de nos entendermos nesse mundo e do orgulho de ser quem somos e de onde viemos; *Sinto o que Sinto e a Incrível História de Asta e Jaser* (2019), de Lázaro Ramos, que aborda a importância das crianças entenderem seus sentimentos e suas multiplicidades; *O Último Ancestral* (2021), de Ale Santos, que trabalha com um mundo em que a população negra

---

<sup>12</sup> As such, the reason young adult literature is so widely recognized in today's classrooms, movie theaters, and airport bookstores is, in large part, because of its dominance in western markets. That is, the sheer number of YA books sold around the globe funnel interest and awareness into classrooms, guide filmmaking decisions, and shift which book titles are featured for passersby to entice sales. At the heart of YA prominence is the central role of capitalism in guiding sales and profit.

é exilada para Obambo após os Cygens – meio homens, meio máquinas – tomam o poder; indígenas, como *Descobrindo o Xingu* (2019), de Marco Hailer, que apresenta o parque Xingu, seus povos, suas práticas e sua cultura; *Kunumi Guarani* (2014), de Wera Jeguaka Mirim; que segue Werá Jeguaka Mirim, um garoto indígena apresentando sua aldeia, sua casa e suas coisas preferidas; *queer*, como *A princesa e a costureira*, de Janaína Leslão (2015), que conta a história de Cíntia, uma princesa prometida em casamento a Febo, mas que se apaixona por Istar, uma costureira; *15 dias*, de Vitor Martins, que nos mostra a história de Felipe, um menino gordo e gay que está apaixonado por seu vizinho, Caio. Esses são alguns dos títulos que se destacam, de alguma forma, seja em premiações, seja compondo a lista dos mais vendidos.

No continente norte-americano, as vozes marginalizadas na literatura IJ também ganharam destaque nos últimos 20 anos. Dentre os autores reconhecidos nesse nicho literário, podemos citar: (a) a literatura negra de Angie Thomas, autora estadunidense do livro de grande sucesso crítico e literário *O ódio que você semeia* (2017), que aborda a luta de Starr, uma menina negra, contra o racismo; Jason Reynolds, também estadunidense e autor de *As brave as you* (2016), que mostra uma viagem para o interior de Genie e Ernie para visitar seu avô, que é cego e, supostamente, muito corajoso e *Daqui para baixo* (2017), que mostra a realidade de Will, um garoto negro lidando com a violência; e Nic Stone, autora estadunidense de *Cartas para Martin* (2017), que escancara a injustiça racista diante de Justyce, um garoto negro; (b) de representação dos indígenas, Cherie Dimaline, autora indígena canadense do premiado *The Marrow Thieves* (2017), romance em que a população perde a capacidade de sonhar e somente os indígenas ainda são capazes, a partir disso, uma caçada se inicia; Joseph Bruchac, estadunidense e autor de *Code Talker* (2005), em que os indígenas são peças fundamentais na II guerra mundial, uma vez que utilizam sua língua nativa para mandar mensagens secretas, e Sherman Alexie, também estadunidense, e autor de *Flight* (2007), que conta a história de Zits, um garoto de 15 anos metade indígena e metade irlandês que foge do abrigo de crianças em que vive e, acompanhado de seu amigo, conhece a violência americana, e *Diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio-expediente* (2007), que mostra a vida de Arnold Spirit, um jovem indígena que decide estudar em uma escola de brancos perto da reserva em que mora e, através das suas raízes, descobre quem é e onde pertence; e (c) o movimento literário *queer*, que possui nomes de peso, como *My shadow is pink* (2020), de Scott Stuart, que trata sobre as questões de gênero por meio de rimas para crianças, *Julian é uma sereia*, de Jessica Love (2021), que também discorre sobre as questões de gênero e transexualidade, *Com amor, Simon* (2015), de Becky Albertalli, que desenvolve a história de Simon, um garoto gay que está no

ensino médio e troca e-mails com um garoto misterioso, *Lembra aquela vez* (2017), de Adam Silvera. Esse último é objeto de análise desta dissertação, que possui como contexto um mundo em que a medicina avançou o suficiente para ser capaz de suprimir as memórias dos humanos, o que nos propõe a pensar na ética que envolve o procedimento, uma vez que corrobora medidas conservadoras, como a ineficiente cura gay.

Desse modo, nos debruçamos sobre tal romance e, também, nas características do autor Adam Silvera na próxima seção.

## 1.1 ADAM SILVERA E A INCLUSÃO DAS VOZES QUEER NA LITERATURA JUVENIL

Depois de uma certa abertura para as discussões sobre as relações de gênero e homossexualidade nos mais diferentes âmbitos, vários autores passaram a explorar tais temáticas mais comumente, conforme discutimos na seção anterior. Adam Silvera, sem dúvida, é um dos novos nomes em se tratando da literatura IJ *queer*.

O autor, nascido em 1990, no Bronx, em Nova Iorque, já trabalhou como crítico literário de livros infantis, bibliotecário e gestor de comunidade e redes sociais. Abertamente gay, começou a escrever *fanfics* entre a idade de 10 e 11 anos. Silvera já expressou sua luta contra a depressão e está, sempre, conscientizando seus seguidores sobre a temática em suas redes sociais.

Alguns de seus livros estão na lista do *New York Times* de mais vendidos há mais de 3 anos. Nos últimos oito anos, ele publicou oito romances: *Os Dois Morrem no final* (2021), que se passa em um mundo alternativo onde as pessoas recebem um aviso no dia em que vão morrer e acompanha a jornada de dois jovens, Rufus e Mateo, ambos com 18 anos, que descobrem que possuem apenas um dia de vida pela frente. A história começa quando os dois garotos recebem uma ligação da empresa Central da Morte, que os avisa de sua morte iminente. Eles são completos estranhos, mas decidem usar um aplicativo chamado “Último Amigo” para se encontrarem e passarem seus últimos dias juntos. À medida que compartilham suas histórias e enfrentam a morte inevitável, desenvolvem um vínculo profundo. É válido ressaltar que, apesar de a história não girar em torno da sexualidade, os dois jovens fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+.



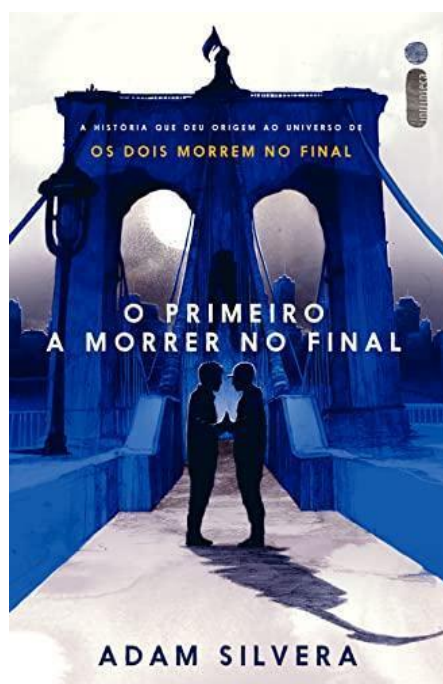
Figura 3: Capa do livro *Os dois morrem no final* (2021)



Fonte: *Print Screen* do autor.

*O Primeiro a Morrer no Final* (2023), um prelúdio do livro de 2021, se passa anos antes da história de Mateo e Rufus, e busca desvendar como a Central da Morte surgiu. A narrativa segue Orion e Valentino, dois jovens gays, no último dia de suas vidas após se inscreverem na empresa de mortes;

Figura 4: Capa do livro *O primeiro a morrer no final* (2023)



Fonte: *Print Screen* do autor.

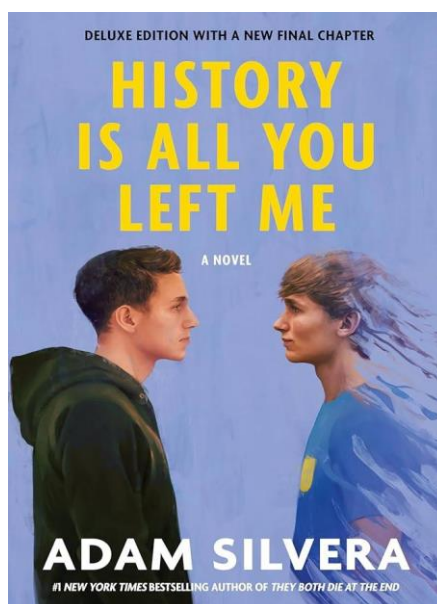
*A história é tudo que me deixou* (2021) é um romance que segue Griffin, um garoto que está lidando com a trágica morte de seu ex-namorado, Theo. O processo de luto e suas fases são angustiantes demais para o jovem e o sentimento de saber que nunca mais verá Theo é desesperador.

**Figura 5:** Capa da versão brasileira de *A história é tudo que me deixou* (2021)



Fonte: Print Screen do autor.

**Figura 6:** Capa da versão estadunidense de *A história é tudo que me deixou* (2021)



Fonte: Print Screen do autor.

*E Se Fosse A Gente* (2019) e *E Se A Gente Tentasse* (2022), em parceria com Becky Albertalli, narra a história de Ben e Arthur, assim como os encontros e desencontros de um romance. No primeiro livro, os dois garotos se encontram por acaso em uma agência postal, em Nova Iorque, mas acabam perdendo o contato, daí em diante, começam uma busca imparável para se reencontrarem. Já no segundo livro, os dois rapazes não estão mais juntos, mas a vida os coloca no mesmo caminho mais uma vez.

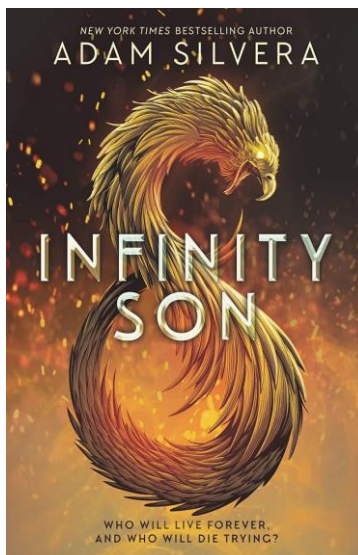
**Figura 7:** Capas dos livros *E se fosse a gente?* (2019) e *E se a gente tentasse?* (2022)



**Fonte:** Print Screen do autor.

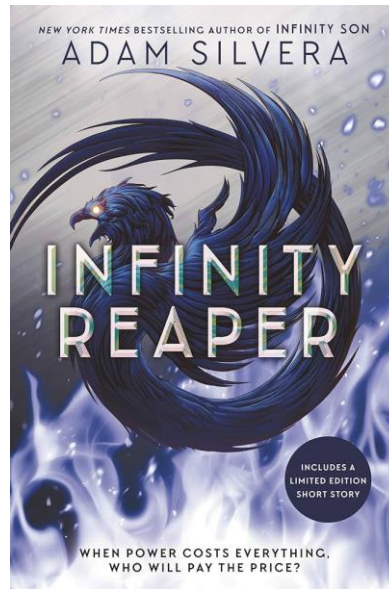
A trilogia *Infinity Cycle* (2020-2023), estreia de Silvera nos mundos distópicos, tem uma narrativa que gira em torno dos irmãos Emil e Brighton, que lidam com poderes, violência e vigilantes noturnos em Nova Iorque.

**Figura 8:** Capa do livro *Infinity son* (2020)



**Fonte:** Print Screen do autor.

**Figura 9:** Capa do livro *Infinity reaper* (2021)



**Fonte:** *Print Screen* do autor.

**Figura 10:** Capa do livro *Infinity kings* (2023)



**Fonte:** *Print Screen* do autor.

*Lembra Aquela Vez* (2015), o romance de estreia de Silvera, conta a história de Aaron Soto, um garoto de 16 anos morador do Bronx, bairro de Nova Iorque, que está lidando com traumas significativos em sua vida, como o suicídio de seu pai e as dificuldades financeiras que sua família está enfrentando. Para muito além disso, Aaron luta para entender sua própria identidade como um jovem latino, pobre e gay.

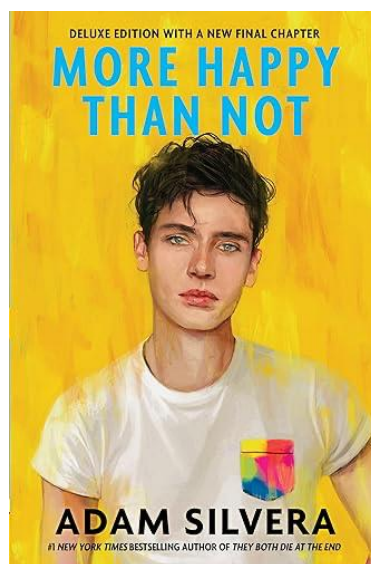
Para lidar com esses problemas, o adolescente decide se submeter ao procedimento médico de supressão de memórias. Conforme a narrativa avança, percebemos que ser gay foi apagado, propositalmente, da memória de Aaron e, por essa razão, há o questionamento sobre si e sobre estar apaixonado por seu amigo Thomas. O livro, em sua narrativa ampla, esmiúça as relações identitárias e, de certa forma, escancara uma realidade atual do mundo real. As opressões baseadas em sexualidade e gênero fazem vítimas todos os dias e, com Aaron Soto, Silvera manifesta as angústias de se estar em um corpo desviante.

**Figura 11:** Capa brasileira do livro *Lembra aquela vez* (2017)



**Fonte:** Print Screen do autor.

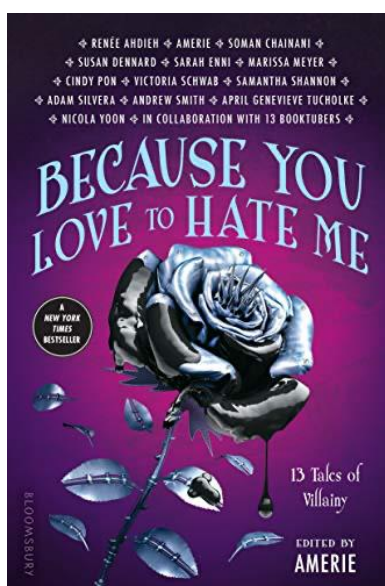
**Figura 12:** Capa estadunidense de *Lembra aquela vez* (2015)



**Fonte:** Print Screen do autor.

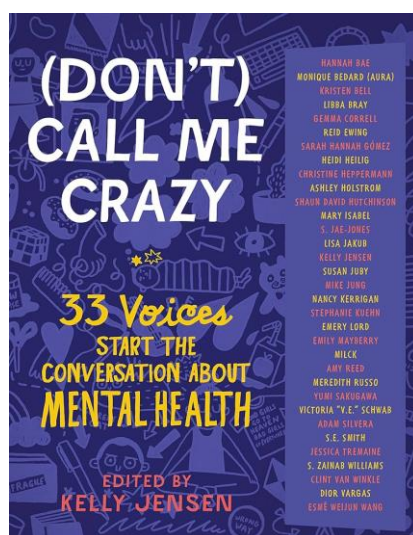
Silvera também publicou três contos: *You, You, It's All About You* (2017), na antologia *Because You Love to Hate Me* (2017), editada por Amerie, que narra a história pelo ponto de vista dos vilões, em que o ódio, a dor, a vingança, o desgosto e a tristeza são colocados em perspectiva; o segundo conto foi publicado na antologia, *(Don't) Call Me Crazy* (2018), organizada por Kelly Jensen, e aborda temas referentes à saúde mental; e o terceiro está na obra *Colors Outside The Lines*, organizada por Sangu Mandanna, que fala sobre histórias de amor inter-raciais e LGBTQIAPN+.

**Figura 13:** Capa do livro *Because you love to hate me* (2017)



Fonte: Print Screen do autor.

**Figura 14:** Capa de *(Don't) Call me crazy* (2018)



Fonte: Print Screen do autor.

Devido ao sucesso das obras citadas anteriormente, o canal americano HBO comprou os direitos audiovisuais de *Os dois morrem no final*, que está em produção para se tornar uma série, sendo Silvera o produtor executivo. *E se fosse a gente*, livro escrito em parceria com a autora Becky Albertalli também teve seus direitos audiovisuais vendidos e terá Brian Yorkey como roteirista do longa-metragem.

No que tange à fortuna crítica das obras de Silvera, seus livros são, para além de sucesso de vendas, sucesso de crítica. *Os Dois Morrem no Final* (2021), por exemplo, recebeu diversas críticas positivas dos mais célebres jornais e revistas, como *Booklist*, *Kirkus Reviews*, *American Review*, *Publishers Weekly*, *Children's books and media Review*, etc. Já *Lembra Aquela Vez* (2017) é um dos grandes sucessos de Silvera, tendo sido discutido no *English Journal*, no *The Lancet*, na *Children's Literature*, etc. Suas obras já ganharam diversas indicações e prêmios: *Young Adults' Choices Reading List*, *BuzzFeed's Best Young Adult Books of the Decade*, *ALA Quick Picks for Reluctant Young Adult Readers*, *Flicker Tale Children's Book Award for Older Readers*, *CBC Children's Choice Book Awards: Teen Choice Debut Author*, *Paste's Best Young Adult Books of All Time*, *Booklist's Best First Novels for Youth*, etc.

O *Kirkus Reviews*, importante e respeitado site de resenhas de livros, chamou *Lembra Aquela vez* de “Um livro brilhantemente escrito”<sup>13</sup>.

A revista *New York Times*, em sua crítica, pontua a importância do romance de estreia de Silvera:

[...] A esta lista, podemos agora acrescentar "Lembra Aquela vez", um belo romance de estreia de Adam Silvera, em que uma criança do Bronx faz uma delicada tricotagem de políticas de classe através de uma narrativa ambiciosa sobre identidade sexual e ligação, que considera também o peso e o valor construtivo da memória traumática (Bellafante, 2015, online, Tradução nossa)<sup>14</sup>.

A revista *Time*, por sua vez, elegeu o romance como um dos 100 maiores livros juvenis de todos os tempos e, em sua crítica, fez elogios à narrativa construída por Silvera:

O romance, lançado em 2015, é tanto ficção especulativa como uma meditação sobre a relação entre sofrimento e felicidade. Com total controle da ambição do seu enredo, o *best-seller* de Silvera combina os elementos de uma narrativa de ficção científica

---

<sup>13</sup> More Happy Than Not. Disponível em: <MORE HAPPY THAN NOT | Kirkus Reviews> Acesso em: 21 de março, 2024.

<sup>14</sup> To this list, we can now add “More Happy Than Not,” a beautiful debut novel by Adam Silvera, a child of the Bronx who manages a delicate knitting of class politics through an ambitious narrative about sexual identity and connection that considers the heavy weight and constructive value of traumatic memory, as well. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2015/06/21/books/review/more-happy-than-not-by-adam-silvera.html?searchResultPosition=1>>. Acesso em: 02 de agosto, 2023.

com um comentário incisivo sobre a sexualidade (Gutterman, 2021, Tradução nossa)<sup>15</sup>.

Adam Silvera é, indubitavelmente, uma promessa da Literatura *Queer* e seus livros, com toda fortuna crítica e literária, estão moldando a nova literatura IJ juntamente com outros autores, o sucesso dessas obras está minando o mercado editorial de um modo extremamente positivo, ocupando espaços culturais e supostamente democráticos, mas que ainda carregam forte resistência ao diferente. Por isso, no próximo capítulo, falaremos sobre como o *queer*, mais especificamente, a homossexualidade, é vista na história da humanidade.

---

<sup>15</sup> The novel, released in 2015, is just as much speculative fiction as it is a meditation on the relationship between hardship and happiness. Fully in control of the ambition of its plot, Silvera's best seller marries the page-turning elements of a sci-fi narrative with incisive commentary on sexuality. Disponível em: <<https://time.com/collection/100-best-ya-books/6084593/more-happy-than-not-ya-book/>>. Acesso em: 02 de agosto, 2023.



## CAPÍTULO 2

### A HOMOSSEXUALIDADE E SEU TRAJETO HISTÓRICO NÃO TÃO ENTUSIASMANTE

A história da homossexualidade começa muito antes de sua denominação. Na Grécia antiga, local onde a homoafetividade possui um grande papel histórico, as relações homossexuais eram, muitas vezes, valorizadas, e não havia qualquer distinção entre o que seria o ‘espectro’ homo e o ‘espectro’ hetero. As identidades de gênero – também não denominadas na época – eram caracterizadas pelos papéis performáticos sexuais, uma vez que, sexualmente ativo, entendia-se como masculino e sexualmente passivo, entendia-se como feminino. De acordo com Paulo Iotti (2021), nas sociedades primitivas, as relações homossexuais entre dois homens eram práticas corriqueiras e culturalmente sistêmicas, no entanto, em sua maioria, performadas por um homem mais velho e um adolescente, em que aquele seria o ativo e esse o passivo. Corroborando essa visão, Rodrigues afirma que:

Esta situação implicava, pois, que um desses parceiros fosse sempre identificado com o estatuto de “passivo” e, por conseguinte, alvo de crítica pejorativa por parte da sociedade grega, visto que passava a desempenhar o “elo mais fraco da relação”, o submisso e, em última análise, o que se identificava com os inferiores, entre eles a mulher (Rodrigues, 2017, p. 140).

A pederastia (do grego clássico παις, “criança”, e ἐράω, “amar”) é a forma como essas relações ficaram conhecidas (futuramente, o termo foi utilizado para designar a homossexualidade como patologia) e baseia-se na iniciação do adolescente em busca de sua formação como homem. Dessa forma, a homossexualidade tinha um papel muito mais pedagógico do que sexual, assim, os jovens, que deveriam ter entre 12 e 18 anos, eram afastados de suas mães para que ficassem longe da inferioridade da mulher, que possuía apenas o papel único de reprodução na sociedade grega. É válido ressaltar que, em sua grande maioria, os “rituais de iniciação” eram feitos, somente, pela elite, uma vez que apenas essa camada social frequentava locais em que as convenções pederastas poderiam ser viabilizadas, como “ginásios, banquetes e simpósios” (Rodrigues, 2017, p. 134). Além disso, as práticas homoafetivas serviam para a manutenção da elite, dado que os ensinamentos também perpassavam ao poder militar e político. Skinner (2010, apud Rodrigues, 2015) relaciona a ação com o que, hoje, chamamos de “lobbies”.

Dessa forma, é seguro dizer que a homossexualidade, na Grécia antiga, era apenas de caráter pedagógico e uma prática da elite? A resposta que buscamos discutir é que não, pois

não há como afirmar, de fato, que as relações românticas, no sentido sentimental, não existiam, mas, assim como na atualidade, a orientação sexual é parte fundamental da identidade humana e, mesmo que não denominada na época, fazia – e ainda faz – parte de qualquer sociedade, antiga ou não.

[...] Contudo, por mais que a cultura dessas tribos estimulasse, como se percebe, uma pseudobissexualidade ritual de seus membros, no sentido da iniciação masculina dos jovens rapazes, para que, em obtendo a fertilidade, pudessem futuramente procriar (o que se repetirá mais adiante na história, em especial na Grécia Clássica e em Roma), existiam muitos que, efetivamente, eram homens homossexuais (na acepção que damos hoje ao termo), no sentido de sentirem-se atraídos exclusivamente por pessoas do mesmo sexo, embora tivessem a obrigação social de manter alguma espécie de relacionamento com pessoas do gênero oposto para fins de procriação (Iotti, 2021. p. 83).

Portanto, há a distinção dos termos homoerotismo, em que há o amor entre dois homens e a homoafetividade, quando se tem viés pedagógico e político. Isto dito, como a Grécia antiga ficou conhecida como o lugar da sodomia e das orgias? De acordo com Corino (2006), a culpa pode ser atribuída ao olhar judaico-cristão de estudiosos, que foi propagado pela literatura ocidental, caracterizando uma Grécia libertina. A religião, mais especificamente, o catolicismo, que era predominante na época e ainda tem grande influência e força nas questões e valores sociais, é uma possível grande razão pela qual a homossexualidade se tornou um tabu, nos fazendo colher, até os dias atuais, uma opressão sistêmica e cultural. No mito fundador do catolicismo, o homem e a mulher foram criados pela divindade, apenas, para fins de reprodução, o que descaracteriza qualquer tipo de relação sexual que não seja para fins reprodutivos. Assim, a homoafetividade não é vista como necessária, uma vez que a relação entre pessoas do mesmo gênero (levando em consideração a estrutura binária) não gera filhos.

Visto que o sexo, segundo os ensinamentos cristãos, foi dado ao homem unicamente para os propósitos da reprodução e por nenhuma outra razão, qualquer outra forma de atividade que não levasse ou não pudesse levar à procriação era um pecado contra a natureza (Richards, 1990/1993, p. 136).

Kosnik (1977/1982, apud Corino, 2006) afirma que as estruturas católicas se baseiam na cultura judaica, local de nascimento do Cristianismo e, nessa tradição, os impulsos sexuais estariam relacionados ao ocultismo e ao misterioso, assim, o homem que cede a esses impulsos não seria capaz de seguir o deus cristão. Além disso, o contato com o sêmen e o sangue de menstruação representava uma impureza que inibia o culto cristão. Entende-se que a relação entre homem e mulher, feitos para procriação, é fundamentada no primitivismo judaico e tudo que foge desse padrão é condenável e passível de expulsão da comunidade religiosa. A longo prazo, a mentalidade católica cresceu a partir do momento em que se torna a religião oficial do

Império Romano IV, propagando a ideia monogâmica e heterossexual e, conseqüentemente, iniciando a perseguição contra os homossexuais. Com base nisso, séculos de opressão se arrastaram, o que colocou esses indivíduos à margem da sociedade, acarretando diversas formas de violência.

Partindo para as artes, a lírica homoerótica, atualmente, é muito difundida nos estudos literários e suas análises podem ser vistas sem a sombra da hegemonia e normatividade social, uma vez que diversos estudiosos têm se debruçado sobre o tema. Os poetas líricos da época frequentemente escreviam sobre o amor e a luxúria entre homens jovens e outros mais velhos em suas obras. Entre os poetas mais famosos da época, estava Safo de Lesbos, cujos poemas descrevem a adoração de jovens por mulheres, incluindo mulheres mais velhas, bem como a homossexualidade feminina. Outro poeta notável foi Anacreonte, cujos poemas abordavam a beleza masculina e a atração física entre homens. A lírica homoerótica grega continuou a influenciar a cultura e a arte ocidentais ao longo dos séculos, com muitos escritores e artistas posteriores procurando inspiração nas obras dos poetas gregos antigos, entretanto, como já explicitado, a perseguição religiosa contra toda e qualquer maioria minorizada impossibilitou que essas obras chegassem ao público.

Foi a partir do início do século XX que as estruturas sociais começaram a se mover, de forma mais contundente, rumo ao progresso, quando o movimento *queer* começa a ser estruturado. Assim, as formas de expressão artísticas, como as literaturas marginalizadas, começaram a traçar um caminho de reconhecimento no mundo todo. Portanto, podemos dizer que essas literaturas estão em um nível de visibilidade tão alto quanto livros que seguem a norma padrão exigida socialmente? Não. Nos últimos anos, a literatura de maiorias minorizadas como um todo está crescendo, mas ainda há aspectos que segregam este tipo de literatura como gênero literário, uma vez que a literatura IJ é classificada como menos importante – devido sua temática e público – ou, até mesmo, como uma não-literatura. Para esquadrihar melhor este aspecto, aprofundaremos o estudo acerca da literatura *queer*.

## 2.1. GÊNERO E SEXUALIDADE

Debruçar-se sobre os estudos de gênero e sexualidade pode ser árduo, uma vez que abordam temáticas que envolvem o cerne do ser. Quando tratamos sobre o assunto, é imprescindível abordar os estudos de Judith Butler (1956), filósofa pós-estruturalista, professora de Literatura comparada da Universidade da Califórnia, em Berkeley, e uma das precursoras da Teoria *Queer*. Nos anos 90, publicou, nos Estados Unidos, dois livros que

ajudaram a lapidar os estudos de gênero e sexualidade: *Gender Trouble* (1990), lançado no Brasil como *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade* (2003) e *Bodies That Matter* (1993), também lançado no Brasil como *Corpos Que Importam: os limites discursivos do “sexo”* (2019).

Nesses livros, é comum que Butler faça perguntas sem respondê-las ou que descreva ideias sem um certo concretismo, mas, como explica Sarah Salih (2012, p. 11), professora da Universidade de Kent, nos Estados Unidos, “não se trata de um defeito estilístico, e recusar-se a dar respostas não constitui ignorância ou insensibilidade de sua parte”. Isso se dá em razão da fluidez que os indivíduos são constituídos, ou melhor dizendo:

[...] parte de um processo ou de um devir que não tem origem nem fim; na verdade, de um processo no qual a origem e o fim são rejeitados como sendo opressivamente - e talvez mesmo violentamente - lineares ou "teleológicos" (isto é, movendo-se em direção a um fim ou a um resultado final) (Salih, 2012, p. 11-12).

Portanto, o gênero e a sexualidade fazem parte do fenômeno que é a constituição do sujeito, intrínsecos à humanidade, de sua identidade e subjetividade. Salih (2012) afirma que Butler está, a todo momento, questionando o modo pelo qual esses sujeitos são construídos, quais processos vêm a existir, de que forma são feitas as construções e como elas são bem-sucedidas ou não. Ela continua dizendo que “O sujeito de Butler não é um indivíduo, mas uma estrutura linguística em formação” (2012, p. 11). E o que isso significa? A linguagem tem um papel de extrema importância para essa construção, uma vez que as categorias de gênero “homem” e “mulher” e suas sexualidades heteronormativas referentes a esses determinados gêneros são linguísticas e culturalmente construídas. Usamos palavras e conceitos para compreender o gênero e, conseqüentemente, o que molda nossa compreensão dele.

Como já constatado, os sujeitos marginalizados do século XX e suas linhas teóricas, como os estudos gays e lésbicos, e os estudos feministas tomaram forma e, baseando-se neles, a teoria *queer* os investigou e os desconstruiu, “afirmando a indeterminação e a instabilidade de todas as identidades sexuadas e ‘generificadas’” (Salih, 2012, p. 20). Em razão dessas opressões, o *queer* que, de acordo com Sedgwick (1994), tem sua etimologia na raiz latina, “seria algo como *atravessado*, proveniente da raiz indo-latina *torquere* [torcer], e do inglês *athwart* [de através], seria ideal para apurar as construções da ‘normalidade sexual’, assim como averiguar se as identidades supostamente normais têm o *queer* por baixo deste ‘normal’” (Salih, 2012, p. 20).

A partir dessa introdução, partiremos para o detalhamento dos conceitos estudados e debatidos por Salih à vista das teorias de Butler e por outros teóricos.

## 2.2. O SUJEITO

A concepção de sujeito tem sido muito debatida, principalmente, na pós-modernidade, portanto, é imprescindível que as definições dos recortes utilizados sejam pertinentes para que entendamos as configurações do ser. Stuart Hall (2003) resgata e define as três concepções de identidade do sujeito, sendo elas: (a) o sujeito do iluminismo, que têm como cerne o indivíduo “centrado, unificado, dotado da razão, de consciência e de ação, cujo ‘centro’ consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia [...]” (Hall, 2003, p. 10-11). Hall acredita que essa seja uma definição individualista demais do sujeito, que, como mencionado por ele, era tratado sempre como um indivíduo do sexo masculino; (b) o sujeito sociológico, que, diferente do sujeito do iluminismo (individualista e centrado), não era autônomo e nem auto-suficiente, mas “era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (Hall, 2003, p. 11). Assim, a identidade era formada pela interação com outros seres e culturas; e (c) o sujeito pós-moderno, que possui uma identidade móvel, ou seja, “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpretados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2003, p. 13).

Hall (2003) acrescenta que, dentro de nós, há diversas identidades que se desencontram, uma vez que somos seres plurais e “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortável ‘narrativa do eu’” (Hall, 2003, p. 13). O autor ainda sugere que a globalização tem um impacto significativo nas identidades culturais, pois as sociedades modernas, nas quais estamos inseridos, têm, como característica, a mudança “constante, rápida e permanente” (Hall, 2003, p. 14), que é a principal diferença entre a modernidade e a tradicionalidade.

Como exemplificado por Hall (2003), as sociedades não são unificadas, mas estão constantemente sendo descentralizadas. E, por mais que pareça algo negativo, já que culturalmente uma sociedade pode se desencontrar por conta das diferenças, são elas que as unem também.

Se tais sociedades não se desintegram totalmente não é porque elas são unificadas, mas porque seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Mas essa articulação é sempre parcial: a estrutura da identidade permanece aberta. Sem isso, argumenta Laclau, não haveria nenhuma história. (Hall, 2003, p. 17).

Louro (2004) também aborda a ideia dos sujeitos, especificamente dos sujeitos cambiantes, que são aqueles que ousam desconfigurar esse padrão do ser, dessa forma, na pós-modernidade, são não-unificados:

[...] há sempre aqueles/as que rompem as regras e transgridem esses limites. Esses ‘transgressores’, por sua vez, acabam sendo o A necessidade da subversão: a teoria A necessidade da subversão: a teoria A necessidade da subversão: a teoria queer na educação alvo preferencial das pedagogias corretivas e normalizadoras, para os quais a sociedade reserva penas, sanções e exclusões. Esse é o preço que se paga por não reiterar constantemente a ordem pedagógica da relação ‘direta’ do corpo relacionado ao gênero e à identidade sexual ‘correspondente’ (Louro, 2004, p. 309).

Essas definições de sujeitos trazidas por Hall e por Louro são essenciais para que introduzamos o sujeito de Butler que, de certa forma, também nos implica a noção indispensável de alguns conceitos de Hegel (1770-1831), filósofo alemão e um dos pensadores mais influentes do ocidente, uma vez que seus estudos sobre o sujeito possuem, como ponto chave, a *Fenomenologia do espírito*<sup>16</sup>. “Butler admite a continuidade entre seu trabalho inicial e o trabalho posterior, afirmando que o seu interesse pelas formulações hegelianas sobre o sujeito, o desejo e o reconhecimento atravessa toda sua escrita” (Salih, 2012, p. 32).

Este “sujeito” de Hegel, ou Espírito, representa uma jornada de autoconhecimento, até chegar ao saber absoluto. Esse não é o mesmo “sujeito” de Butler, mas são equivalentes.

Embora a Fenomenologia seja a história do progresso do Espírito em direção ao saber absoluto, o Espírito de Hegel, ao contrário das narrativas que mencionei, não chega efetivamente a lugar nenhum, pois sua “jornada” é uma jornada metafísica, que representa também o progresso da história do mundo. A “fenomenologia” pode ser descrita de forma muito geral como o estudo do modo como as coisas nos apresentaram e da natureza da percepção. Assim, a *Fenomenologia* de Hegel é um estudo das sucessivas formas da consciência (Salih, 2012, p. 35).

O “saber absoluto” representa o conhecimento do mundo e suas características e só é alcançado “quando a mente compreende o fato de que a realidade não é independente dela, e que aquilo que ela está se esforçando para conhecer é, na verdade, *a si mesma*” (Salih, 2012, p. 35). Podemos chamar esse ato de conhecimento como a “jornada do herói” e, no dicionário hegeliano, representa a *dialética*, termo elementar para a filosofia de Hegel. De acordo com Salih (2012), a dialética não é meramente um método filosófico, mas um processo que envolve uma progressão partindo de uma posição inicial aparentemente estável (a tese) em direção ao seu oposto (a antítese) e, finalmente, resulta em uma reconciliação entre ambas (a síntese).

---

<sup>16</sup> É o estudo da consciência ou do modo como as coisas aparecem para nós. O termo tem sido usado desde o século XVIII e está associado, no século XIX, com a filosofia de Immanuel Kant e G.W Hegel e, no século XX, com a filosofia de Edmund Husserl, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty. (Salih, 2012, p. 32).

Dito isso, Butler desenvolve, de fato, suas ideias sobre o “sujeito”. A filósofa argumenta que o sujeito não é um ser preexistente, mas uma “forma” construída e performada através de práticas sociais. Portanto, para Butler (2003), o sujeito não é fixo, mas algo fluido e imutável, que supera as normas de gênero e sexualidade, por exemplo. Louro, Felipe e Goellner (2012, p. 10) vão dizer “que nada é “natural”, nada está dado de antemão, toda verdade – mesmo aquela rotulada de científica – é parcial e provisória e resulta disputas travadas em diversos âmbitos do social e da cultura e pode, por isso, ser questionada.”

Trabalharemos mais a fundo esses aspectos nos tópicos a seguir.

### 2.3. O GÊNERO

Devido à complexidade de definir, ou, de certa forma, teorizar o gênero, baseamos este estudo nos conceitos de Teresa de Lauretis (1987), Butler (2003), Louro, Felipe e Goehller (2012). É inegável que o gênero é limitador, uma vez que, a partir dele, pressupomos e categorizamos pessoas a papéis. Entretanto, quando nos propomos a qualificar o ser, estamos encaixando a peça de quebra-cabeça no lugar errado, por assim dizer. Lauretis (1987, p. 206) diz que o “conceito de gênero como diferença sexual e seus conceitos derivados – a cultura da mulher, a maternidade, a escrita feminina, a feminilidade etc. – acabaram por se tornar uma limitação, como que uma deficiência do pensamento feminista”.

Desta forma, partimos de uma premissa em que o mundo, em seu sentido cultural, é masculinista e heterossexual, portanto, tudo que foge deste padrão, é um “problema”, tema esmiuçado por Butler em seu livro *Problemas de Gênero* (2003).

Assim, o sujeito feminista se revela discursivamente constituído, e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que tornaria politicamente problemático, se fosse possível demonstrar que esse sistema produz sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial de dominação, ou os produz presumivelmente masculinos. Em tais casos, um apelo acrítico a esse sistema em nome da emancipação das “mulheres” estaria inelutavelmente fadado ao fracasso (Butler, 2003, p. 7).

Quando Butler elabora sobre os discursos, ela reverbera o que Lauretis (1987, p. 208) fala sobre essa distinção sexual, já que o sujeito se constitui no gênero através de “códigos linguísticos e representações culturais”. Assim, é correto afirmar que o gênero não é uma peculiaridade do ser-humano, mas também não é algo que existia anteriormente. Lauretis, em seu artigo *A Tecnologia do Gênero* (1987), faz uma série de 4 proposições sobre as particularidades do gênero: (1) O conceito de gênero é, em essência, uma representação, embora

isso, de forma alguma, implique que não haja consequências tangíveis, tanto no âmbito social quanto no subjetivo, nas vidas das pessoas; pelo contrário, são muito reais e concretas; (2) A construção do gênero é, em essência, uma representação, e de maneira mais abrangente, pode-se afirmar que toda a arte e a cultura erudita ocidental constituem um registro da evolução histórica dessa construção; (3) A construção do gênero, hoje em dia, não segue necessariamente o mesmo ritmo dos tempos passados, como a era vitoriana, por exemplo; ela continua a ocorrer não apenas nos locais convencionais, onde esperamos encontrá-la, como na mídia, nas escolas públicas e particulares, nos tribunais e nas diversas configurações familiares, sejam elas nucleares, extensas ou monoparentais – resumidamente, nos chamados “aparelhos ideológicos do Estado”, como denominado por Louis Althusser. Além disso, a construção do gênero também se manifesta, embora de maneira menos evidente, nos âmbitos acadêmicos, na comunidade intelectual, nas práticas artísticas de vanguarda, nas teorias radicais e, até mesmo, de forma bastante pronunciada, no movimento feminista; (4) Paradoxalmente, a construção do gênero também ocorre por meio da sua desconstrução, ou seja, em qualquer discurso, seja ele feminista ou não, que enxerga o gênero como meramente uma representação ideológica falsa. O gênero, assim como a realidade, não é apenas um efeito da representação, mas também seu excesso, algo que persiste além do alcance do discurso, como um potencial trauma que, se e quando não for contido, pode romper ou desestabilizar qualquer representação.

Lauretis, para demonstrar a posição cultural de gênero, nos apresenta a classificação verbete “gênero” no dicionário *American Heritage Dictionary of the English Language*. Para fins comparativos, trazemos três definições da palavra em dicionários publicados no Brasil. No dicionário *Houaiss da língua portuguesa* (2009), gênero é definido como

(1) conjunto de seres ou objetos que possuem mesma origem ou que se acham ligados pela similaridade de uma ou mais particularidades; [...] (3) qualquer classe de indivíduos com propriedades em comum, passível de subdivisão em classes mais restritas, as espécies; (4) BIO categoria taxonômica, que agrupa espécies relacionadas filogeneticamente, distinguíveis das outras por diferenças marcantes, e que é principal subdivisão das famílias; g. de vida modo de viver de um indivíduo ou grupo de indivíduos; g. humano a espécie humana (Houaiss, 2009, p. 963).

Já no *Dicionário UNESP de português contemporâneo*, gênero é descrito como “(1) grupo morfológico animal ou vegetal intermediário entre família e a espécie; [...] (7) categoria baseada na forma culturalmente elaborada que a diferença sexual assume em cada sociedade” (Borba, 2004, p. 672). Por fim, no *Dicionário da Língua Portuguesa*, da Porto Editora, o gênero segue a seguinte definição:



(1) conceito geral que abarca todas as cara(c)terísticas comuns de um determinado grupo, classe, etc.; (2) conjunto de seres com a mesma origem ou que apresentam cara(c)terísticas comuns; espécies; família; raça; [...] (7) LÓGICA ideia geral ou classe que abrange várias espécies; ~ próximo àquele que, na hierarquia dos termos em extensão, é imediatamente superior à espécie considerada; ~ *supremo* aquele que não é englobado por nenhum outro (Perfeito et al, 2009, p. 795).

Estas denominações referentes ao “gênero” revelam que a palavra é ligada a uma classificação, seja ela por questões comuns ou por modos de viver. Lauretis (1987, p. 210) relata que o gênero é a “representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria”, ou seja,

[...] constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer; assim o gênero atribui a uma entidade certa posição dentro de uma classe, e portanto uma posição *vis-à-vis* outras classes pré-constituídas. Assim, gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe (Lauretis, 1987, p. 211).

Essas classificações, reiteradas, principalmente, pela hegemonia, são normalizadas a partir do concebimento da criança. O chá de revelação, por exemplo, é uma festa para anunciar o gênero binário do bebê ainda no útero da mãe e, a partir disso, um caminho é traçado para a vida daquele ser humano, no qual normas de gênero devem ser seguidas rigorosamente. De acordo com Louro (2004, p. 15-16), “Para se qualificar como um sujeito legítimo, como um ‘corpo que importa’; no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura” (Butler, 2004 apud Louro, 2004, p. 15-16). Essas normas, nomeadas a partir da definição do gênero baseada no sexo anatômico, são provenientes de uma cultura normativa. Louro (2004, p. 44) esclarece que “As normas regulatórias do sexo têm, portanto, caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual”.

No romance *Lembra aquela vez* (2017), o capítulo três da obra é intitulado *Virando homem* (Silvera, 2017, p. 27), no qual Aaron se vê na posição de perder a virgindade tendo relações sexuais com sua namorada. Entendemos que, além do desempenho de gênero, também está sendo imposto o desempenho da heterossexualidade. É de senso comum que os homens heterossexuais percam suas virgindades cedo, assim aqueles que não seguem o exemplo são vistos como menos homens ou esvaziados de sexualidade, como nos dois trechos a seguir: “— Aaron, não seja um molequinho que todo mundo vai pensar que é um otário ou um viadinho por arregar” (Silveira, 2017, p. 29), e “Ele recebeu o primeiro boquete aos treze anos de idade, de

uma garota chamada Charlene, e não parava de falar disso sempre que jogávamos videogame” (Silvera, 2017, p. 28).

Há, em todos os tempos, épocas, fases e processos, pessoas que subvertem essa norma imposta. Independente das regras ou leis que estão sendo a todo momento reiteradas pelos grandes detentores de poder, cujo gênero, sexo, sexualidade e classe se adequam às normas culturalmente exigidas e as entidades apresentam-se de forma coerente com a sua noção de identidade, rompendo essa hegemonia.

Em continuidade, Butler (2003) nos apresenta a “inteligibilidade de gênero”, uma relação de coerência entre o gênero, desejo, sexo e prática social. Dessa forma, o essencialismo da biologia tem proveito cultural no que diz respeito ao gênero e suas práticas que derivam disso, ou melhor dizendo, suas expressões. “A noção de que pode haver uma ‘verdade’ do sexo, como Foucault a denomina ironicamente, é produzida precisamente pelas práticas reguladoras que geram identidades coerentes por via de uma matriz de normas de gênero coerentes” (Butler, 2003, p. 35). Portanto, essa normatividade, que abarca a heterossexualidade, a cisgeneridade, o sexo anatômico e o desejo, exige diferenças claras entre o feminino e o masculino e essas diferenças são características provenientes da ideia de ‘macho’ e ‘fêmea’. Butler prossegue o debate citando a ‘matriz cultural’, que possibilita a identidade de gênero e demanda que identidades que não fazem parte do padrão imposto também existam. “[...] isto é, aqueles em que o gênero não decorre<sup>17</sup> do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não ‘decorrer’ nem do ‘sexo’ nem do ‘gênero’” (Butler, 2003, p. 35).

Dito isso, gênero é, de fato, uma construção cultural que se irradia pela interpretação de cultura do sexo. Mas como essa construção se dá? O que ela realmente representa? Butler questiona com mais afinco essa ‘construção’:

Porventura a noção de ‘construção’ sugere que certas leis geram diferenças de gênero em conformidade com eixos universais da diferença sexual? Como e onde ocorre a construção do gênero? Que juízo podemos fazer de uma construção que não pode presumir um construtor humano anterior a ela mesma? (Butler, 2003, p. 23).

Entende-se, quando levamos em consideração essa construção, que o gênero é definido por um determinismo cultural, que diferencia os gêneros e, para tal diferenciação, predominam os significados culturais de corpos anatômicos. Portanto, essa pauta acaba caindo no essencialismo biológico de que determinado sexo anatômico pertence a determinado gênero.

---

<sup>17</sup> Nesse contexto, "decorrer" seria uma relação política de direito instituída pelas leis culturais que estabelecem e regulam a forma e o significado da sexualidade. (Butler, 2003, p. 35).

Butler (2003) aborda, também, o que Simone de Beauvoir entende como gênero. Ela afirma que, para a filósofa francesa, gênero é, de fato, construído, mas há um *cogito* “que de algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo, em princípio, assumir algum outro” (Butler, 2003, p. 23). Assim, Butler indaga: o gênero realmente é tão variável quanto sugere Beauvoir? Para ela, não, uma vez que não há nada na explicação de Beauvoir que garanta que o ser que se torna mulher seja, de fato, uma fêmea. “Se, como afirma ela, ‘o corpo é uma situação’, não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva” (Butler, 2003, p. 23). Dessa forma, há uma variedade de ideias sobre tal aspecto e suas formas de construções. Butler, por sua vez, afirma que o gênero sempre será definido como gênero desde o começo.

A controvérsia sobre o significado de *construção* parece basear-se na polaridade filosófica convencional entre o livre-arbítrio e determinismo. Em consequência, seria razoável suspeitar que algumas restrições linguísticas comuns aos pensamentos tanto formam como limitam os termos de debate. [...] Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero; e emerge então a questão: em que medida pode o corpo *vir a existir* na(s) marca(s) do gênero e por meio dela(s)? Como conceber novamente o corpo, não mais como um meio ou instrumento passivo à espera de capacidade vivificadora de uma vontade caracteristicamente imaterial? (Butler, 2003, p. 24).

Assim, compreendemos com essas ideias que o gênero vai além da construção, mas é, também, uma marca que define o ser. Essas marcas são o que diferenciam as pessoas pela biologia, linguística/cultura. “Nestes últimos casos, o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado *só existe* em relação a outro significado oposto” (Butler, 2003, p. 28). Em outras palavras, o que a teórica expressa é que o gênero estará, sempre, transitando no contexto dos discursos e, como exemplifica Salih (2012, p. 68), “é um ato ou uma sequência de atos que está sempre e inevitavelmente ocorrendo, já que é impossível alguém existir como um agente social fora dos termos do gênero”.

#### 2.4. O SEXO E A SEXUALIDADE

O sexo e a sexualidade, hoje, são, indubitavelmente, alguns dos assuntos mais debatidos pela sociedade. A biologia, a antropologia, a literatura, a linguística, a psicologia, a religião, e tantas outras ciências e organizações estão com seus olhos voltados para essa característica intrínseca ao ser. No que diz respeito ao sexo, Salih (2012, p. 106) afirma que

teorizar o sexo em termos de interpelação, como faz Butler, implica que as partes do corpo (particularmente o pênis e a vagina) não estão simples e naturalmente ‘aí’, do nascimento em diante, mas que o sexo é performativamente constituído quando um corpo é categorizado como ‘macho’ ou como ‘fêmea’.

Ou seja, a partir do primeiro ultrassom em que o médico fala “é menina” ou “é menino”, espera-se a performance do gênero, pois há uma carga histórica de deveres no “sexo” feminino e no sexo masculino, assim distintos pela hegemonia.

Uma menina não nasce menina, mas é “tornada menina”, para usar a expressão de Butler, ao nascer, ou até mesmo antes, com base no fato de possuir um pênis ou uma vagina. Essa é uma distinção arbitrária, e Butler argumenta que as partes sexuais do corpo são investidas de significado e, conseqüentemente, os bebês também poderiam ser diferenciados uns dos outros com base em outras partes – o tamanho das orelhas, a cor dos olhos, a flexibilidade da língua (Salih, 2012, p. 106).

O sexo, dessa forma, é um efeito e não uma causa. Portanto, quando nomeamos a genitália a um sexo e, esse sexo, a um gênero, estamos, implicitamente, proibindo que um corpo exista fora desse discurso de sexo e de gênero feminino e masculino. Butler (1993) esclarece que, a partir do momento que há a nomeação do gênero, ou seja, “é menina!”, uma imposição do “ser menina” determina a feminilidade que deve ser seguida por aquele corpo. Neste sentido, Louro (2004, p. 15) esclarece que “A declaração ‘É uma menina!’ ou ‘É um menino!’ também começa uma espécie de ‘viagem’, ou melhor, instala um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção.”

No que tange à sexualidade, Louro (2004) explica que, através dessa perspectiva multidisciplinar, ela vem sendo descrita, compreendida, explicada, regulada, saneada, educada e normatizada. Como supracitado no subtópico 2.3, tudo que foge à normalidade estabelecida, como gênero, sexo e sexualidade, é um “problema” (Butler, 2003).

No artigo *Victimization of queer individual as portrayed in Adam Silveras’s More happy than not* (2023), já citado na introdução desta dissertação, são apresentados os quatro estágios da formação da identidade homossexual a partir do conceito criado por R.R Troiden (1989), são eles: (a) sensibilização: ocorre antes da puberdade e o indivíduo não vê sua sexualidade como algo relevante para sua vida, mas adquire experiências sociais durante a infância que, futuramente, serão utilizadas como embasamento para a possibilidade de ser homossexual. A maior característica dessa fase é que o indivíduo se sente diferente, de forma marginalizada; (b) confusão de identidade: acontece na fase final da adolescência e o indivíduo começa a perceber que é homossexual, mas não tem certeza, uma vez que a homossexualidade não faz parte da identidade que ele construiu para si próprio; (c) suposição de identidade: o indivíduo começa a

se identificar como homossexual e se apresenta para a sociedade como homossexual, pelo menos para outros homossexuais. Nessa fase, a pessoa passa a adentrar a cultura gay e dá início às experiências sexuais; (d) compromisso: aqui, o indivíduo passa a utilizar a homossexualidade como um modo de vida, demonstrando conforto e felicidade com sua sexualidade. Entretanto, essa fase é considerada inconsciente e pode ser enfraquecida e/ou fortalecida a depender de contextos sociais, econômicos, profissionais etc.

Os dois primeiros estágios são semelhantes às fases que Aaron passa desde o momento que demonstra fugir da norma. A sensibilização pode ser vista nas características apresentadas nos *flashbacks* do personagem, como escolher apenas personagens femininas nos jogos; encarar o corpo de seu amigo, Brendan, mais do que necessário; contar para o pai sobre como os homens costumavam interpretar mulheres nas peças de Shakespeare – e ser repreendido por isso.

Já a confusão de identidade, que também aflige Aaron, é vista no embate desencadeado pela dúvida sobre a sua própria sexualidade e pelo padrão heterossexual exigido. O garoto, após eventos que o fazem questionar sua sexualidade, coloca-se na esfera do problema: “Mataremos a parte de mim que arruinou tudo. Serei hétero, exatamente como meu pai queria” (Silvera, 2017, p. 233). Para o garoto, a única solução possível é a de se enquadrar nesse padrão de gênero, sexo e sexualidade, uma vez que, aqueles que desafiam o sistema são postos como seres abjetos, estranhos, indignos de possuírem direitos humanos e civis.

Pensando nessas opressões, há a necessidade de debatermos sobre aqueles que sofrem, de forma mais intensa, as consequências da norma, por isso introduzimos o quare no tópico a seguir.

## 2.5. O QUARE

A manutenção das opressões sistêmicas, como o racismo, o sexismo e o classismo são os principais fatores da abjetificação da comunidade *queer*, entretanto, quando ‘pegamos emprestada’ uma teoria estrangeira, que nem sempre será capaz de suprir as demandas necessárias, corremos o risco de uma leitura incompleta. Não é nossa intenção segregar o que já é segregado, mas é imprescindível que façamos algumas pontuações do que nos difere uns dos outros, pois, assim, nos percebemos em uma caixa de vivências que é inacessível para alguns. Sujeitos não brancos, em um geral, não são representados pela teoria *queer*, mas, E. Patrick Johnson propõe uma vertente para os sujeitos afrodescendentes, a analítica quare. Assim como feminismo negro surge em contraponto ao feminismo branco, que excluía as mulheres não-brancas, o quare surge como uma ampliação da Teoria *queer* para os sujeitos negros.

Essa renitência na busca pela equidade pressupõe, no entanto, um contínuo embate entre grupos privilegiados e aqueles coagidos, constrangidos aos rincões mais recônditos, relegados a um status de subalternidade, em um contexto regido por forças hegemônicas. É desse quadro de imbricações assimétricas, de oposições e antagonismos que se deflagra um horizonte de (co)existências múltiplas, um cenário onde existências queer e quare vêm a ser (Morais, 2020, p. 2).

Fernando Moraes (2020), pesquisador da Teoria *queer* e quare, enfatiza a dificuldade de se definir o quare, ou até mesmo o *queer*, afinal, elas não são, de fato, uma identidade, mas algo que se transforma, que habita, que é mutável e múltiplo. “Ao convulsionar noções essencialistas ou fixas de identidade, esses sujeitos não podem ocupar uma posição única, exclusiva, estando, por conseguinte, impregnados por identidades múltiplas, sobrepostas. A confluência identitária torna-se a ordem do dia” (Morais, 2020, p. 31). Portanto, levando em consideração essas subjetividades do sujeito, E. Patrick Johnson propõe o quare em seu livro “*Quare Studies, or (almost) everything I know about queer I learned from my grandmother*” (2005), em que sugere uma abordagem em que levamos classe e raça como ponto distintivo. “Johnson sugere a reconceptualização dos estudos *queer*, visando a transformar o que é *queer* em quare, a fim de abarcar as categorias de raça/etnia e de classe até então negligenciadas por aqueles estudos” (Morais, 2020, p. 31). Em sua visão, Patrick pontua que o *queer* está visivelmente concentrado em uma visão do ser, mas não leva em consideração a vivência de pessoas LGBTQIAPN+ de raças/etnias e classes diferentes.

Os estudos quare são uma teoria de e para LGBTQs negros. Assim, reconheço que, em minha tentativa de levar esses estudos adiante, corro o risco de promover outra versão da política de identidade. Apesar disso, considero necessário percorrer esse campo minado, a fim de elucidar como algumas vertentes da teoria queer omitem a sexualidade racializada. A teoria proposta é uma “teoria na carne”. As teorias na carne enfatizam a diversidade dentro de cada grupo e entre os grupos de gays, de bissexuais, de lésbicas e de transgêneros negros, ao mesmo tempo em que explicitam como o racismo e o classismo afetam o modo de vivenciarmos e teorizarmos o mundo. As teorias na carne também unem teoria e prática, por meio de uma política corporificada de resistência. Essa política de resistência está presente nas tradições vernáculas, tais como performances, folclore, literatura e arte verbal (Johnson, 2005, p. 127, apud Moraes, 2020, p. 32).

Para além do *queer*, *Lembra aquela vez* (2017), de Adam Silvera, também deve ser pautado fora dessa bolha branca, uma vez que Aaron, personagem principal, é descendente de porto-riquenhos, pobre e mora em um dos distritos mais racializados de Nova Iorque, o Bronx. Ao longo do texto, o autor explicita as condições financeiras e o estigma que os latinos possuem nos EUA:

- Meu chefe está procurando outro lavador de louças - diz Baby Freddy. - Caso você queira parar de traficar.

-Lavar louças é para latinos como você e Dave Magro. Estou fora (Silvera, 2017, p. 108).

Quando se é estigmatizado, é comum que nos coloquemos em lugares aos quais não pertencemos, ou melhor, o opressor faz o oprimido se sentir pertencente àquele local, mas jamais deixará esse indivíduo ascender. No romance, sempre que a questão de classe surge, Aaron usa adjetivos negativos para se referir a si mesmo, a sua casa e a sua família, como: “[...] elas realmente fazem com que este complexo de quatro edifícios pareça menos um lugar de merda, onde moramos por acaso, e mais um lar” (Silvera, 2017, p. 39). Aqui, Aaron associa seu condomínio de quatro edifícios (quantidade populacional) com a pobreza. É comum que tenhamos locais com grandes quantidades de habitantes em espaços mínimos, quase desumanos, para que as pessoas morem, como no trecho a seguir: “Minha casa se resume a um apartamento de quarto e sala para nós quatro. Quer dizer, nós três. Três” (Silvera, 2017, p. 12).

A questão da moradia da família do jovem protagonista nos alerta sobre as condições subumanas em que algumas pessoas vivem. Vejamos a situação do Brasil, por exemplo, que, na constituição, ressalta a moradia como um direito de todos, mas que, na prática, não se aplica. De acordo com a ONU-habitat<sup>18</sup>, aproximadamente 33 milhões de brasileiros e brasileiras não possuem lugar para morar ou vivem em situação de risco/precária. Por outro lado, no estado de São Paulo, existem 400 mil pessoas sem ter onde morar ou sem moradia digna, mas 600 mil casas desocupadas.

Nos Estados Unidos a situação também é precária. Em 2020, foram contabilizados mais de 520 mil moradores de ruas ou pessoas vivendo em situação precária.<sup>19</sup> Na Califórnia, estado mais rico dos Estados Unidos, cerca de 150 mil pessoas moram nas ruas.

Em similaridade e, de certa forma, ironicamente, o estado mais rico do Brasil e o estado mais rico dos EUA são os que mais possuem pessoas em situação de rua.

No trecho a seguir, Aaron sente vergonha do seu próprio lar:

Observo seus olhos, enquanto ele analisa o apartamento. Fico imediatamente envergonhado pelo apartamento cheirar a roupa molhada, como Eu-doidão disse uma vez. Não consigo mais notar o cheiro. Da primeira vez que Baby Freddy veio me visitar, ele procurou imediatamente o quarto (que não é muito difícil de achar) para tentar ver a cama na qual dormíamos todos juntos. Era um conceito muito estranho para alguém que tinha seu próprio quarto (Silvera, 2017, p. 125).

---

<sup>18</sup> Déficit habitacional: mesmo com crescimento no número de domicílios, população ainda não tem acesso à moradia digna. Disponível em: <<https://www.synergiaconsultoria.com.br/fique-por-dentro/acesso-a-moradia/#:~:text=Em%202020%2C%20o%20Instituto%20Brasileiro,esgoto%20ou%20fornecimento%20de%20energia>>. Acesso em: 15 de fevereiro, 2024.

<sup>19</sup> EUA tentam lidar com alta de moradores de rua e esvaziamentos dos centros. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2022/10/eua-tentam-lidar-com-alta-de-moradores-de-rua-e-esvaziamento-dos-centros.shtml>>. Acesso em: 15 de fevereiro, 2024.

Entende-se que há níveis de subordinação até mesmo na classe mais baixa, portanto até entre os mais pobres, os imigrantes ainda são vistos como menores. Aaron, como latino e gay, é colocado nesse lugar de abjeção, o que nos leva a pensar nas palavras de Moraes: “A presunção de que todos os queers são atingidos pelos mesmos mecanismos de opressão leva, de certa forma, ao retorno a uma matriz normativa obliterante de outras diferenças, relegando outros sujeitos ao ostracismo” (2020, p. 30). Por isso, a necessidade de utilizarmos o *queer* para compreender as diversas identidades pertencentes às classes e raças/etnias afrodescendentes. Como E. Patrick Johnson argumenta, o *queer* é criado para a comunidade negra, portanto surge a inevitabilidade de lidarmos com uma nova vertente que também engloba os outros sujeitos *queer* não brancos. Neste sentido, Johnson deu o pontapé inicial para que os estudos identitários possam, de alguma forma, compreender a vivência de todos aqueles que são oprimidos pela heteronormatividade.

## 2.6. A ABJEÇÃO E SEU DESENVOLVER

A abjeção é um termo cunhado por Julia Kristeva (1941-), uma filósofa e escritora Búlgara, no artigo *Poderes do Horror: um ensaio sobre a abjeção*, publicado em 1980. De acordo com a autora, o abjeto perturba a identidade, o sistema e a ordem. Assim, a abjeção é um espaço onde a coletividade costuma relegar os sujeitos considerados uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social. Em termos sociais: o sujeito *queer* vive a experiência de ser temido e recusado com repugnância, pois sua existência perturba a visão homogênea e estável do que é ser comunidade (Miskolci, 2012).

Quando falamos da heteronormatividade, que segue a norma já supracitada de sexo, gênero, classe e raça, devemos falar, também, do seu sistema milenarmente opressor que coloca as pessoas à margem, ou seja, as abjetificam. “O abjeto é algo pelo que alguém sente horror ou repulsa como se fosse poluidor ou impuro, a ponto de ser o contato com isso temido como contaminador e nauseante” (2012, p. 44). Esse sistema exclui, constrói o ‘não-eu’, então compreende-se que tudo aquilo que não se é deve ser expulso. Butler explica que “O ‘abjeto’ designa aquilo que foi expelido do corpo, descartado como excremento, tornado literalmente ‘Outro’” (Butler, 2003, p. 178); e é por meio desse descarte que o abjeto se estabelece.

Essa abjeção está enraizada na sociedade, portanto, é de forma sutil que aparece, como em uma escola que possui apenas banheiros binários, em que um indivíduo que não se encaixa



nesse padrão de gênero passa a ser excluído. Assim, também constatamos que é de forma cotidiana e ‘invisível’ que a opressão vai minando o ser.

Por mais que todas as maiorias minorizadas sejam consideradas abjetas, é pela sexualidade que essa norma será mais opressiva, porque, como explica Miskolci, é por ela que a sociedade demonstra seus sentimentos mais profundos e particulares. Por isso a importância do *queer*, um movimento que recusa os valores morais e ressignifica o abjeto.

Essa abjeção leva à violência física e psicológica. Quando a norma é quebrada, a hegemonia reage de formas violentas. De acordo com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transsexuais (ABGLT), cerca de 20 milhões de brasileiros se identificam como parte da população LGBTQIAPN+. Desses, 92,5% já declararam ter sofrido algum tipo de discriminação. A pesquisa ainda informa que, atrelados à eleição presidencial de 2018, o número de casos violentos aumentou. Outra organização, a Transgender Europe, afirma que dos 325 assassinatos de pessoas transgêneros registrados em 71 países entre 2017 e 2018, 171 casos ocorreram em terras brasileiras (51%).<sup>20</sup>

Para além da violência do Outro, o ser considerado abjeto também passa a se ver como algo desprezível, daí a necessidade de se moldar a essa sociedade ou, até mesmo, se curar. A All Out e o Instituto Matizes, em um levantamento feito no Brasil, encontraram 26 métodos ainda vigentes de “cura gay” divididos em quatro pilares: mental; religioso; escolar; familiar. Carvalho (2022) relata que, dentro dos pilares da psicologia, da religião e da família, existem rituais de exorcismo, profecias (ser gay condena o sujeito ao inferno), encontros e confissões em retiros de correção sexual, votos de silêncio e diversos outros rituais, como: “passar óleo ungido no corpo, uso de sangue animal no corpo, sessões de descarrego espiritual; e, por meio de punições, submetendo os castigados a carregarem peso, passarem pimenta nos dedos, utilizarem munhequeiras, além de terem suas mãos e braços amarrados” (Carvalho, 2022, online).<sup>21</sup>

Ainda no levantamento feito pela All Out e pelo Instituto Matizes, foram feitas diversas entrevistas com sujeitos *queer* que passaram por algum tipo de tentativa de “cura gay”. Além da homofobia, os relatos falam até de intolerância religiosa, implicando que a comunidade gay participava de religiões de matriz africana por estarem possuídos por demônios, o que

---

<sup>20</sup> A LGBTFobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização. Disponível em: <<https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/>>. Acesso em: 25 de janeiro, 2024.

<sup>21</sup> Pesquisa encontra 26 métodos de "cura gay": "Eu vivia a heterossexualidade compulsória". Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/07/07/pesquisa-encontra-26-metodos-de-cura-gay-eu-vivia-a-heteronormatividade-compulsoria>>. Acesso em: 28 de janeiro, 2024.

demonstra dois tipos de preconceito. Já sobre os relatos acerca da violência psicológica, os sujeitos que “deveriam” ser curados eram obrigados a tomar hormônios e ameaçados de internação compulsória. Também foram relatados exorcismos feitos em clínicas psicológicas, procedimento de regressão, técnica de constelação familiar, terapia de desobsessão e tratamento de adequação de postura e voz.

Essas questões de abjeção e da cura gay são pontos chave na narrativa de Aaron, protagonista de *Lembra aquela vez* (2017). Vejamos a seguir com a análise do romance.

## CAPÍTULO 3

### O ‘EU’ COMO O ‘OUTRO’ EM LEMBRA AQUELA VEZ

A título introdutório e detalhista, o romance juvenil em tela nos transporta para um mundo em que a medicina é avançada o suficiente para suprimir – não apagar – as memórias daqueles que desejam, desde que o motivo seja plausível, como o caso do amigo de Aaron, Kyle, que precisou fazer o procedimento após causar, involuntariamente, a morte de seu irmão gêmeo, Kenneth, quando ficou com uma garota que possuía um namorado e esse namorado matou o irmão errado. Para realizar tal procedimento, surge a Leteo, uma empresa médica que consegue suprimir as memórias – mesmo com diversos fatores de risco –, o nome Leteo possui, como inspiração, o rio Lete, que vem do grego Léthê ou, em tradução literal, “esquecimento”. Na mitologia grega, o Lete faz parte de um dos rios de Hades e tinha, como princípio, o esquecimento de vidas passadas a quem bebesse de sua água.

O romance detalha outros casos que também foram aprovados para o procedimento:

- Há alguns meses, um idiota bateu o carro e matou a mulher e o filho de quatro anos. Por algum motivo bizarro, os arruaceiros do Leteo concordaram em apagar a memória das existências da mulher e do filho dele, depois que ele tentou se matar na cadeia.
- Por que ele desejaria esquecer a família? – pergunto.
- Por culpa – diz Harold. – Segundo o Leteo, ele consegue lidar melhor com suas funções na cadeia quando acredita que matou estranhos. Eu e Maggie achamos que isso é baboseira. A culpa é *dele*, e ele precisa sentir.
- É certamente pior do que um caso de atropelamento e fuga - diz Maggie. – Eles enxergam todos nós como clientes, e não pacientes. Existe uma diferença enorme. – Ela vira as costas e levanta o cartaz o mais alto possível, gritando: – Sem milagres para criminosos! Sem milagres para criminosos! (Silvera, 2017, p. 102).

O punitivismo carcerário também é representado por meio da metáfora do Leteo, uma vez que a penitenciária, no mundo das ideias, deve preparar o penitenciário à ressocialização. Quando os protestantes gritam “Sem milagres para criminosos!”, estão em busca de um revanchismo, uma vingança, mas não a favor de uma reorganização pessoal do indivíduo preso. A título de curiosidade, a maior população carcerária do planeta fica nos Estados Unidos da América, com cerca de 1,46 milhão de pessoas, em 1833 prisões estaduais, 110 prisões federais, 1772 centros de detenção juvenil e 3134 cadeias. O gasto anual é de US\$52 bilhões de dólares<sup>22</sup>. De acordo com a BBC (2021), em 2019, a população negra dos EUA representava 13% dos 331,9 milhões de habitantes, mas eram um terço da população carcerária do país. Assim, a cada

---

<sup>22</sup> EUA gastam cerca de US\$52 bilhões por ano com encarceramento. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2022-jan-05/eua-gastam-cerca-us-52-bilhoes-ano-encarceramento/#:~:text=Para%20encarcerar%20mais%20de%201,drasticamente%20nas%20C3%BAltimas%20duas%20d%C3%A9cadas>>. Acesso em: 10 de janeiro, 2024.

100 mil habitantes afro-americanos, 1000 estavam presos se comparado com os brancos que, a cada 1000 mil habitantes, 200 estavam presos.<sup>23</sup>

Na narrativa, efeitos colaterais são comuns no procedimento do Leteo, como a incapacidade de fazer novas memórias e/ou morte cerebral. Em um trecho, o narrador descreve um protesto contra o Leteo, empresa que faz os procedimentos:

– Com licença, com licença. Perdão. Qual é a desta placa?  
– Uma menina sofreu morte cerebral por causa da Leteo – responde a mulher. Seu tom é solene e os olhos, inexpressivos – Já é quarta vítima esta semana. Nós vamos protestar para fechar esse lugar. – A mulher soa orgulhosa e arrogante. Ela também deve pertencer àqueles malucos da PETA que jogam sangue falso em velhinhas vestindo casacos de pele (Silvera, 2017, p. 98/99).

O romance, narrado em primeira pessoa por Aaron, nos introduz Thomas, um garoto com o qual o protagonista tromba durante uma brincadeira com os colegas. A partir disso, um vínculo é estabelecido: “Um cara que não conheço, de pele marrom-clara, com sobrelhas grossas, está parado no meio-fio. [...] – Foi um prazer ajudar – diz ele, com um sorriso que provavelmente conquista muitas meninas. – Meu nome é Thomas, a propósito” (Silvera, 2017, p. 43/44).

Então, a amizade dos dois garotos se torna cada vez mais forte, o que faz o protagonista ficar confuso com seus sentimentos, afinal, ele se considerava heterossexual. Nos trechos a seguir, o protagonista descreve Thomas sempre de forma a perceber pequenas características:

– Imagina se pudéssemos brilhar para atrair parceiros, em vez de se banhar com perfumes que sufocam todos em um raio de quinze metros – diz ele, o que é estranho, porque não acho que a colônia dele cheira tão mal” (Silvera, 2017, p. 50);

[...] Não sei como responder. Esse cara era ninguém para mim ontem. E agora, ele é... o quê, exatamente? Não sei ao certo, mas ele é mais que um ‘desistente’ (Silvera, 2017, p. 60);

Ele tem um abdômen de *God of War*, e tudo que tenho é uma caixa torácica saliente. (Silvera, 2017, p. 83);

Soco seu peito, mas o dele é mais firme do que o meu. – Seu peito é duro. (Silvera, 2017, p. 89).

Nesses trechos, percebemos, também, a falta de autoestima do jovem, que se vê inferior aos outros, já que, devido à transição para a vida adulta, a mistura de sentimentos sobre o novo, sobre as incertezas e sobre o futuro vem à tona.

---

<sup>23</sup> Quatro fatos que ajudam a explicar tensão entre negros americanos e polícia. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56737516#:~:text=Mais%20afro%2Damericanos%20est%C3%A3o%20presos&text=Em%202019%2C%20os%20afro%2Damericanos,da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20carcer%C3%A1ria%20do%20pa%C3%ADs>>. Acesso em: 10 de janeiro, 2024.

Enquanto todos esses múltiplos sentimentos aparecem – e preocupam – Aaron, sua vida amorosa com Genevieve, a namorada, está cada vez mais desgastada, uma vez que a atração sexual não está mais ali, ou nunca esteve. A partir disso, ele busca uma forma de terminar com a garota. “– Também senti saudade de você – digo, e, apesar de olhá-la nos olhos, isso não parece mais tão certo” (Silvera, 2017, p. 134). Um turbilhão de pensamentos passa pela cabeça de Aaron, afinal, ele acredita que sempre gostou de garotas, nunca desejou alguém do mesmo sexo, então por que, agora, em que ele estava, aparentemente, feliz com uma namorada estragaria tudo?

O protagonista parte nessa jornada de descobrimento e conta para Thomas que é gay: “– Está bem, certo, eu meio que, talvez, mais ou menos, possivelmente... Acho que eu talvez... goste de homens, está bem?” (Silvera, 2017, p. 157). O protagonista está desconfortável por ter que verbalizar aquilo que ele já sabia em seu íntimo. Colocar em palavras sua sexualidade desviante é como confirmar que cometeu um delito.

Daí em diante, a vida de Aaron começa a desmoronar, pois percebe que está apaixonado por Thomas e que precisa lidar com as consequências de viver a vida como um homem gay, isto é, com toda a opressão que a palavra carrega. “É claro que temo pela minha vida por ser um gostador-de-caras em um lugar como este, mas também não vou sair contando para todo mundo amanhã” (Silvera, 2017, p. 158). Aqui, percebemos a violência embutida em sua fala, visto que muitos homossexuais são alvo de homofobia e violência. Sobre isso, o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) divulgou os dados do Dossiê de Mortes e Violências contra LGBTI+ no Brasil em 2022 sendo que: “Com um amplo diagnóstico das vítimas da LGBTIfobia, o dossiê indica que, de janeiro e dezembro do ano passado, 273 pessoas LGBTIA+ morreram de forma violenta, mantendo o Brasil como o país que mais mata LGBTIA+ no mundo” (MDHC, 2023, online)<sup>24</sup>. Vale ressaltar que, embora o romance seja norte americano e retrate a realidade estadunidense, curiosamente, expressa muito mais a realidade do Brasil, uma vez que os níveis de violência, marginalização e opressão, em um geral, nos coloca na primeira posição.

Embora a narrativa se desenrole na cidade de Nova Iorque, percebemos que sua preocupação reflete dados atuais sobre a vida e a saúde de adolescentes e jovens queer:

---

<sup>24</sup> Dossiê apresentado ao MDHC indica 273 mortes de LGBTIA+ no Brasil, em 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/maio/dossie-apresentado-ao-mdhc-indica-273-mortes-de-lgbtia-no-brasil-em-2022#:~:text=Com%20um%20amplo%20diagn%C3%B3stico%20das,mais%20mata%20LGBTIA%2B%20no%20mundo>>. Acesso em: 26, fev. 2024.

O estigma e a discriminação contra as minorias sexuais e de gênero podem levar ao stress crônico e causar respostas de stress (por exemplo, pressão alta, ansiedade) que se acumulam ao longo do tempo, levando eventualmente a problemas de saúde física e mental. [...] Estudos sugerem que os impactos do estigma e da discriminação começam cedo na vida. Os jovens LGBTQ+ (especificamente, adolescentes e jovens adultos com cerca de 20 anos) podem estar em maior risco de tentativa de suicídio e depressão (The Behavioral Risk Factor Surveillance System (BRFSS), 2022, online, tradução nossa)<sup>25</sup>

Em um breve lapso de coragem, o protagonista se declara para o amigo, mas não é correspondido, pois Thomas é um jovem heterossexual. Então, não conseguindo lidar com a dor da rejeição e com todos os sentimentos que mudaram sua vida de uma hora para outra, relacionados à descoberta de sua sexualidade, Aaron decide se submeter ao procedimento da Leteo.

Quero ser submetido ao procedimento do Leteo.  
A princípio, foi um pensamento louco, do tipo que temos às seis da manhã, depois de uma noite em claro, quando a vida está uma bosta, mas passo o final de semana pesquisando tudo sobre o Leteo, e a verdade é que existe esperança para mim. Minha preocupação principal é toda essa controvérsia a respeito dos procedimentos falhos que ocorreram ultimamente. Mas descobri que, no último mês, para cada procedimento que falhou em algum lugar do país, foram realizadas doze alterações bem-sucedidas. Se outras pessoas acreditam que vale a pena correr o risco de sofrer uma morte cerebral, não posso deixar de concordar que isso é provavelmente melhor do que **tentar me você-sabe-o-quê de novo**, por estar me sentindo completamente derrotado (Silvera, 2017, p. 179, grifos nossos).

Quando menciona que pode “tentar me você-sabe-o-quê de novo”, Aaron fala sobre a tentativa de suicídio, comprovando as declarações do BRFSS sobre essa probabilidade. No artigo *Reimagining Queer Death In Young Adult Fiction* (2020), Katelyn R. Browne debate sobre como o *queer* está sempre atrelado a morte nas literaturas IJ e disserta que o ser *queer* está intrinsecamente ligado a adolescência, uma vez que a sociedade considera incompatível com a vida adulta ser parte da comunidade LGBTQIAPN+, por isso os livros IJ utilizam desse artefato como *plot*. Mas qual é, de fato, a ligação entre o adolescente *queer* e a morte?

De acordo com Browne (2020), na cultura imaginária da sociedade, o adolescente está sempre atrelado a uma instabilidade emocional e, dessa forma, os autores de livros IJ, em sua maioria, colocam estes personagens para testar seu próprio poder, lidar com as adversidades causadas pela falta de identitarismo hegemônico das instituições etc. Ou seja, ser *queer* já um

---

<sup>25</sup> Stigma and discrimination against sexual and gender minorities can lead to chronic stress and cause stress responses (e.g., high blood pressure, anxiety) that accrue over time, eventually leading to poor mental and physical health. Studies suggest the impacts of stigma and discrimination begin early in the life course. LGBTQ+ youth (specifically, adolescent teens and young adults in their early 20s) may be at increased risk for attempted suicide and depression. *Sexual Orientation and Gender Identity: Demographics and Health Indicators*. Disponível em: <[https://www.health.ny.gov/statistics/brfss/reports/docs/2022-16\\_brfss\\_sogi.pdf](https://www.health.ny.gov/statistics/brfss/reports/docs/2022-16_brfss_sogi.pdf)>. Acesso: 26, fev. 2024.

fato desestabilizador e, para esta sociedade, algo desmoralizante, por isso, o adolescente deve passar para a vida adulta – que deve ser estabilizada e bem-sucedida – sem uma instabilidade identitária, sendo assim, deve seguir a norma heterossexista. A morte acaba se tornando uma alternativa para a estabilização, já que não lida mais com essa cobrança vinda de si e do Outro. Para Browne (2020, p. 4. Tradução nossa<sup>26</sup>), “A adolescência tem, portanto, dois fins naturais: a vida adulta heteronormativa e bem-sucedida ou a sepultura”.

Para além disso, ao descrever sua vida como “uma bosta”, entendemos que o maior peso dessa afirmação se relaciona ao fato de se descobrir gay em um mundo – metaforizado pelo Bronx – em que a masculinidade e a heteronormatividade devem reinar. Isso pode ser reforçado pelo círculo de amizade no qual está inserido. No decorrer da narrativa, sabemos que Aaron possui alguns amigos de infância, como Brandon, Eu-doidão, Dave Magro, os quais que, em determinado momento, cometem uma agressão homofóbica contra o protagonista que começa a lembrar de partes de seu passado, inclusive o fato de que ele já passou pelo procedimento do Leteo para suprimir suas memórias.

Ouçõ uma explosão no fundo da minha cabeça, uma reação tardia. Minha boca se enche de sangue. Esta é a sensação de morrer, penso. Solto um grito, como se alguém girasse cem facas dentro de mim, e cuspo sangue. Não estou chorando por causa do ataque. Estou chorando porque há um ruído novo na minha cabeça, e ele cresce, transformando-se de alguns ecos ao longe até uma balbúrdia de vozes misturadas. Todas as lembranças que esqueci um dia desenrolaram (Silvera, 2017, p. 195).

Já no hospital do Leteo, em recuperação pela violência física infligida pelos próprios colegas, Aaron descobre que todos à sua volta sempre souberam do procedimento e, basicamente, atuavam para que ele acreditasse em sua suposta heterossexualidade. Além disso, é diagnosticado com um dos efeitos colaterais, a incapacidade de criar novas memórias.

Por fim, Aaron entende que, para ele, a felicidade é incerta, mas nem tudo está perdido: “E, enquanto espero, a felicidade existe onde consigo encontrar. Nestes cadernos, onde mundos de memórias me saúdam, quase como um amigo de infância que se mudou há anos e finalmente voltou para casa. Estou mais feliz do que triste”<sup>27</sup> (Silvera, 2017, p. 331).

---

<sup>26</sup> Adolescence, then, has two natural ends: successful, heteronormative adulthood, or the grave. (Browne, 2020, p. 4).

<sup>27</sup> Referência ao título original da obra: "*More happy than not*" (2015).

### 3.1. A HETEROSSEXUALIDADE COMPULSÓRIA

É bastante comum ouvirmos as expressões “virou gay” ou “virou lésbica” quando um sujeito que mantinha uma relação heterossexual passa a ter relações homoafetivas. Assim como também é esperado que os sujeitos sejam heterossexuais e, caso fujam desse padrão, as expressões também são utilizadas. Nesses casos, se a identificação não é a bissexualidade, estamos, então, falando da heterossexualidade compulsória. No olhar da ótica heterossexual, a sexualidade correta é a hetero, portanto, desde jovem, as crianças são ensinadas a seguirem esse caminho. Louro (2004, p. 44) sugere que “as normas regulatórias do sexo têm, portanto, caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas dos gêneros na ótica heterossexual”. As normas de gênero são: se o sexo anatômico for feminino, logo, deverá ter relações com o sexo anatômico masculino, e vice-versa.

Butler (2003) aborda sobre a “cultura heterossexual” a que estamos submetidos, portanto, para manter a coerência entre sexo-gênero-sexualidade, esse suposto padrão utiliza a heterossexualidade compulsória, teoria fundamentada por Adrienne Rich (1980):

Rich argumenta que a heterossexualidade é compulsória porque apenas parceiros do sexo oposto são considerados apropriados, todos os desejos do mesmo sexo devem ser negados ou alimentados em segredo e vários tipos de vínculo entre pessoas do mesmo sexo (incluindo amizades) são vistos com suspeitas. A heterossexualidade compulsória funciona para garantir que a parte das mulheres não seja levada em conta. Em suma, a heterossexualidade compulsória pune aqueles que não são heterossexuais e assegura sistematicamente o poder dos homens sobre as mulheres (Leitch, 2010, p. 1589, tradução nossa<sup>28</sup>).

E, de forma adicional e conclusiva, Salih esclarece que “Butler declara que as identidades de gênero que não se conformam ao sistema da ‘heterossexualidade compulsória e naturalizada’ mostram como as normas de gênero são socialmente instituídas e mantidas” (Salih, 2012, p. 67).

No romance, temos alguns pontos principais que indicam a heterossexualidade compulsória a que Aaron é submetido. Partindo do pressuposto de que nós, como leitores, já sabemos que o personagem é homossexual, o início do livro revela que ele namora Genevieve, uma de suas melhores amigas. Daí já entendemos que ele está em um relacionamento

---

<sup>28</sup> “Rich argues that heterosexuality is compulsory because only partners of the opposite sex are deemed appropriate, all same sex desire must be denied or indulged in secret and various kinds of same-sex bonding (including friendship) are viewed with suspicion. Compulsory heterosexuality functions to ensure that women’s part neither legally not practically tally taken into account. In sum, compulsory heterosexuality is na institution that punishes those who are not heterossexual and systematically ensures the power of men over women”.



compulsório. Contudo, como explicitado anteriormente, o garoto passou por um procedimento do Leteo que suprimiu suas memórias sobre a homossexualidade. Observemos alguns trechos que falam sobre o que, de fato, é o Leteo, pelos olhos de Aaron:

A primeira vez que vi um cartaz no metrô divulgando o instituto capaz de fazer as pessoas esquecerem as coisas, pensei que se tratasse de uma campanha de marketing para um novo filme de ficção científica. E, quando vi a manchete "Aqui hoje, esquecido amanhã!" na capa de um jornal, pensei que a matéria falasse de algo sem graça, como a cura para um novo tipo de gripe. Não imaginei que eles estivessem falando sobre memórias. Choveu aquele final de semana, então fiquei de boeira com meus amigos na lavanderia, relaxando diante da velha TV do segurança. Todos os canais de notícias estavam entrevistando diferentes representantes do Instituto Leteo para descobrir mais detalhes sobre a "ciência revolucionária de alteração e supressão de memória". Ao final de cada matéria, jurei que tudo não passava de palhaçada. Mas agora sabemos que o procedimento é cem por cento verdadeiro e zero por cento palhaçada, porque um dos nossos já foi submetido a ele (Silvera, 2017, p. 9).

O marketing, coração do capitalismo, é a chave para o bom sucesso do Leteo. Os supostos problemas das pessoas são abordados estrategicamente pela mídia em cartazes no metrô, capas de jornais, televisão etc. Um procedimento médico, com um real risco de morte e, de certa forma, controverso, não deveria ser divulgado de forma tão comercial, mas a ética e o capitalismo não andam de mãos dadas; muito pelo contrário, estamos vivendo crises humanitárias, climáticas e ambientais causadas por grandes empresas comandadas por bilionários. Em recente pesquisa divulgada pela ONG Oxfam, 1% da população mais rica possui mais que o dobro de dinheiro que 6,9 bilhões de pessoas.<sup>29</sup> O valor total da fortuna de todos os bilionários ultrapassa os U\$12,3 trilhões de dólares.<sup>30</sup> A título de comparação, de acordo com a International Food Policy Research Institute, o valor necessário, por ano, para acabar com a fome no mundo é entre U\$39 a U\$50 bilhões de dólares até 2030.<sup>31</sup> Portanto, qual é o motivo de tanto acúmulo de riqueza senão o controle cultural e social da população?

Dito isso, o capitalismo está, a todo momento, impondo padrões (incluindo os de gênero, sexualidade, classe e raça) para que nós, como sociedade, busquemos alcançá-los, mesmo que seja impossível. O corpo perfeito não existe, mas é vendido, assim como a roupa que custa

<sup>29</sup> 1% dos mais ricos do mundo detêm mais do dobro de 6,9 bilhões de pessoas, aponta ONG. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/01/19/1percent-mais-ricos-do-mundo-detem-mais-do-dobro-de-69-bilhoes-de-pessoas-aponta-ong.ghtml>>. Acesso em: 15 de janeiro, 2024.

<sup>30</sup> Bilionários 2023: fortunas dos super-ricos do mundo atingem U\$12,2 trilhões. Disponível em: <<https://forbes.com.br/forbes-money/2023/04/bilionarios-2023-fortuna-dos-super-ricos-do-mundo-atinge-us-122-trilhoes/#:~:text=Em%20todo%20o%20mundo%20h%C3%A1,1,1%20trilhoes%20e%20de%20mar%C3%A7o%20de%202022>>. Acesso em: 15 de janeiro, 2024.

<sup>31</sup> #RMAGNA2023: esforço conjunto para acabar com a fome. Disponível em: <<https://www.abc.org.br/2023/05/16/rmagna2023-esforco-conjunto-para-acabar-com-a-fome/#:~:text=Para%20erradicar%20a%20fome%20no,d%C3%B3lares%20por%20ano%20at%C3%A9%202030>>. Acesso em: 15, jan. 2024.

R\$50.000 possui o mesmo propósito que a de R\$50.00, mas o que a torna agradável é a exclusividade, o sentimento de poder que ela causa. É assim que o mundo funciona, de forma desigual e desumana, em que o desejo é necessário para que os mais ricos continuem mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Aaron, em diversos trechos do romance, cita como a pobreza afeta sua vida, mas isso pouco importa quando o Leteo passa a ser necessário para ele. “Nem todos têm dinheiro o bastante para recorrer ao Leteo para apagar suas memórias, e, mesmo que eu tivesse, não faria isso. Se eu fizesse, não conseguiria mais recriar grandes momentos da vida como este, sem as memórias deles” (Silvera, 2017, p. 25).

Para o garoto, o procedimento do Leteo está muito distante da sua realidade, e os motivos foram elencados nas citações anteriores: falta de dinheiro e falta de motivos para fazer – mesmo já tendo passado pelo procedimento. Para melhor compreensão, pensemos em como era a realidade do personagem antes do procedimento.

### 3.1.2 O Antes do Leteo

Neste subtópico, abordaremos a vivência de Aaron antes de ser submetido ao procedimento do Leteo. Até aqui, já sabemos que a intervenção suprimiu suas memórias e trocou a homossexualidade pela heterossexualidade, mas por qual motivo o garoto decidiu fazer tudo isso?

É a partir do capítulo 9, *Aqui hoje, esquecido amanhã* (Silvera, 2017, p. 199), dentro da *parte zero: infelicidade* (Silvera, 2017, p. 197), que o narrador nos apresenta a vida de Aaron desde os primeiros momentos em que a homossexualidade passa a fazer parte de sua identidade.

Aos nove anos de idade, a mãe de Aaron o acalma e diz que ele pode contar tudo a ela, uma vez que o ambiente familiar é, supostamente, um ambiente seguro “– Acho que eu... – Respiro fundo. – Não consigo falar sobre isso. Estou com muito medo. Eric surge de trás do nosso velho aparelho de som quebrado e grita: – Você é gay! Ninguém se importa” (Silvera, 2017, p. 200). O que pode parecer inofensivo, não é. Uma criança de 9 anos não deveria estar preocupada com sua sexualidade, mas, enfrentando violências, como o *bullying*, são obrigadas a lidar com isso, sem ao menos saberem como, desde muito novas. Crianças que são consideradas dentro do padrão imposto pela sociedade, cuja matriz que a rege é heterossexual, não são obrigadas a pensar em sua sexualidade tão cedo assim, — pelo menos não deveriam —, pelo contrário, são protegidas ao máximo de qualquer exposição considerada negativa, o que inclui casais LGBTQIAPN+.

Qualquer criança ou adolescente que foge do padrão é alvo de um preconceito reacionário mascarado de proteção, ou seja, jovens transexuais são considerados fruto de alienação parental, mas crianças que demonstram qualquer tipo de sexualidade, desde que heterossexual e cisgênero, estão no caminho certo. Miskolci fala sobre o heterossexismo como uma forma de impor a heterossexualidade compulsória:

A heterossexualidade compulsória é a imposição como modelo dessas relações amorosas ou sexuais entre pessoas do sexo oposto. Ela se expressa, frequentemente, de forma indireta, por exemplo, por meio da disseminação escolar, mas também midiática, apenas de imagens de casas heterossexuais (Miskolci, 2012, p. 46-47).

Ou seja, quando nos deparamos com boicotes às emissoras de televisão, em defesa das crianças, por mostrar um beijo homoafetivo, estamos diante da homofobia. Afinal, crescemos vendo demonstrações de amor heterossexuais em novelas, filmes, comerciais e propagandas.

Aos dez anos de idade, Aaron e seu irmão, Eric, ganham um *playstation* e um jogo de luta do *X-Men*. Eric escolhe um personagem masculino, Aaron escolhe uma personagem feminina, mas a resposta do irmão não é positiva: “– Pare de escolher as personagens femininas! Seja um menino!” (Silvera, 2017, p. 200). Subentende-se que a escolha de uma personagem mulher é “coisa de mulher” ou, então, de sujeitos homossexuais, não apenas como um detalhe a ser mencionado, mas como forma de opressão: “olhe, veja bem, você não está seguindo a norma imposta em que meninos brincam de carrinho e meninas brincam de bonecas”. Desde a infância, nas escolas, a ideia de que as meninas devem usar rosa e os meninos devem usar azul é propagada, assim como a distribuição de brinquedos femininos e masculinos. Mas o que, de fato, é isso? Em uma breve busca na internet utilizando os termos ‘brinquedo para meninas’ e ‘brinquedo para meninos’, estes foram os resultados:

**Figura 15:** Resultado da busca “brinquedo para meninas”<sup>32</sup>



**Fonte:** Print Screen do autor.

**Figura 16:** Resultado da busca “brinquedo para meninos”<sup>33</sup>



**Fonte:** Print Screen do autor.

Notemos que os brinquedos para meninas são todos referentes ao cuidado da casa, como geladeira, eletrodomésticos, armários, fogão, pia etc. A partir disso, é perpetuada a ideia de que a mulher é aquela que cuida do lar, prepara as refeições, limpa etc. Já os brinquedos para meninos são carros, automóveis, aviões, helicópteros. Tudo aquilo que é considerado

<sup>32</sup> Brinquedos para meninas. Disponível em:

<[https://www.google.com/search?q=brinquedo+menina&oq=brinquedo+menina&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIGCAEQRRg5MgYIAhBFGDsYBggDEEUYO9IBCDIwNDFqMG03qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=brinquedo+menina&oq=brinquedo+menina&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIGCAEQRRg5MgYIAhBFGDsYBggDEEUYO9IBCDIwNDFqMG03qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>. Acesso em: 23 de janeiro, 2024.

<sup>33</sup> Brinquedo para meninos. Disponível em:

<[https://www.google.com/search?q=brinquedo+menino&sca\\_esv=602189667&ei=kKy2ZdetAcfS1sQPzMiK8A&udm=&ved=0ahUKEwjXteKU6oCEAxVHqZUCHUykAp4Q4dUDCBA&uact=5&oq=brinquedo+menino&gs\\_lp=Egxnnd3Mtd2l6LXNlcnAiEGJyaW5xdWVkbYBtZW5pbm8yBRAAGIAEMgUQABiABDIFEAAyGAQyBRAAGIAEMgUQABiABDIFEAAyGAQyBRAAGIAEMgUQABiABDIFEAAyGAQyBRAAGIAEMgUQABiABDIFEAAyGAQyBRAAGIAESK0HUP4BWPEFcAF4AZABAJgBjAGgAY0CqgEDMC4yuAEDyAEA-AEBwgIKEAAyRxjWBBiW48ICExAuGIAEGIoFGEMYxwEY0QMYsAPCAg0QABiABBiKBRhDGLADwgIKEAAyGAQYigUYQ-IDBBgAIEGIBgGQBgo&scient=gws-wiz-serp](https://www.google.com/search?q=brinquedo+menino&sca_esv=602189667&ei=kKy2ZdetAcfS1sQPzMiK8A&udm=&ved=0ahUKEwjXteKU6oCEAxVHqZUCHUykAp4Q4dUDCBA&uact=5&oq=brinquedo+menino&gs_lp=Egxnnd3Mtd2l6LXNlcnAiEGJyaW5xdWVkbYBtZW5pbm8yBRAAGIAEMgUQABiABDIFEAAyGAQyBRAAGIAEMgUQABiABDIFEAAyGAQyBRAAGIAEMgUQABiABDIFEAAyGAQyBRAAGIAEMgUQABiABDIFEAAyGAQyBRAAGIAESK0HUP4BWPEFcAF4AZABAJgBjAGgAY0CqgEDMC4yuAEDyAEA-AEBwgIKEAAyRxjWBBiW48ICExAuGIAEGIoFGEMYxwEY0QMYsAPCAg0QABiABBiKBRhDGLADwgIKEAAyGAQYigUYQ-IDBBgAIEGIBgGQBgo&scient=gws-wiz-serp)>. Acesso em: 23, jan. 2024.

pertencente à esfera masculina. Louro (2014, p. 63) argumenta sobre essa classificação do “para menino” e “para menina”: “As identidades, constituídas no contexto da cultura, produzem-se em meio a disputas, supõe classificações, ordenamentos, hierarquias; elas estão sempre implicadas num processo de diferenciação”. Essa hierarquia, baseada em opressões, favorece o homem e o coloca como mantenedor da casa, enquanto a mulher é posta como frágil, a que deve ser protegida dentro do lar.

A identidade homossexual é vista como parte feminina, portanto, a norma de gênero entende como algo inferior à mulher, o Outro do Outro do Outro:

A sexualidade envolve desejo, afeto, compreensão e até a imagem que os outros têm de nós. A sexualidade tende a ser vista, por cada um de nós, como nossa própria intimidade, a parte mais reservada, às vezes até secreta, de nosso eu. Assim, não surpreende que a sociedade tenha encontrado nela um meio de normalizar as pessoas (Miskolci, 2012, p. 44).

Aos onze anos, Aaron começa a se sentir diferente perto de seu amigo Brendan:

Ele é meu melhor amigo desde a primeira série, e o vejo o tempo todo, mas não paro de olhar para ele até que Baby Freddy fala que estamos jogando pique-pega e que está comigo. Só corro atrás de Brendan, como um ímã. Quando finalmente o pego, toco seu ombro nu, e minha mão permanece ali um pouco mais do que o necessário (Silvera, 2017, p. 201).

Aos doze, Aaron está assistindo ao jogo de basquete com seu pai e com seu irmão, mas acha aquilo desinteressante, já que prefere o teatro:

Pai, você sabia que os homens costumavam interpretar papéis de mulheres em peças de Shakespeare? Isso é muito engraçado, não é?  
Meu pai desvia os olhos do jogo pela primeira vez esta noite. — Você é um menino — diz ele. — Nunca aja como uma menina (Silvera, 2017, p. 202).

Quando o pai infere que o garoto não pode agir como uma menina, voltamos para a mesma conversa heterossexista de que há coisas específicas para o homem e coisas específicas para as mulheres, desde que sejam do sexo anatômico que embasam esse pensamento. “Judith Butler (1993) argumenta que essa asserção desencadeia todo um processo de ‘fazer’ desse um corpo feminino ou masculino. Um processo que é baseado em características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribui significados culturais” (Louro, 2004, p. 15). A partir disso, na narrativa analisada, inicia-se a supressão do ser, e não estamos falando do Leteo, mas da opressão causada pelo pai de Aaron. Quando há essa repressão sobre o que você pode ou não fazer de acordo com seu gênero, o sujeito começa a se colocar em uma caixa cheia de ressentimentos, de que há algo errado em si próprio.

A afirmação “é um menino” ou “é uma menina” inaugura um processo de masculinização ou de feminização com o qual o sujeito se compromete. Para se qualificar como um sujeito legítimo, como um “corpo que importa”, no dizer de Butler, o sujeito se verá obrigado a obedecer às normas que regulam sua cultura (Louro, 2004, p. 15-16).

Aos treze anos, Brendan, um de seus amigos, conta para Aaron que fez sexo oral pela primeira vez. A reação do garoto indica que ele ficou enciumado, uma vez que já demonstra possuir sentimentos que vão além da amizade por Brendan: “– Fala, cara! Acabei de receber o meu primeiro boquete! – Fico um pouco quente. Estou apenas surpreso, entende?” (Silvera, 2017, p. 202). Em outro momento: “[...] – Espere. Vou ali contar para aquele merdinha. – Brendan sai correndo, e eu me sinto meio enjoado” (Silvera, 2017, p. 202).

Aos quinze anos, Aaron e Genevieve começam a viver um romance, nos indicando que a heterossexualidade compulsória estava enraizada no garoto. A supressão de tudo aquilo que o diferenciava, que o tornava homossexual, resulta na tentativa de se encaixar no que é considerado normal:

Há definitivamente um clima rolando entre nós: passamos a aula inteira de Ciências da Terra passando bilhetes com desenhos um para o outro, em vez de ouvir a professora. A pronúncia errada dos nomes de minerais, com seu pesado sotaque porto-riquenho; sempre inventamos desculpas esfarrapadas para continuar de bobeira um com o outro depois do horário da escola; contamos histórias um para o outro em uma lanchonete de galletos muito maneira; vamos para o cinema e jogamos balas e chocolates dentro dos nossos baldes de pipoca; apoiamos nossos braços um no outro. Mas, mais do que tudo, brincamos muito no parque, só nós dois, como um segredo. Um segredo que escondemos muito mal, porque todos já suspeitam que estamos namorando, mas, mesmo assim, fico muito chocado ao ouvir: – Você deveria ser meu namorado (Silvera, 2017, p. 203).

Observemos como todas essas ações são apenas atividades comuns de uma amizade, mas, para o garoto, há algo mais envolvido, porque, como bem pontuado por Rich (1980), apenas relações heterossexuais são postas como corretas e naturais. Hoje, o vínculo de pessoas de gêneros diferentes precisa garantir a manutenção da heterossexualidade, portanto são, de certa forma, sexualizadas desde a infância. Se duas crianças de sexo oposto são amigas, logo surgirão comentários, como: “eles são namoradinhos”. Se uma adolescente ou um adolescente também formam um vínculo de amizade, também são vistos como um casal. Entretanto, se um garoto possui amizade com muitas garotas, é taxado de gay e, se uma garota possui amizade com muitos garotos, é taxada de lésbica. Essa visão heterossexista simplifica o campo da sexualidade ao gênero, mesmo que seja algo infinitamente complexo e sem regras. Louro pontua o seguinte:

A coerência e a continuidade supostas entre sexo-gênero-sexualidade servem para sustentar a normatização da vida dos indivíduos e das sociedades. A forma "normal"

de viver os gêneros aponta para a constituição da forma "normal" de família, a qual, por sua vez, se sustenta sobre a reprodução sexual e, conseqüentemente, sobre a heterossexualidade. É evidente o caráter político dessa premissa, na qual não há lugar para aqueles homens e mulheres que, de algum modo, perturbem a ordem ou dela escapem. Os custos cobrados desses sujeitos são altos. São-lhes impostos custos morais, políticos, materiais, sociais, econômicos, mesmo que, hoje, a desobediência a essa ordem e o desvio dela sejam mais visíveis e até mesmo mais "suportados" do que em outros momentos. Custos que vão além do seu não-reconhecimento cultural (Louro, 2004, p. 88).

Notemos também como o autor constrói uma narrativa citando todos os aspectos que tornam Aaron um garoto gay, mas, no trecho citado anteriormente, quando descreve o relacionamento de Aaron com alguém, não cita o gênero, justamente para nos causar um choque quando é revelado que, na verdade, o namoro é com uma garota.

Devo admitir, pensei que estava amaldiçoado a ter uma vida de encontros descompromissados, como Brendan e Dave Magro. Ou como Baby Freddy, que sempre corre atrás, mas nunca consegue nada. Nunca pensei que alguém seguraria minha mão. Isso deve significar que tudo o que eu pensava a respeito de mim mesmo estava errado. Isto é uma dádiva. Aproximo-me um pouco mais de Genevieve no banco do parque. Aperto a mão dela e digo: — Claro. Posso experimentar esse negócio de ser seu namorado (Silvera, 2017, p. 202).

É comum que indivíduos LGBTQIAPN+ se sintam – porque são condicionados a se colocarem nesse lugar – indignos de amor, ou que achem que, para sobreviver, terão que viver nas sombras, sem afeto, sem família, como citado por Aaron. Entretanto, para ele, tudo será resolvido se namorar Genevieve, uma mulher. A questão é que não é fácil se enganar, já que, ao fazer isso, você perde parte de si. Vejamos o trecho a seguir, em que Aaron luta consigo para compreender quem é e o que, de fato, sente:

Eu não entendo. Tudo pareceu tão certo quando concordei em ser o namorado dela. Eu era o cara mais hétero que conhecia, mas, quando cheguei em casa aquela noite, ainda estava pensando em outros caras. Não mais no Brendan; perdi o interesse por ele depois de ouvi-lo falar sobre dormir com meninas como se fossem conquistas. Não, penso nos caras que vejo se trocando no vestiário da escola, ou nos que sentam na minha frente no ônibus, olhando para o além, provavelmente pensando nos seus *crushes* normais.

Não penso em Genevieve. Ela me encara agora, como se só pensasse em mim, como se eu devesse estar aproximando meus lábios dos dela, como ela faz com os meus. Faço isso para provar a mim mesmo que estou errado. [...] Sei que não é possível que eu a esteja enganando, ou a qualquer um, e este é exatamente o meu problema: sem ela, não enganarei ninguém (Silvera, 2017, p. 204).

Aaron vive em uma prisão psicológica criada por ele mesmo após anos de opressão, mas a forma que ele encontrou para se livrar disso é fazendo a manutenção da homofobia, que está enraizada em si. Para o garoto, é mais fácil continuar em um relacionamento heterossexual a contragosto, casar-se e ter filhos, do que viver uma vida como homossexual. Miskolci aborda o assunto ao afirmar que “o terrorismo cultural é um nome que busca ressaltar a maneira como

opera socialmente o heterossexismo, fazendo do medo da violência a forma mais eficiente de imposição da heterossexualidade compulsória” (Miskolci, 2012, p. 35).

Aos 16 anos, Aaron conhece, em uma biblioteca, Collin, um adolescente da sua idade que tenta, há anos, entrar para o time de basquete da escola. Lá, Aaron indica HQs para o quase atleta e os jovens combinam de se encontrar sempre no mesmo lugar para comentar sobre os livros.

- Se eu lhe trouxer o primeiro livro do Scorpius Hawthorne amanhã, você pode ler este final de semana?
- Posso tentar. Me encontra aqui amanhã?
- Continuaremos nos encontrando aqui, até que você consiga recitar As Sete Leis da Magia Híbrida (Silvera, 2017, p. 204).

Diversos encontros na biblioteca depois, Collin entrega um bilhete para Aaron com uma pergunta chave:

- [...] Collin me devolve o volume de *Scorpius Hawthorne e as covas*, o último livro da série. Dentro dele, há um bilhete pedindo que eu marque sim ou não, sem uma pergunta. Mas sei o que ele quer saber, e isso me assusta tanto quanto pensei que assustaria se esse dia chegasse. Marco sim e devolvo o bilhete para ele. Collin lê a resposta, depois dobra o papel e o guarda no bolso da frente, acena com a cabeça e diz:
  - Maneiro (Silveira, 2017, p. 207).

No trecho, observa-se como os garotos evitam usar termos relacionados à homossexualidade, visto que, na lógica hegemônica, a sexualidade desviante não deveria existir, mas, existindo, precisa ser escondida, disfarçada ou sequer mencionada. Assim, a poética de Silvera reitera como tal raciocínio está arraigado na mente dos garotos, os quais metaforizam grande parte da população *queer*. Com a revelação, os dois finalmente se beijam, escondido de todos: “Nós dois olhamos escada abaixo ao mesmo tempo para nos certificarmos de que ninguém está subindo, depois nos viramos e nos beijamos” (Silvera, 2017, p. 208). Em um momento desses, a precaução para não serem vistos, por medo de todas as consequências que isso poderia trazer, é mais importante.

Ainda aos 16 anos, Aaron descobre que Collin já perdeu sua virgindade ou como o próprio personagem narrador diz: “Collin já perdeu suas duas virgindades” (Silvera, 2017, p. 209), referindo-se ao sexo com mulheres e o sexo com homens. Aaron queixa-se de, ainda, não ter pedido nenhuma de suas virgindades, nem com sua namorada, Genevieve, mas a vontade do garoto é ir para a próxima etapa, apenas, com Collin.

Ao que tudo indica, os dois garotos entendem sua homossexualidade, mas encaram como algo que deve ser mantido em segredo, como um passatempo: “Jesus, você quer que eu



vá comprar uma flor para você? Pergunta Collin, mostrando-me o dedo do meio. Sempre fazemos esse gesto um para o outro, porque é um jeito de continuarmos sendo caras, sabe?” (Silvera, 2017, p. 209). Portanto, para continuarem sendo “caras”, devem tomar atitudes que são comumente atribuídas aos homens, como mostrar o dedo do meio ou falar palavrões, ou, até mesmo, utilizar a violência, seja ela física ou verbal, como forma de demonstração de sentimentos e masculinidade. A homossexualidade é referenciada como “uma coisa de mulher” e, logo, é vista como inferior. Observemos que, sempre quando a homossexualidade é utilizada de forma pejorativa, outras palavras como “mulherzinha”, “menininha”, “bichinha” (na flexão de gênero feminina) também acompanham a violência. Aaron e Collin decidem, sob o olhar da opressão pelo qual estão condicionados, que a melhor forma de não serem “menos homens” é mostrando o dedo do meio um para o outro.

Outro ponto abordado, também causado pela heterossexualidade compulsória, é que Aaron se vê obrigado a ter relações sexuais com Genevieve, mesmo que possua uma aversão a isso:

Ela sobe na cama e relaxa sobre os joelhos, parando diante do meu rosto.  
– Você quer isto, não quer?  
Eu deveria falar algo como “Não muito”, depois ir embora e ligar para o Collin. Mas agarro os ombros dela e a puxo para junto de mim, beijando seu pescoço, o rosto e lábios. [...]  
– Eu sei. Quero fazer isso, mas... – Não importa qual mentira venha depois disso, porque já falei a verdade para ela, pelo menos uma vez na vida: não quero fazer isso (Silvera, 2017, p. 214).

Sua vontade de se encaixar nesse padrão e ser visto como um garoto heterossexual, que tem, como uma de suas atribuições, as relações sexuais com o gênero oposto, é tão grande que se coloca nessa posição angustiante de abuso contra si próprio, uma violação do seu próprio corpo.

Também, aos 16 anos, Aaron conta para a mãe que gosta de garotos:

[...] – Gosto de homens, mãe. - Coloco as palavras para fora. Encaro a roupa suja no chão. – Desculpe. Eu apenas... é.  
Ela se aproxima de mim e levanta meu queixo, mas, mesmo assim, não a encaro.  
– Querido, não tem por que pedir desculpa.  
– Eu, sabe, menti e fui um babaca – digo. Ela segura minha mãe e quase começo a derramar o que Collin chama de lágrimas de maricas, porque homens não choram. – Posso ficar em algum lugar, não sei onde, mas em algum lugar, se...  
– Aaron Soto, você não vai a lugar nenhum. Não até começar a faculdade. Depois, quero que dê o fora daqui, se forme, arrume um emprego e me pague todo o dinheiro que gastei com você desde que você nasceu.  
Ela sorri, e eu fuço um sorriso de volta (Silvera, 2017, p. 215).

A raiz opressora é tão forte em Aaron, que faz o garoto não se ver como digno de continuar morando com seus pais e, até mesmo, sentir culpa por ser quem é, ou seja, ele se coloca como abjeto. Assim, entendemos que, durante vários outros momentos, Aaron se enxerga como esse ser impuro, como no primeiro beijo em Collin, escondidos na escada; a necessidade de namorar uma mulher para esconder seu relacionamento homoafetivo etc.

Em seguida, o protagonista decide contar para seu pai sobre sua homossexualidade, mesmo sabendo que seria um momento muito difícil. “Contar para minha mãe foi uma coisa. Contar para o meu pai é completamente diferente” (Silvera, 2017, p. 216). O garoto teme pelo fato de seu pai já ter demonstrado seu descontentamento com assuntos que envolvem sexualidade e gênero: “Talvez tudo aquilo que ele me disse quando eu era novo, sobre agir como uma menina ou brincar com action figures femininos, desapareça quando ele se der conta de que sou como sou, e não tenho escolha. Talvez ele me aceite” (Silvera, 2017, p. 217). Entretanto, o pai não reagiu tão bem quanto o garoto gostaria:

– Pai, espero que você não se importe, mas estou tipo, meio que namorando alguém e... – Percebo que ele já está ficando confuso, como se eu o estivesse desafiando a resolver uma equação de álgebra sem caneta, papel ou calculadora. – E esse alguém é meu amigo Collin. [...] Ele aponta o cigarro para a minha mãe.  
– Isto é culpa sua. Você é quem deve dizer para ele que ele está errado. – Ele está falando sobre mim como se eu nem estivesse presente.  
– Mark, sempre dissemos que amaríamos nossos filhos independente de qualquer coisa, e...  
– Uma porra de uma promessa vazia, Elsie. Faça com que ele largue isso, ou tire-o daqui. [...]  
Meu pai coloca o cigarro no cinzeiro, depois chuta o cesto de roupa suja sobre o qual estava apoiando o pé. Nós recuamos. Não costumo desejar isso, mas queria muito que Eric estivesse aqui agora, caso as coisas fiquem tão feias quanto acho que elas podem ficar. Ele aponta o dedo para mim.  
– Eu mesmo vou expulsar ele da porra desta casa. Minha mãe me protege. Meu pai agarra a garganta dela com sua mão enorme, sacudindo-a [...] (Silvera, 2017, p. 217-218).

Aaron não é expulso de casa, pois seu pai é preso por agressão, mas cabe falar sobre como a expulsão de casa é uma realidade para pessoas LGBTQIAPN+. De acordo com a Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), da prefeitura de São Paulo, cerca de 8,9% da população de rua identifica-se como LGBTQIAPN+. Além disso, 63% das pessoas entre 18 e 25 anos dizem se sentir rejeitados pelos pais e, apenas, 59% disseram ter contado à família sobre sua real sexualidade ou identidade de gênero.<sup>34</sup> Para essa sociedade hegemônica que exclui, agride e marginaliza, ser diferente é uma transgressão, já que a

---

<sup>34</sup> Fatos de exclusão da população LGBT é a família, diz censo. Disponível em: <[https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/fator-de-exclusao-da-populacao-lgbt-e-familia-diz-censo.html#:~:text=Entre%205%2C3%25%20e%208,Social%20\(SMADS\)%20da%20Prefeitura](https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/fator-de-exclusao-da-populacao-lgbt-e-familia-diz-censo.html#:~:text=Entre%205%2C3%25%20e%208,Social%20(SMADS)%20da%20Prefeitura)>. Acesso em: 25 jan. 2024.

heteronormatividade "expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade" (Miskolci, 2012, p. 5).

A violência do pai de Aaron é verbal e física: “– Você só vai trazer outro garoto para a minha casa por cima do meu cadáver, sua bicha de merda” (Silvera, 2017, p. 218). Miskolci, em debate sobre alguns tipos de violência, diz que:

A abjeção acaba sendo maior via sexualidade porque ali se unem esses sentimentos mais profundos, em que a pessoa mais se sente em confronto com a ordem sexual. Quer você esteja apaixonado por outra pessoa do mesmo sexo ou do sexo oposto, não importa, toda pessoa que está envolvida na questão da afetividade e do amor se vê necessariamente num particular, num pessoal, e aí qualquer norma social que venha mexer com isso acaba sendo violenta (Miskolci, 2012, p. 44).

Após os eventos que ocasionaram agressões físicas e verbais a Aaron, o garoto sente vontade de ver seu namorado, Collin. Os dois trocam carícias: “Bato minha perna na dele, e ele bate a dele na minha. Se fôssemos um casal típico, de menino e menina, poderíamos nos beijar e abraçar, e ninguém daria a menor bola” (Silvera, 2017, p. 219). O medo de se mostrar e, de certa forma, de viver, é inerente à população LGBTQIAPN+.

Em seguida, o jovem se lembra que não deve demonstrar nenhum tipo de afeto com Collin em público, por medo das consequências que isso pode causar, entretanto, não é isso o que acontece:

Dois caras que estavam, há pouco, fazendo uma competição de flexões se aproximam de nós. O mais alto, com as pernas da calça jeans enroladas, pergunta:  
– Ei, seus boiolas. Vocês por acaso são viadinhos?  
Nós dois respondemos que não. [...]  
– Eles estão mentindo. Aposto que os pauzinhos deles estão ficando duros agora mesmo.  
Collin dá um tapa na mão do cara, um erro tão grande quanto minha mãe tentando me salvar de ser expulso de casa ontem à noite.  
– Vai se foder – diz ele.  
Um pesadelo seguido do outro.  
Um deles bate com a minha cabeça contra o corrimão, enquanto o outro desfere socos contra Collin. Tento socar o nariz do primeiro cara, mas estou atordoado demais, e erro. Não tenho a menor ideia de quantas vezes ele me soca, ou quantas vezes vou parar no chão grudento, com Collin tentando me proteger, até ele ser afastado com um chute. Collin olha para mim, chorando lágrimas involuntárias de choque e dor. Seus olhos bondosos e castanhos reviram quando ele leva um chute na cabeça. Grito por ajuda, mas ninguém aparta a briga, ninguém faz porra nenhuma.  
O trem para e as portas se abrem, mas não há a menor chance de fugir. Pelo menos não para nós. Os dois caras gargalham, correndo para a plataforma. Novos passageiros entram no vagão, alguns simplesmente garantem os seus assentos antes que eles sejam todos tomados. Outros fingem não nos ver. Só duas pessoas vêm nos ajudar. Mas já é tarde demais (Silvera, 2017, p. 219-220).

As agressões físicas não são tão comuns quanto as verbais, mas elas acontecem. O Ministério dos Direitos Humanos, com dados do disque 100, revelou que a maior parte das denúncias de pessoas LGBTQIAPN+ são relacionadas às violências verbais. A pesquisa, feita em 2017, mostra que a LGBTQIAPN+fobia é a terceira maior causa do *bullying*. Em 2016, a Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil mostrou que 73% dos estudantes pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+ já relataram terem sido agredidos verbalmente e 36% fisicamente.<sup>35</sup> Essas agressões são a forma que a hegemonia lida com aqueles que saem da ordem de gênero, sexo, sexualidade, classe, raça, entre outros, porque, como bem pontuado por Louro, em seu livro *Um corpo estranho: ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer* (2004):

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler (1999), a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido (Louro, 2004, p. 38).

Assim, seguindo essa ideia, o que se difere de mim, é abjeto. Mas não entendamos esse pensamento como uma opressão que também pode ser causada pelos oprimidos. A abjetificação ocorre apenas de opressor (em geral, branco, heterossexual, cisgênero) para oprimido (todas as maiorias minorizadas).

Após o ataque homofóbico, Aaron chega em casa, ainda ensanguentado, e vai direto para o banheiro tomar um banho; quando chega lá, vê a seguinte cena:

Abro a porta e, ao ver quem está dentro da banheira, solto a camiseta, e o sangue escorre pelo meu rosto e peito.  
Putá merda.  
Pai.  
Seus olhos estão abertos, mas ele não olha para mim.  
Ele não tirou a roupa antes de entrar na banheira.  
O tom da água é vermelho-escuro, tingido pelo sangue que escorre dos seus pulsos cortados.  
Ele voltou para casa para se matar.  
Ele voltou para casa para se matar antes que eu trouxesse um garoto para cá.  
Ele voltou para casa para se matar por minha causa.  
Todo este sangue (Silvera, 2017, p. 221).

---

<sup>35</sup>A LGBTQIFobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização. Disponível em: <<https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtqifobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/>>. Acesso em: 25, jan. 2024.

Aaron, afundado na dor de todas as opressões que sofre, entende que seu pai se suicidou por não aceitar que seu filho fosse gay. Mais um ponto da abjeção, em que o próprio oprimido se coloca nesse lugar à margem.

Ainda aos 16 anos e logo após a morte de seu pai, Aaron encontra Collin, que pede para dar um fim em sua relação. Aaron, por sua vez, diz que não quer acabar com o que eles têm e argumenta que está na hora de os dois terminarem com suas namoradas para ficarem juntos e livres, porém Collin não sente o mesmo:

– Sei que esta é uma péssima hora para falar isso, mas não posso terminar com Nicole, Aaron. Tudo o que aconteceu entre nós foi um erro. Veja só tudo o que aconteceu com você... Você entende por que não pode existir mais nada entre a gente, não é? [...]  
Você não pode fazer isso – digo. – Falei de você para minha mãe. Meu pai se matou por nossa causa. Fomos atacados no trem por causa do que a gente é. [...]  
– Escolhemos ser as pessoas erradas. Isto não pode funcionar. Nicole está grávida e eu estava tentando convencê-la a não ter a criança antes de te contar, mas ela vai manter o bebê, então preciso voltar a ser homem. [...]  
– Então você engravidou ela, e daí? Isso não faz com que você seja hétero, e você nunca será...  
– Não vai rolar, Aaron. – Ele caminha até a cerca. Espero que ele volte, como se ainda estivesse andando de um lado para o outro, mas ele se agacha e vai embora, sem mais nenhuma palavra.  
Eu também vacilei.  
E daí? Também tenho uma namorada.  
Não preciso dele (Silvera, 2017, p. 223-223).

Com isso, Aaron é desencorajado a ser quem é; deixa de querer se mostrar para o mundo; ele quer voltar para sua namorada, para o seu relacionamento heterossexual, sua vida perfeita diante da heterossexualidade compulsória. Collin também nega sua homossexualidade e engravida sua namorada – mesmo que não tenhamos como saber se foi proposital, ou não – para viver o padrão heterossexual que é condicionado a viver. Para o jovem, ser gay é um erro, então prefere viver uma vida infeliz, ao lado de uma pessoa que não ama, do que ser vítima de homofobia novamente.

Também nesse trecho, o autor da obra trabalha com a dualidade: Collin diz que precisa voltar a ser homem por conta da paternidade do seu filho, então precisa ser responsável, tornar-se adulto e prover para a casa; também pela crença de que ser gay é ser mulher, ou seja, uma confusão entre sexualidade e gênero. O ser mulher é inferior, portanto, precisaria parar de se relacionar com outro homem para poder ser um “homem de verdade”, como bem exemplificado por Butler: “A masculinidade é assumida pelo homossexual masculino que, presumivelmente, busca esconder — não dos outros, mas de si mesmo — uma feminilidade ostensiva” (Butler, 2003, p. 77). Essa feminilidade é vista com extremo desdém por Aaron e seus amigos. Em conversa com Brendan sobre o relacionamento de Aaron e Genevieve, o amigo diz o seguinte

“[...] – Sem viadagem, mas eu assistiria a um vídeo do sexo de vocês, só para ver sua mulher em ação. Mas não você” (Silvera, 2017, p. 42). Perceba que há a necessidade de explicar que não há nenhum teor homoafetivo na frase, porque isso é visto como algo negativo – e feminino – portanto, deve ser sempre esclarecido.

Em outra conversa, desta vez com Thomas, o termo ‘viadagem’ é utilizado, novamente, para esclarecer um movimento que poderia soar como uma interação homoafetiva: “Thomas puxa o meu pulso para mais perto do seu rosto, inspecionando-o. – Sem viadagem – diz ele, encarando o meu rosto” (Silvera, 2017, p. 63). O uso desse termo, que é pejorativo, se repete ao longo de várias interações entre os dois garotos para esclarecer que as intenções não são homoafetivas, porque, afinal, no pensamento dos jovens, a demonstração de sentimentos e de carinho é exclusiva de mulheres.

Portanto, essa falta de demonstração de sentimentos, conseqüentemente, as ações tomadas por Collin são compreensíveis? Sim, são. As violências verbais e físicas que ambos sofreram são um fator de peso para esse afastamento de si. É menos dolorido se esconder e viver uma vida de fabulação, do que sofrer o que os dois estavam passando em uma idade tão jovem. Louro, em seu artigo *Corpo, escola e identidade* (2014), descreve um pouco como a identidade dos jovens e adolescentes se manifestam e como eles lidam com isso:

Os corpos de adolescentes e jovens, em sua pluralidade de tribos e gangues, desafiam, espetacularmente, as divisões dicotômicas. A multiplicidade de modos de ser e de aparecer coloca sob suspeita as definições tradicionais de classe, gênero, sexualidade e etnia. Outras divisões se instauram, é verdade; fronteiras são rompidas enquanto outras se constroem. Mas esses grupos juvenis (por vezes de forma mais expressiva do que grupos de adultos ou de crianças) mostram claramente o quanto intervêm em seus corpos para torná-los representativos de uma identidade própria (Louro, 2014, p. 72).

Aaron e Collin se enquadram no grupo que constrói fronteiras, pois essa foi a forma que utilizaram para se proteger das opressões. Foram engolidos por elas.

Ainda aos 16, 1 mês após a morte de seu pai, Aaron, se sentindo culpado pelo ocorrido, decide tirar sua própria vida:

As lembranças continuam girando na minha cabeça, torcendo dentro de mim como uma faca. Não quero esperar para ver o que vai acontecer comigo nesta história trágica que estou vivendo. Abro uma das lâminas de barbear não usadas do meu pai e corto o meu punho, como ele cortou o dele, talhando-o em uma curva até formar um sorriso, para que todos saibam que morri por felicidade (Silvera, 2017, p. 224).

A não aceitação é um dos motivos pelos quais a comunidade LGBTQIAPN+ comete suicídio. De acordo com um estudo feito pelo Ministério dos Direitos Humanos, em 2017,

estima-se que os jovens que sofrem LGBTQIAPN+fobia dentro de casa possuem 8,4 vezes mais chances de tirarem sua própria vida, assim, o resultado é cinco vezes maior que pessoas heterossexuais/cisgêneros.<sup>36</sup>

Após ser encontrado quase sem vida, Aaron relata que, na verdade, não queria morrer: “NÃO QUERO MORRER, E não morri” (Silvera, 2017, p. 225). Mas a dor de existir, de ser negado é tão forte que a válvula de escape acaba sendo o suicídio. É a partir desse fato que, em conversa com sua namorada, Genevieve, Aaron decide fazer o procedimento do Leteo: “[...] – Eu esqueceria o fato de que o encontrei. Acho que isso é fodido o bastante para que o Leteo aceite me limpar” (Silvera, 2017, p. 225). Sua mãe, cansada de ver a dor do filho, o apoia para fazer o procedimento que irá suprimir suas memórias.

Quando no consultório do Leteo, Aaron entende que a raiz dos seus problemas é sua sexualidade e, por isso, deve mudá-la; sua mãe, por sua vez responde:

– Aaron, você entende por que estou autorizando esse procedimento para você, não é? Não é porque quero mudar você, ou por pensar que você precisa mudar. Acredito que isso será um recomeço para todos nós. Realmente quero meu filho de volta, o menino que não magoou meu coração ao usar Genevieve e que não tentou me abandonar. – Ela não para de me abraçar, e suas palavras me ferem. Felizmente, nunca precisarei me lembrar de ser uma decepção completa para ela e para o meu pai (Silvera, 2017, p. 228).

Vamos analisar brevemente o pensamento da mãe de Aaron que, aparentemente, não tem nada de problemático. Observemos que suas falas são sempre baseadas no seu eu. Então “o menino que não me magoou”, “não tentou me abandonar”. Nada disso é sobre o bem-estar de Aaron consigo mesmo, mas é uma falsa tentativa de adequar o filho ao padrão heterossexista para se sentir bem. Daí que a heterossexualidade compulsória se torna o salvador do garoto, afinal, se ele se tornar hétero, conseqüentemente, os problemas também sumirão. E, de fato, não é uma mentira. Ao se “tornar” heterossexual, os problemas com os quais Aaron lida realmente desaparecerão. Não irá mais apanhar na rua; não precisará mais se esconder e terá uma família com sua namorada. O problema é que o custo de se livrar desse “incômodo”, ou seja, sua sexualidade, é de uma vida. Viver o que não se é, viver em uma prisão de si, é acatar as normas, as ordens heterossexistas da sociedade em prol de uma suposta vida dos sonhos.

Nem Aaron, tampouco sua mãe que, de certo modo, o aceita, nem sua namorada, nem ninguém consegue resistir a essa heterossexualidade compulsória, portanto entendem que a melhor opção para o jovem é a cura de sua sexualidade, ou melhor, o procedimento do Leteo.

---

<sup>36</sup> A LGBTQIFobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização. Disponível em: <<https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbtqifobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/>>. Acesso em: 25, jan. 2024.

“Quanto mais nos aproximamos da Dra. Castle, mas sinto que estou marchando em direção à morte, e sei que é mais ou menos isso que estou fazendo, matando a parte de mim que é melhor ninguém ver” (Silvera, 2017, p. 232).

A Dra. Castle, criadora do procedimento de supressão de memórias, resolve questionar Aaron momentos antes da cirurgia:

- Espero não estar sendo inconveniente. Mas, desde que comecei a tratar o seu caso, compreendi como isso deve estar sendo difícil para você. Mas não consigo conter minha curiosidade... Você ainda faria este procedimento se sua sexualidade não fosse um problema? Você ainda iria querer mudar o fato de ser gay?
- Felizmente, já havia pensado nisso antes do meu pai se matar.
- A questão não é o que eu quero. Eu preciso fazer isto (Silvera, 2017, p. 235).

O precisar de Aaron é pelo olhar do Outro. O Outro precisa que ele mude, que ele esqueça sua identidade, que ele volte a seguir a norma, porque isso é a abjeção. A intenção desse Outro é colocar o ser abjeto à margem e excluí-lo: ou você se adequa, ou sua existência será apagada. Aaron resolveu se adequar.

### **3.1.3 O primeiro procedimento do Leteo, a metáfora da cura gay e a patologização da homossexualidade**

Como já supracitado no início do capítulo, Aaron passa pelo procedimento do Leteo, mantém seu namoro com Genevieve; conhece Thomas; se apaixona pelo garoto e, por fim, sofre um ataque homofóbico. No hospital da Leteo, ao acordar e se lembrar de tudo, inclusive de sua homossexualidade, pede para passar pelo procedimento novamente: “– Quando vocês podem me mudar de volta? – pergunto, com a garganta doendo cada vez menos. – Fazer com que eu volte a ser hétero. De verdade desta vez” (Silvera, 2017, p. 242).

O Leteo é, portanto, utilizado como a cura gay. No Brasil, chamadas de ‘terapias de conversão’, são, em sua maioria, comandados por igrejas cristãs e têm, como preceito, a homossexualidade como patologia.

A patologização dos comportamentos e desejos homoeróticos deve ser entendida como consequência do processo mais amplo de patologização das sexualidades dissidentes. Na medida em que o conceito de instinto se torna uma categoria central, a partir da metade do século XIX, qualquer desvio de seu curso “normal”, isto é, o direcionamento heterossexual, passa a ser objeto de diagnóstico. Nas classificações psiquiátricas que começam a tomar corpo no final do século XIX, tais comportamentos e desejos passam a ser associados à categoria mais abrangente das perversões, como no clássico manual de Krafft-Ebing (1894): se há um desenvolvimento “normal”, tudo o que foge a ele é perverso. Nesse mesmo manual, a “inversão sexual” é entendida como sendo congênita ou adquirida, e podemos observar em seu conteúdo uma clara associação de comportamentos e desejos



homoeróticos com outros tidos como desviantes (como é o caso da masturbação nas mulheres e da pedofilia nos homens) (Garcia e Mattos, 2019, p. 53).

Ainda de acordo com Garcia e Mattos (2019), no Brasil, a homossexualidade passa a ser colocada nos manuais médicos e legais com diversas terminologias, mas sem levar em consideração a pluralidade sexual e de gênero, ou seja, tratavam o “homossexualismo” como uma entidade única, puramente biológica, e que se manifestaria sempre de uma mesma forma” (Garcia e Mattos, 2019, p. 53).

A pluralidade classificatória das homossexualidades é bastante presente em um dos manuais médicos brasileiros, o de Viveiros de Castro (1934), referência durante pelo menos quatro décadas para a medicina legal em nosso país. Nele, consta a categoria dos hermafroditas, que é diferenciada dos ginecomastas – homens sem genitália ambígua, mas com efeminização corporal, apresentando crescimento de seios, pouca pilosidade e desenvolvimento corporal e gestual tidos como tipicamente femininos – além da dos pederastas e das tríbadés (Garcia e Mattos, 2019, p. 53).

Green (2000), em pesquisa feita sobre a história da homossexualidade masculina no Brasil, diz que havia uma necessidade de controle populacional dos homossexuais no século XX e que, de acordo com Leonídio Ribeiro, um dos pesquisadores da época que foi utilizado na pesquisa de Green, as características homoafetivas se davam devido a um desequilíbrio endócrino. Após diversos métodos de mensuração, o resultado encontrado por Green nas pesquisas sobre a homossexualidade no Brasil feitas até o século XX é de que

[...] os homossexuais teriam características corporais mais “femininas”, como peso abaixo da média, tórax pequeno, distribuição de pelos pubianos mais típica de mulheres, ginecomastia e quadris mais largos. Paradoxalmente, como aponta Green (2000), teriam pênis maiores do que a média, ao contrário do que seria razoável supor na consideração de que teriam corpos considerados mais femininos (Garcia e Mattos, 2019, p. 54).

Hoje, as características físicas não são mais utilizadas para denominarem o que é ser gay – ou qualquer outra letra do LGBTQIAPN+ –, mas aspectos baseados em estereótipos são; então, se um homem aparenta ter comportamentos considerados femininos, é gay e, se uma mulher aparenta ter comportamentos masculinos, é lésbica. Vale dizer que, se levarmos em consideração essa ótica estereotipada, a bissexualidade deixaria de existir.

Nessa suposta quantidade de motivos para ser curado, Aaron cita algumas das razões que o fazem se sentir frustrado com sua vida, com sua forma de viver e com sua forma de lidar com o mundo:

Desculpe se não sou hetero. Desculpe se fui atrás de alguém por quem podia sentir alguma coisa de verdade. Desculpe se tive que me esconder para não ser espancado até a morte por estranhos. Desculpe se meu pai se matou por minha causa. Desculpe

se meu passado é tão terrível que eu não conseguia mais viver nele (Silvera, 2017, p. 251).

Para além do Outro e seus motivos opressores, Aaron foi levado a pensar que ser gay significava o fim para sua vida e, para ele, foi muito mais doloroso quando descobre que todos os seus amigos e familiares, incluindo Genevieve, sabiam da sua verdadeira sexualidade, do procedimento do Leteo, e concordaram em submeter Aaron à cura gay. Seu irmão, Eric, em conversa com o garoto diz: “[...] – Eu sabia a verdade. Isso já é o bastante para me responsabilizar caso você a engravidasse. Eu não detive você porque achei que sua vida seria mais fácil se você não fosse gay” (Silvera, 2017, p. 306). Já Brendan, seu melhor amigo, lidou de forma diferente:

– Eu não odeio você – diz Brendan. – Só não entendo por que você está sendo gay.  
– Não consegui mudar isso – digo. Exceto por aquela vez em que consegui, mas, mesmo assim, meio que não consegui.  
Ele se senta e apoia o cotovelo no joelho.  
– Você escolheu aquele moleque, o Thomas, em vez da gente. Nós somos sangue do seu sangue, e não ele, ou qualquer outra pessoa.  
– Talvez você tenha razão. Mas eu nunca soube disso. E agora, por culpa de vocês, sou basicamente um brinquedo sem pilhas.  
– Seus parceiros vão cuidar de você, A.  
– Mesmo se eu for gay? – Falo essa palavra em voz alta, sobre mim mesmo, porque, apesar de eu nunca ter escolhido isso, posso escolher pelo menos aceitar antes que seja tarde demais.  
Brendan não diz nada. Tenho a minha resposta. Subo as escadas e espero que um deles encontre seu final feliz. Realmente desejo isso ao meu antigo meio que melhor amigo, um cara muito confuso (Silvera, 2017, p. 307).

Genevieve, sua ex-namorada, ainda estava apaixonada por Aaron e, por isso, concordou em manter a farsa:

[...] – Talvez você esteja desenhando as coisas erradas. Você deveria tentar pintar com o que quer que sua vida se pareça. Poderia ser um mapa do futuro. Tenho certeza de que Thomas adoraria ajudar você com isso, desde que você não deixe que ele se empolgue demais.  
– Ou talvez você possa me ajudar – diz Genevieve, aproximando-se de mim.  
– Não posso. – Engulo em seco, esforçando-me para colocar para fora essas duas palavras, e lembrando, de repente, que meu irmão está me esperando lá embaixo. – Você é linda.  
– Linda o bastante para tornar você hétero? – Ela enxuga uma lágrima e solta uma risada. – Não custa nada tentar. Eu te amo, Aaron. Não digo isso de uma maneira estranha (Silvera, 2017, p. 316).

Neste emaranhado de situações, como a heterossexualidade compulsória, a abjeção e a cura gay, Aaron não conseguiu se sobressair, pelo contrário, contentou-se com um lugar à margem, assim como a sociedade heterossexista gostaria. O garoto quis se submeter a essa “cura gay” não somente uma vez, mas duas. Aaron opta, por fim, em não fazer a cirurgia, mas entende que sua vida nunca será feliz do jeito que ele imaginou se fosse um jovem

heterossexual: “Eu me tornei uma espécie de carnicheiro de felicidade, que vasculha as coisas feias do mundo, porque, se houver felicidade escondida nas minhas minhas tragédias, eu as encontrarei de qualquer maneira” (Silveira, 2017, p. 330).

Diferente da ideia fantasiosa de final feliz, Silvera expõe a realidade que muitos indivíduos homossexuais vivenciam. Não há um final feliz para Aaron por vários motivos: o garoto vive em um ambiente hostil e masculinizado, residindo em um bairro onde a heteronormatividade compulsória e os papéis de gênero devem ser performados; não bastando tal ambiente, no seio de sua família, ele passa por (o)pressões - algumas indiretas - que o levam a negar sua sexualidade; os amigos corroboram tais pressões, impedindo que Aaron seja o que ele é em seu íntimo; a medicina capitalista, representada pela Leteo, vende o sonho de que é possível esquecer o que não é desejado, contribuindo para que o protagonista aceite a ideia da cura gay; ao tentar corresponder ao que é esperado de si pela sociedade, isto é, compor o rol de sujeitos ‘normais’, Aaron não suporta a pressão e rejeita sua homossexualidade, causando a fragmentação de sua identidade (Hall, 2003).

O romance, então, faz refletir, sobre como milhares de jovens vivem uma identidade fragmentada em prol de sua aceitação, longe da abjeção. Deste modo, o título no original “More happy than not” pode apontar para dois caminhos. O primeiro deles é o menos plausível, depois de analisar o personagem minuciosamente, é que, ao negar sua sexualidade, Aaron estaria mais feliz (*more happy*), porque, se confessar sua homossexualidade, será rejeitado e, portanto, triste (*than not*). O segundo mostra que o título trata-se de uma ironia, visto que, após rejeitar sua essência, Aaron será para sempre infeliz, tendo que performar uma identidade que lhe é alheia, a qual fragmenta todo o seu verdadeiro ser. Como ser feliz assim?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As literaturas de maiorias minorizadas estão em constante ascensão, entretanto precisamos nos alertar para os riscos que as cercam. Essas obras que denunciam, expressam e mostram as vivências dos indivíduos marginalizados são atacadas, menosprezadas e postas como algo menor, sem valor, por aqueles ditos como maiorias, isto é, homens brancos, cisgêneros e heterossexuais, os mesmos em torno dos quais o cânone literário, invariavelmente, gira.

Se pensarmos no cânone literário, observamos que se compõe, basicamente, de autores considerados clássicos, do ocidente, cristãos, do sexo masculino e brancos. Não cabe neste trabalho realizarmos uma discussão profunda sobre tal tema, porém, basta entendermos que o cânone exclui as maiorias minorizadas, tanto em se tratando de sua composição quanto daqueles que o elegem. Se pensarmos que o primeiro uso da palavra ‘cânone’ como uma ‘lista de escritores’ foi no século IV (Perrone-Moisés, 1998), então compreendemos essa ênfase na escolha dos autores e também dos críticos que o elegiam, pois quem mantinha a prerrogativa para tal eram sujeitos das mais altas classes sociais, excluindo-se, portanto, mulheres, negros e indígenas, até porque, naquela época, as explorações europeias do continente africano e do novo mundo ainda não tinham iniciado, além de escritores e críticos do oriente, dentre outros. Além disso, a escrita a respeito dessas minorias, bem como temas relacionados ao homoerotismo, não era explorada pelas altas literaturas.

A literatura escrita por e sobre as maiorias minorizadas começa a ser notada – não escritas, diga-se de passagem – a partir do meio do século XX, tendo um grande boom a partir da década de 1960, e seu ápice no início do século XXI. É, nesse período, portanto, que as vozes antes subalternas passam a expressar suas vivências, bem como sua crítica começa a surgir, como observamos nas vertentes da Teoria Feminista (1960), da Teoria Pós-Colonial (1970) e da Teoria Queer (1990), para citar algumas. Todas elas possuem uma característica em comum, questionar o padrão estabelecido pelo cânone e revelar a existência de outras literaturas/vozes que fogem ao padrão pré-estabelecido desde o século IV.

No romance *queer Lembra aquela vez* (2017), de Adam Silvera, tratamos justamente sobre as consequências impostas por este padrão não tão fácil, ou melhor, impossível de se alcançar. No livro que aborda temas como gênero, sexualidade, raça e classe, constatamos que a ficção não está distante, já que acontece bem diante de nossos olhos. Nesta dissertação, estudamos a realidade imposta aos indivíduos LGBTQIAPN+, mais especificamente, do

adolescente gay, pobre e com ascendência latina, Aaron, protagonista e narrador do romance. Desse modo, podemos chegar a algumas conclusões.

No primeiro capítulo, intitulado *A literatura infantojuvenil, Adam Silvera e sua tessitura*, utilizamos os preceitos de Zilberman (2015), Coelho (2000), Claudin (2003), Hunt (2010), Garcia (2013), entre outros, para falar sobre a história da Literatura Infantil, sua fundamentação e os autores que, de alguma forma, deixaram sua marca na história desse gênero literário. Zilberman afirma que essa literatura surgiu no final do século XVII, mas como forma de controle intelectual das crianças, assim dizendo, tinha como princípio a moral e os bons costumes dos indivíduos dominantes.

Em complemento ao que postula Zilberman, Coelho cita as dez pautas moralizantes que estavam presentes na literatura II: a) *o individualismo*; b) *a obediência absoluta*; c) *o sistema social*; d) *a moral dogmática*; f) *a sociedade sexófoba*; g) *a reverência pelo passado*; h) *a concepção da vida*; i) *o racionalismo*; j) *o racismo* e, por fim, k) *a criança vista como adulto*. Hoje, essas temáticas não são vistas nesse nicho literário com tanta frequência, mas isso não quer dizer que não existam. O teor moralizador e, de certa forma, normativo, continua à venda nas livrarias, mas está sendo, constantemente, desafiado por livros com mensagens positivas, de inclusão e diversidade, em que o leitor constrói o sentido de acordo com sua leitura, aproximando-se, em alguma escala, da Estética da Recepção. Como bem expressado por Claudin (2003), o leitor, diga-se, a criança, pode ser induzida às ideologias de dominação, ou seja, de opressões, visto que o autor, com seus valores pessoais e morais, escreve a obra. Portanto, é necessário que tenhamos cuidados redobrados ao escolhermos livros II para seus receptores, o público infantil e juvenil. Além disso, como pontuado por Hunt (2010), a Literatura Infantil, com suas características e convenções próprias, precisa ser prazerosa para as crianças e os jovens, pois eles também possuem o direito de serem entretidos e satisfeitos.

Em busca de entender um pouco mais sobre o local em que a Literatura II de maiorias minorizadas está inserida, citamos alguns dos autores que receberam destaque nos últimos anos, como, por exemplo, Angie Thomas, Jason Reynolds, Cherie Dimaline, Joseph Bruchac, Sherman Alexie e Victor Martins, todos pertencentes às comunidades marginalizadas. Em sua tessitura, esses autores buscam incluir as vozes abafadas pelo discurso dominante de diferentes formas, algumas mais acintosas, outras mais veladas.

Já sobre o autor Adam Silvera, evidenciamos sua contribuição para a literatura *queer* com as obras *Os dois morrem no final* (2021); *O primeiro a morrer no final* (2023); *A história é tudo que me deixou* (2021); *E se fosse a gente?* (2019); *E se a gente tentasse?* (2022); *Infinity*

*son* (2020); *Infinity reaper* (2021); *Infinity kings* (2023); e *Lembra aquela vez* (2017). Por fim, agrupamos algumas das críticas especializadas feitas ao romance utilizado como corpus desta dissertação, por exemplo: *Young Adults' Choices Reading List*, *BuzzFeed's Best Young Adult Books of the Decade*, *ALA Quick Picks for Reluctant Young Adult Readers*, *Flicker Tale Children's Book Award for Older Readers*, *CBC Children's Choice Book Awards: Teen Choice Debut Author*, *Paste's Best Young Adult Books of All Time*, *Booklist's Best First Novels for Youth* etc. Salientamos, assim, o valor literário inerente à obra, evidenciando seu lugar no cenário literário dos Estados Unidos.

No capítulo 2, discorremos sobre as teorias que cercam esta dissertação, portanto, iniciamos com a história da homossexualidade desde a Grécia antiga e passamos pelos períodos da história até chegarmos aos dias atuais. Concluimos, dessa forma, que é a partir do Império Romano IV, com base no catolicismo, que as relações afetivas entre pessoas do mesmo gênero começam a se tornar um tabu. Após esse movimento de retrocedência, iniciamos um debate sobre gênero e sexualidade, utilizando Salih (2012) como referência. A autora, que é uma grande estudiosa de Judith Butler, busca desmistificar algo que é amplamente divulgado: Butler possui defeito estilístico e não tem conhecimento dos assuntos que aborda.

Pelo contrário, Salih (2012) esclarece que Butler nos mostra a fluidez com que o ser humano é constituído, assim, o gênero e a sexualidade são parte fundamentais da identidade e da subjetividade de qualquer sujeito. Vale lembrar que isso vai além da 'construção', mas atua como uma marca que define o indivíduo como alguém único.

Em seguida, buscamos esclarecer o conceito de sujeito, para tal, utilizamos Stuart Hall (2003) e suas definições de identidade, sendo elas: a) *o sujeito do iluminismo*; b) *o sujeito sociológico* e; c) *o sujeito pós-moderno*. Também desvendamos o conceito de sujeito de Butler, que alega que não há uma forma pré-existente, construída e formada por meio de práticas sociais. Ainda no mesmo capítulo, discorremos sobre o sexo e a sexualidade, temas estudados por tantas disciplinas, uma vez que é algo característico do ser. O sexo, por exemplo, é tema a partir do momento em que a gravidez é confirmada e, em consequência, uma vida é traçada em detrimento desse suposto sexo binário. Butler (1993) trabalha com o fato de que a sociedade é construída em uma base que proíbe o corpo que foge desse padrão de existir.

Já sobre a sexualidade, constatamos, pelos estudos de Louro (2004; 2012; 2014), que há uma tentativa de regular e normatizar as suas manifestações, pois tudo que se desalinha do que é imposto pela maioria deve ser tratado como um problema, um desvio. Ainda sobre sexualidade, descrevemos os 4 estágios da construção da identidade homossexual pensados por

R.R Troiden (1989), sendo eles: a) *a sensibilização*; b) *a confusão de identidade*; c) *suposição de identidade*; e d) *o compromisso*.

Seguidamente, introduzimos o conceito de Quare, criado por E. Patrick Johnson e discutido no Brasil por Morais (2020), uma vertente do *queer* para sujeitos afrodescendentes. Com ele, explicitamos a necessidade de uma linha que abranja os sujeitos que não se encaixam no padrão branco e rico, além de compreendermos os tensionamentos de raça e classe que ocorrem nos Estados Unidos e no Brasil.

Para finalizar o capítulo dois, incorporamos o subtópico que aborda a abjeção, termo criado por Julia Kristeva, em seu artigo *Poderes do Horror: um ensaio sobre a abjeção* (1980). Nele, tivemos como proposta explicar, de maneira clara, as formas como as maiorias minorizadas são colocadas diante da sociedade normativa. A abjeção está enraizada, ou seja, são nos pequenos detalhes e nas pequenas exclusões diárias que a enxergamos.

Assim, pudemos relacionar tais conceitos com a vivência de Aaron, protagonista do romance que possibilita a pesquisa desta dissertação. O jovem, que é gay, se culpa pela sua sexualidade e, durante toda sua trajetória, é atacado fisicamente e verbalmente, assim, como consequência, tem seu psicológico afetado, sua identidade fragmentada. A abjeção nega qualquer possibilidade de estruturação do indivíduo *queer*, impossibilitando-o, também, de se sentir pertencente a algo ou a alguém.

Por fim, no terceiro e último capítulo, discutimos e analisamos a obra *Lembra aquela vez* (2017), relacionando-a com as teorias aqui apresentadas. Iniciamos constatando que Aaron, em detrimento de todas as opressões, passa a se ver como o ‘outro’, assim, definimos o título do capítulo como “O ‘eu’ como o ‘outro’ em *Lembra aquela vez*”. Em seguida, relembramos que a obra narra a jornada de Aaron desde sua infância até o fim da sua adolescência, com todas as aflições que o transformaram no personagem complexo criado por Silvera.

Após essas perspectivas analisadas, correlacionamos a tentativa de suicídio de Aaron (por não se aceitar como um garoto gay) com o que fala a *The Behavioral Risk Factor Surveillance System (BRFSS)* (2022): o estigma contra as minorias sexuais leva ao estresse que, conseqüentemente, causa danos à saúde física e mental, por isso os jovens LGBTQIAPN+ podem estar em um maior risco de cometer suicídio<sup>37</sup>.

Logo depois, introduzimos o subtópico “A heterossexualidade compulsória”, utilizando os conceitos de Rich (1980), Butler (2003) e Salih (2012) para falar sobre como Aaron é

---

<sup>37</sup> *Sexual Orientation and Gender Identity: Demographics and Health Indicators*. Disponível em: [https://www.health.ny.gov/statistics/brfss/reports/docs/2022-16\\_brfss\\_sogi.pdf](https://www.health.ny.gov/statistics/brfss/reports/docs/2022-16_brfss_sogi.pdf). Acesso em 27 de abril. 2024.

submetido a isso. Quando namora uma garota, Genevieve, mesmo sendo homossexual, está sob as amarras da compulsoriedade; assim como também sente a necessidade de passar pelo procedimento do Leteo para poder voltar a ser heterossexual.

Seguidamente, iniciamos o subtópico “O antes do Leteo” para abordar a vivência de Aaron antes do procedimento, portanto, perpassamos por acontecimentos que marcaram sua vida no que diz respeito à descoberta de sexualidade. Assim, fomos capazes de relacionar essas etapas de sua vida com a obrigação que crianças LGBTQIAPN+ têm de lidar com suas sexualidades na infância; no caso de Aaron, a problemática foi a de gostar de coisas supostamente femininas quando mais jovem.

Dessa forma, entendemos que a identidade homossexual é vista como inferior à identidade feminina, ou seja, é classificada como o Outro do Outro do Outro, uma vez que a norma que rege a sociedade é a heterossexual e masculina.

Após, falamos sobre como identidades LGBTQIAPN+ são condicionadas a se sentirem indignas de amor e, para viver em sociedade, terão que se esconder, ocupando as margens. Aaron vive em uma prisão e a forma que encontrou para se livrar disso é fazendo a manutenção dessa homofobia, por isso a necessidade de continuar em um relacionamento heterossexual exposto, casar-se e ter filhos. Miskolci (2012) discursa sobre como o heterossexismo opera um terrorismo cultural para impor a heterossexualidade compulsória em pessoas LGBTQIAPN+.

Por fim, abrimos o subtópico “O primeiro procedimento do Leteo, a metáfora da cura gay e a patologização da homossexualidade”, em que abordamos a forma em que o Leteo é utilizado como a cura gay, assim, em adição, debatemos sobre as terapias de conversão que, em sua maioria, são comandadas por instituições cristãs, concebendo a homossexualidade como patologia.

Em suma, Aaron, como já discutido, não possui um final feliz, ou seja, não vence a norma, mas sucumbe-se a ela. O garoto decide, por duas vezes, suprimir de sua mente o fato de ser gay, já que, em seu ponto de vista, ser parte da comunidade *queer* trouxe – e ainda traz – mais sofrimento.

Aaron sofre repressões por todos que estão a sua volta, como seus amigos do bairro e sua família, que concordaram em fingir que o garoto sempre foi heterossexual. O jovem também utiliza de mecanismos para negar sua sexualidade, como o machismo e a própria homofobia. Quando ele profere as falas "sem viadagem!", está perpetuando a opressão estrutural como um meio de negar a si próprio.



Outras formas que o personagem utiliza para negar sua sexualidade é evitar falar com as pessoas ao seu redor sobre gostar de garotos; se forçar a namorar uma garota; esconder seu relacionamento com Collin; sua tentativa de suicídio etc. Todas as imposições violentas de repressão sexual.

De acordo com a ONG Grupo Gay da Bahia (GGB), a maior e mais antiga ONG LGBTQIAPN+ da América Latina, em 2023, no Brasil, foram registradas 257 mortes violentas de indivíduos LGBTQIAPN+, ou seja, a cada 34 horas, uma pessoa perdia a vida. Assim, o Brasil continua em primeiro lugar no ranking de países mais homotransfóbicos do mundo.<sup>38</sup>

A ficção, que é a representação da realidade, nos coloca em um ponto de reflexão sobre os rumos que a sociedade, em âmbito mundial, está tomando. Por mais que tenhamos dado passos largos na luta pelos direitos das maiorias minorizadas, é com grande preocupação que assistimos algum desses direitos serem perdidos.

O romance é, de fato, uma bandeira contra a violência, pois escancara a realidade que os sujeitos *queer* são submetidos por serem abjetos aos olhos da sociedade normativa. Tal constatação revela a importância da inclusão das vozes minorizadas na literatura IJ, pois dá vazão a uma gama de identidades suprimidas, obliteradas. E, para além disso, mostra uma realidade difícil, assim como a de Aaron, em que não há finais felizes para todos.

É, sem dúvidas, necessário que haja uma frente para combater o conservadorismo reacionário, mas que também tenhamos cautela para não perder parte dos nossos indivíduos. Nenhum corpo merece viver uma vida apenas de luta, pelo contrário, é necessário que possamos aproveitar a vida como merecemos: com segurança, direitos institucionais, rede de apoio e uma pitada de resistência.

Para finalizar, destacamos que a obra de Adam Silvera, *Lembra aquela vez* (2017), possui diversas interpretações e caminhos de análise a serem seguidos, mas que não puderam ser exploradas mais a fundo, como a masculinidade compulsória; a ficção científica na literatura *queer* etc. Os campos possíveis demonstram a riqueza que uma obra IJ LGBTQIAPN+ pode conter, desmistificando a falácia de que são literaturas de menor valor.

---

<sup>38</sup> ONG contabiliza 257 mortes violentas de LGBTQIA+ no Brasil. Disponível em: ONG contabiliza 257 mortes violentas de LGBTQIA+ em 2023 | Agência Brasil (ebc.com.br). Acesso em: 22 de abril, 2024

## REFERÊNCIAS

- BORBA, Francisco. **Dicionário UNESP de Português contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BROWNE, Katelyn R. **Reimagining Queer Death in Young Adult Fiction: Research on Diversity in Youth Literature**: Vol. 2: Iss. 2, Artigo 3. Disponível em: <<https://sophia.stkate.edu/rdyl/vol2/iss2/3>>. Acesso em: 22 de março. 2024.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"**. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 47–58, 2003. DOI: 10.5007/1518-2924.2003v8n15p47. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2003v8n15p47>>. Acesso em: 12 de julho. 2024.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- COELHO, Nelly. **Literatura Infantil: Teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- CORINO, Luiz Carlos Pinto. Homoerotismo na Grécia antiga – homossexualidade e bissexualidade, mitos e verdades. **BIBLOS**, [S. l.], v. 19, p. 19–24, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/249>>. Acesso em: 19 de abril. 2024.
- GARCIA, Antero. **Critical Foundations in Young Adult Literature Challenging Genres**. [s.l.] Rotterdam: Sense Publishers, 2013.
- GARCIA, M. R. V.; MATTOS, A. R. “Terapias de Conversão”: Histórico da (Des)Patologização das Homossexualidades e Embates Jurídicos Contemporâneos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 8 maio 2020. Acesso em: 10 de fevereiro, 2024.
- GOUVEA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 31, n. 01, p. 79-91, abr. 2005. Disponível em: <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022005000100006&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022005000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 18 de novembro. 2023.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

INSTITUTO HOUAISS. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

IOTTI, Paulo. Da Homossexualidade à Homoafetividade: Dos Gregos à Contemporaneidade. **Revista Direito Civil**. Jundiaí, v. 3. n.1, p. 83-107, jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaDirCivil/article/view/1756>>. Acesso em: 10 de agosto, 2023.

LAURETIS, Teresa de. “Tecnologias do gênero”. In: **Tendências e impasses: O feminismo como crítica da cultura**. Organização de Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. **A necessidade da subversão: a teoria queer na educação**. São Paulo: Editora Autêntica, 2004.

LOURO, FELIPE, GOELLNER. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LOURO, G. L. Corpo, Escola e Identidade. **Educação & Realidade**. [S. l.], v. 25, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/46833>>. Acesso em: 25 abr. 2024.

LEITCH, V. B. **The Norton Anthology of Theory and Criticism**. New Tork, London: W.W Norton & Company, 2010.

MARCHETTO, A. **BOOKTUBERS: uma nova face da crítica literária jornalística**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Escola de Comunicação, Educação e Humanidades da Universidade Metodista de São Paulo. São Paulo, p. 278, 2019.

MORAIS, Fernando. **Analítica Quare: como ler o humano**. Salvador: Editora Devires, 2020.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. São Paulo: Editora Autêntica, 2012.

PERFEITO, A et al. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2009.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas Literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação: as minorias da Idade Média**. Tradução: Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RODRIGUES, Nuno. Problemáticas da prostituição masculina na Atenas clássica. In: IRIARTE, Ana; FERREIRA, Nazaré. **Idades e gênero na literatura e na arte da Grécia antiga**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017. p. 129-166.

SALIH, Sarah. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução: Guacira Lopes Louro. São Paulo: Autêntica, 2012.

SILVERA, Adam. **Biography**. Adam Silvera, 2023. Disponível em: <<http://www.adamsilvera.com>>. Acesso em: 01 de julho. 2023.

SILVERA, Adam. **Lembra Aquela Vez**. Tradução: Lucas Peterson. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2015.

YUNITA, Ira; KUNKARA, Singgih; ARIANI, Setya. Victimization of Queer Individual as Portrayed in Adam Silvera's More Happy Than Not Novel. **Ilmu Budaya: Jurnal Bahasa, Sastra, Seni, dan Budaya**. v. 07, abril 2023. Acesso em 22 de março, 2024.